
EDITORA CENTRAL gospel
FUNDAMENTOS DA FÉ CRISTÃ
Um manual de teologia ao alcance de todos
JAMES MONTGOMERY BOICE



Livro I

O Deus soberano

Parte 1

O conhecimento de Deus

Para ser sábio, é preciso primeiro temer a Deus, o SENHOR. Se você conhece o Deus Santo, então você tem compreensão das coisas.

Provérbios 9.10 (NTLH)

E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

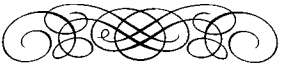
João 17.3

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis.

Romanos 1.18-23

CAPÍTULO 1

SOBRE CONHECER DEUS



Numa noite quente, nos primeiros anos da era cristã, um homem sofisticado e muito culto, chamado Nicodemos, foi ver um jovem rabino, Jesus de Nazaré. Aquele homem queria discutir sobre a realidade. Então, começou a conversa com uma afirmação sobre aonde sua própria busca pessoal pela verdade o havia levado. Ele disse:

> *Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.*
>
> João 3.2

Com exceção da palavra *rabi*, uma maneira educada de um judeu se dirigir a um mestre em teologia, as primeiras palavras de Nicodemos eram uma alegação de conhecimento considerável, pois ele afirmou: *sabemos*. A partir daí, Nicodemos começou a cogitar as coisas que ele poderia saber, ou achava que sabia, e com as quais queria iniciar a discussão: (1) que Jesus continuava a fazer muitos milagres; (2) que aqueles milagres tinham como propósito legitimá-lo como Mestre enviado por Deus; (3) e que, por conseguinte, Jesus era aquele a quem eles deveriam dar ouvidos.

Infelizmente, para Nicodemos, Jesus respondeu que tal prerrogativa [*sabemos*] estava errada e que Nicodemos não poderia, portanto, saber algo sobre a realidade espiritual até que primeiro experimentasse uma transformação profunda e espiritual.

> *Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.*
>
> João 3.3,7,8

Os comentários subsequentes de Nicodemos — *Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?* (Jo 3.4,9) — revelaram, ao menos, um reconhecimento implícito de sua falta de conhecimento sobre coisas importantes [a que o Rabi se referia].

Jesus enfatizou que o verdadeiro conhecimento começa pelo conhecimento da realidade espiritual, o conhecimento que vem de Deus, e que isso se encontra na revelação do Altíssimo sobre si mesmo na Bíblia e na vida e obra de Jesus, a obra do Salvador da humanidade.

CRISE CONTEMPORÂNEA

Esse diálogo [entre Jesus e Nicodemos] ainda é relevante em nossos dias, pois os

questionamentos, dúvidas e frustrações que Nicodemos enfrentou há quase dois mil anos ainda são atuais.

Nicodemos tinha certo conhecimento [das Escrituras], mas faltava-lhe a chave para acessar o conhecimento [espiritual], o elemento que juntaria as peças. [Como *mestre de Israel* (Jo 3.10)] Nicodemos sabia algumas coisas, contudo sua busca pela verdade o havia levado a uma crise pessoal.

Da mesma forma, hoje, sabe-se muito no sentido de ter informações e conhecimento técnico e científico, mas [do ponto de vista espiritual das verdades eternas] sabe-se tanto hoje quanto se sabia em qualquer época anterior, pois o tipo de conhecimento que subsidia a informação e dá significado à vida está ausente.

A natureza do problema pode ser constatada ao examinarmos as duas quase exclusivas abordagens ao conhecimento hoje [a racional e a emocional].

Por um lado, existe a ideia de que a realidade pode ser conhecida *apenas pela razão*. Essa abordagem não é nova, é claro. É a abordagem desenvolvida por Platão[1] e assumida pelo pensamento grego e romano, depois dele.

Na filosofia de Platão, o conhecimento verdadeiro é o conhecimento da essência eterna e inalterável das coisas, não apenas o conhecimento de fenômenos mutáveis; é um conhecimento de formas, ideias e/ou ideais. Nosso equivalente mais próximo seriam as chamadas *leis da ciência*.

De modo superficial, essa abordagem ao conhecimento pelo exercício da razão supostamente imparcial parece desejável, porque ela é produtiva, como os avanços técnicos atuais em geral indicam. Mas ela não vem sem problemas.

Sob um determinado aspecto, é um conhecimento bem impessoal e, como diriam alguns, despersonalizante, pois, nessa abordagem, a realidade se torna [um objeto de estudo ou] uma coisa (uma equação, lei, ou pior ainda, meros dados), e homens e mulheres se tornam coisas também, com o resultado inevitável de que podem, assim, ser manipulados como qualquer outra matéria-prima, para quaisquer fins.

Um exemplo disso é a manipulação das nações mais pobres pelas mais ricas, para o "bem" da economia em expansão destas. (Tal injustiça é analisada e corretamente condenada por Karl Marx[2] no *Manifesto Comunista*, *O Capital* e outros trabalhos.) Outro exemplo é o próprio comunismo que, apesar de seu ideal de melhorar o destino das massas, manipula-as com fins ideológicos.

Ao nível pessoal, há uma ciência da tecnologia comportamental e ensinamentos assustadores de um homem como B. F. Skinner, da Universidade de Harvard, que afirma que indivíduos devem ser condicionados cientificamente para o bem da sociedade.

Há ainda outro problema com a tentativa de conhecer a realidade por meio apenas da razão: esta abordagem não dá uma base adequada para a ética. Pode dizer o que a realidade é; no entanto, não o que ela deveria ser. Em consequência, os extraordinários avanços tecnológicos de hoje são acompanhados por uma permissividade moral extrema e debilitante, que promete em seu devido tempo romper até com os valores e o sistema que permitiram tanto os avanços como a permissividade. Essa era a mesma lógica de muitos filósofos gregos que, embora fossem homens de grande intelecto, tinham vidas depravadas.

Recentemente, as falhas do sistema racionalista contribuíram para uma nova geração no mundo ocidental que abandonou a razão, a fim de conhecer a realidade por meio da *experiência emocional*.

Na antiguidade, a reação mais comum dos gregos à impessoalidade de sua filosofia se dava por meio da participação intensa deles nos rituais de religiões místicas, que prometiam uma união emocional com algum deus,

induzida por luzes, música, incenso ou, talvez, drogas. Em nossa época, a mesma abordagem veio à tona com a redescoberta de religiões orientais [o hinduísmo, o budismo, o taoísmo, o confucionismo e o xintoísmo], a ioga e a meditação transcendental, o potencial de movimento humano (HPM)[3] e outras práticas, em tese, expansoras da mente, que podem ou não se utilizar de drogas [para alcançar outras dimensões da realidade].

Essa outra abordagem moderna também tem vários problemas. Primeiro, a experiência não dura. É transitória. Cada tentativa de alcançar a realidade por meio de experiência emocional promete algum tipo de êxtase, mas este é seguido de uma sensação de vazio, com o problema adicional de que estímulos cada vez mais intensos parecem tornar necessário repetir a experiência. No final, isso termina em autodestruição ou em desilusão profunda.

Um segundo problema é que a abordagem da realidade por meio das emoções não satisfaz a mente. Promotores dessas experiências, em particular experiências com drogas, falam de uma percepção mais intensa da realidade que resulta dela. Mas a experiência deles não tem conteúdo racional. A razão humana, que deseja analisar tais coisas e compreendê-las, fica insatisfeita. O resultado dessa situação é uma crise, hoje, na área do conhecimento como na antiguidade. Muitas pessoas não sabem para onde ir.

Em suma, a abordagem racionalista é impessoal e amoral. Já a abordagem emocional é sem conteúdo, transitória e, com frequência, imoral.

"Esse é o fim? Não há outras possibilidades? Não há um terceiro caminho?" — muitos indagam.

Um terceiro caminho

Nesse sentido, o cristianismo se apresenta com a reivindicação de que há um terceiro caminho e que este caminho é forte em especial naqueles pontos onde as outras abordagens são deficientes.

A base dessa terceira abordagem é que há um Deus que criou todas as coisas, que Ele mesmo estabeleceu um propósito para a criação e que podemos conhecê-lo.

Essa é uma possibilidade emocionante e satisfatória. É emocionante porque envolve a possibilidade de contato entre o indivíduo e Deus, por mais insignificante que o indivíduo possa parecer aos seus próprios olhos ou aos olhos de outros. É satisfatório porque esse conhecimento não advém de uma ideia ou uma coisa, e sim de um Ser supremo e pessoal, e porque tal conhecimento em geral resulta numa profunda mudança de conduta [de quem o obtém].

É por isso que a Bíblia enfatiza que, *para ser sábio, é preciso primeiro temer a Deus, o Senhor. Se você conhece o Deus Santo, então você tem compreensão das coisas* (Pv 1.9 NTLH).

Aqui, contudo, precisamos ser claros sobre o que queremos dizer quando falamos em *conhecer Deus*, pois muitos usos comuns do verbo *conhecer* são inadequados para transmitir o significado bíblico [naquela passagem].

O verbo *conhecer* pode ser usado com o mesmo sentido de *saber* [ficar sabendo, ter indícios, ciência, informação da existência de algo ou alguém].

Nesse caso, podemos dizer que sabemos onde uma pessoa mora ou do acontecimento de certos eventos. Este tipo de conhecimento não requer nosso envolvimento pessoal e tem um peso pequeno em nossa vida.

Outro sentido do verbo *conhecer* é [ser apresentado, reconhecer] *saber por experiência própria* sobre algo ou alguém. É o conhecimento pela descrição. É isso que a Bíblia quer dizer quando fala sobre conhecer Deus.

[Partindo desses dois significados do verbo *conhecer*] Podemos dizer, por exemplo, que conhecemos a cidade de Nova Iorque,

Londres ou Moscou, querendo aludir com isso que temos ciência da cidade, dos nomes das ruas onde as maiores lojas se encontram e outros fatos por termos vivido lá ou pela leitura de livros [e/ou de guias de viagem, Internet e outras fontes].

Na esfera religiosa, o tipo de conhecimento [que recebemos de forma mais impessoal] vem por meio da teologia, que, embora importante, não é tudo sobre religião nem a alma desta.

A Bíblia nos diz muito sobre o Criador, a fim de que possamos entender [cognitivamente sobre Ele e Seus atributos]. (Na verdade, muito do que se segue nesse livro é dirigido à nossa necessidade de tal conhecimento.) Mas o conhecimento teológico não é o suficiente, pois até os grandes teólogos podem confundir-se e achar que a vida não tem sentido.

O verdadeiro conhecimento sobre Deus também é mais do que *conhecer pela experiência própria*. Afinal, seria possível a alguém que viveu numa determinada cidade dizer que seu conhecimento desta localidade advém não de livros, mas da experiência de ele ter morado lá, andado pelas ruas, comprado nas lojas, ido aos teatros.

Quanto a isso, teríamos apenas de admitir que o conhecimento desse alguém está num nível acima do meramente teórico adquirido por meio da leitura ou da experiência de outrem; contudo, ainda assim, não é o conhecimento completo sobre algo, como no sentido cristão.

Suponha, por exemplo, que uma pessoa fosse a um campo iluminado por estrelas no frescor de uma noite de verão, contemplasse os céus cintilantes, e voltasse dizendo que veio conhecer Deus por meio do campo. O que você diria a ela?

O cristão não tem que negar a validade dessa experiência, até certo ponto. Por certo, aquele é um conhecimento mais rico do que a mera consciência de que Deus existe, pois aquele tipo de conhecimento implica afirmar que Deus é poderoso e o criador de tudo o que vemos e sabemos.

Ainda assim, esse tipo de conhecimento é inferior ao que a Bíblia considera como conhecimento profundo e verdadeiro sobre Ele, uma vez que, na Bíblia, para alguém conhecer Deus, precisa nascer de novo, de um novo modo [ser gerado espiritualmente por Deus], a fim de poder conversar com Ele e conhecê-lo.

(Assim, a existência do criador se torna não apenas algo em que se possa crer, mas Ele próprio se torna um amigo com o qual podemos relacionar-nos e conhecer de modo pessoal, e nós podemos continuar sendo transformados no processo.)

Tudo isso nos leva, passo a passo, a uma melhor compreensão da palavra *conhecimento*. Todavia, ainda uma qualificação é necessária. De acordo com a Bíblia, mesmo quando o significado mais alto possível é dado à palavra, *conhecer Deus* não é apenas saber quem Ele é, conhecer [Seus atributos ou Seus feitos] isoladamente. É sempre conhecer Deus [reconhecendo Seus atributos, Suas leis e Seu modo de agir] em Seu relacionamento conosco.

Em consequência, de acordo com a Bíblia, o conhecimento de Deus acontece só quando há também conhecimento sobre nós mesmos e nossa profunda necessidade espiritual, junto a uma aceitação da provisão graciosa de Deus de nossas necessidades por meio da obra de Cristo e a aplicação prática dessa obra em nós pelo Espírito de Deus. Logo, o conhecimento de Deus ocorre no contexto da piedade cristã, do louvor e da devoção.

A Bíblia ensina que esse conhecimento sobre Deus é obtido nem tanto devido à nossa intensa busca por Ele, mas porque o Senhor [de modo soberano] revelou-se a nós em Cristo e nas Escrituras.

J. I. Parker escreveu sobre esse conhecimento, dizendo:

> Conhecer Deus envolve, primeiro, ouvir a Palavra de Deus e recebê-la como o Espírito Santo a interpreta, aplicando-a a si mesmo; segundo, ao perceber a natureza de Deus e Seu caráter, como Sua Palavra e Sua obra o revelam; terceiro, aceitar Seu convite e fazer o que Ele manda; quarto, reconhecer e regozijar-se pelo amor que Ele demonstrou e, assim, aproximar-se [dele] e trazer alguém à Sua comunhão divina. (Packer, 1973, p. 32)

Por que conhecer Deus?

"Espere um minuto," alguém poderia argumentar, "tudo isso soa complicado e difícil. Na verdade, parece difícil demais. Se é isso que está envolvido, não quero tomar parte nisso. Dê-me uma boa razão para eu me dar a esse trabalho". Essa é uma objeção justa, todavia há uma resposta adequada a ela. Na verdade, há muitas.

Em primeiro lugar, o conhecimento sobre Deus é importante, pois somente por meio disso uma pessoa pode entrar no que a Bíblia chama de *vida eterna*. Jesus indicou isso quando orou:

> *E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste.*
>
> João 17.3

À primeira vista, a vida eterna não parece ser importante o bastante para o homem natural desejar conhecer Deus a todo o custo.

Isso ocorre porque, por carecer da vida eterna, o homem não entende o que está perdendo. Ele é como uma pessoa que diz não apreciar boa música. A inaptidão dele não faz com que a música não tenha valor; apenas indica princípios inadequados de apreciação estética dele.

De modo semelhante, aqueles que não apreciam a oferta de vida eterna de Deus demonstram que não têm a capacidade de compreender e valorizar o que lhes falta.

A Bíblia diz:

> *Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.*
>
> 1 Coríntios 2.14

Talvez ajudasse se fosse dito àquela pessoa que a promessa de vida eterna é também a promessa de desfrutar uma vida abundante como um ser humano autêntico [e glorificado].

Isso é verdade, contudo a vida eterna significa bem mais do que isso. Significa voltar a viver não só num sentido novo, mas também num sentido eterno. Foi o que Jesus afirmou [implicitamente] quando declarou:

> *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá.*
>
> João 11.25,26

Em segundo lugar, o conhecimento de Deus é importante porque, como ressaltamos antes, ele também envolve um conhecimento acerca de nós mesmos.

Em nossa época, repleta de psiquiatras e psicólogos, homens e mulheres gastam bilhões de dólares por ano na tentativa de conhecerem a si mesmos, compreender sua psique, sua alma.

Certamente, há uma necessidade da psiquiatria, particularmente a psiquiatria cristã. Mas esta, sozinha, é insuficiente, ainda mais se não cooperar para que as pessoas conheçam Deus, de modo que o valor e as falhas delas possam ser confrontados.

Por um lado, o conhecimento de nós mesmos por meio do conhecimento de Deus é

humilhante. Nós não temos os atributos dele. Ele é santo; nós, impuros. Ele é bom; nós, maus. Ele é sábio; nós, tolos. Ele é forte; nós, fracos. Ele é amoroso e cheio de graça; nós, cheios de ódio e presunção egoísta. Portanto, conhecer Deus implica ver a nós mesmos como Isaías se viu em Isaías 6.5:

> *Então, disse eu: ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!*

Implica reconhecer nossas falhas, como Pedro, que disse a Jesus: *Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador* (Lc 5.8).

Em contrapartida, tal conhecimento de nós mesmos a partir do conhecimento de Deus também pode ser confortante e satisfatório, pois, apesar do que nos tornamos, ainda somos criação de Deus e por Ele somos amados. Não há maior dignidade dada a homens e mulheres do que esta.

Em terceiro lugar, o conhecimento de Deus também nos dá conhecimento sobre mundo: seu bem e seu mal, seu passado e futuro, seu propósito e julgamento iminente pelas mãos de Deus.

Em certo sentido, é uma extensão do argumento que acabamos de apresentar. Se o conhecimento acerca de Deus nos permite conhecer melhor a nós mesmos, inevitavelmente nos traz conhecimento sobre o mundo, pois este é formado também por pessoas. Por outro lado, o mundo tem uma relação especial com Deus: está em pecado e rebelião contra o Criador, mas tem valor como instrumento para Seu propósito; é um lugar confuso até que conheçamos o Deus que o criou e aprendamos com Ele a respeito do que vai acontecer com o mundo.

A quarta razão de o conhecimento sobre Deus ser importante é ser o único caminho para santidade pessoal. Este é um objetivo que o homem natural dificilmente deseja. Mas é essencial, não obstante. Nossos problemas procedem não somente do fato de sermos ignorantes sobre Deus, mas também do fato de sermos pecadores e não querermos o que é bom. Às vezes, odiamos o bem, mesmo o bem nos beneficiando.

Conhecer Deus pode levar-nos à santidade. Conhecer Deus como Ele é implica amá-lo como Ele é e querer ser como Ele. Esta é a mensagem em um dos textos mais importantes da Bíblia acerca do conhecimento sobre Deus:

> *Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas. Mas o que se gloriar glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor.*
> Jeremias 9.23,24

Jeremias, um profeta do Antigo Testamento, também escreveu sobre o dia em que os que não conhecem Deus virão a conhecê-lo:

> *E não ensinará alguém mais a seu próximo, nem alguém, a seu irmão, dizendo: Conhecei ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior, diz o Senhor; porque perdoarei a sua maldade e nunca mais me lembrarei dos seus pecados.*
> Jeremias 31.34

Por fim, o conhecimento sobre Deus é importante porque apenas por meio dele a Igreja pode tornar-se forte. Em nós mesmos somos fracos, mas, como Daniel escreveu, *o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo* (Dn 11.32b ARA)

Não temos uma Igreja nem muitos cristãos fortes hoje. Se rastrearmos a causa, constataremos a falta de conhecimento espiritual profundo.

Por que a Igreja está fraca? Por que um cristão isolado dos outros é fraco? Porque permitiu que sua mente se conformasse ao "espírito de nossa era", com seu pensamento mecanicista, ímpio. Muitos cristãos se esqueceram de como Deus é e o que Ele promete àqueles que nele confiam.

Peça a um cristão mediano para falar sobre Deus. Após ele dizer coisas previsíveis, você constatará que tal pessoa [pelo seu desconhecimento da Palavra e sua falta de experiência com o Senhor] crê num deus pequeno, de sentimentos vacilantes; um deus que gostaria de salvar o mundo, mas não consegue; que gostaria de refrear o mal, mas, de algum modo, isto parece estar além do seu poder; um "vovô" que se aposentou de sua obra, mas que ainda tem boa vontade para dar bons conselhos, embora, na maior parte do tempo, permita que seus filhos deem seu jeito para sobreviver num ambiente perigoso.

Tal deus não é o Deus da Bíblia! Aqueles que conhecem Deus percebem o erro conceitual e rejeitam-no. O Deus da Bíblia não é fraco; é todo-poderoso. Nada acontece sem a permissão dele ou fora de Seus propósitos, nem o mal. Nada o perturba ou confunde. Seus propósitos são sempre realizados. Assim, aqueles que o conhecem de fato, agem com ousadia, seguros de que o Todo-poderoso está com eles para realizar Seus agradáveis propósitos na vida deles.

Vejamos um exemplo. Daniel e seus três amigos [Hananias, Misael e Azarias] eram homens espirituais [fiéis a Deus e obedientes aos Seus mandamentos]. [Após a invasão dos caldeus, os quatro jovens judeus foram deportados para a Babilônia]. Viviam no ambiente ímpio da corte babilônica. Eles estavam cativos, mas eram bons escravos. Eles serviam ao rei. Mas a dificuldade surgiu quando se recusaram a infringir os mandamentos do Deus verdadeiro a quem eles conheciam e adoravam.

Quando uma grande estátua de Nabucodonosor foi erguida e de todos foi exigido que se curvassem diante dela, para adorá-la, os três amigos de Daniel se recusaram (ver Dn 3), e quando, por decreto real, foi proibido dirigir qualquer petição, a não ser ao rei, por 30 dias, Daniel fez o que sempre fazia: continuou orando a Deus três vezes ao dia, diante de uma janela aberta que dava para Jerusalém (ver Dn 6).

O que havia de errado com aqueles quatro homens? Eles estavam enganados em relação às consequências [de sua insubmissão aos decretos reais]? Acharam que o não cumprimento passaria despercebido?

De jeito nenhum. Eles sabiam as consequências, mas conheciam Deus. Confiavam que o Senhor tinha poder para resolver aquela situação. Ele poderia manifestar Sua salvação tanto na cova dos leões como na fornalha.

[Com base em sua fé e conhecimento sobre Deus, ousadamente] Hananias, Misael e Azarias disseram ao rei Nabucodonosor:

> *Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará do forno de fogo ardente e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.*
>
> Daniel 3.17,18

A concepção de um deus fraco não produz homens fortes; um deus assim nem merece ser adorado. Já o Deus todo-poderoso, o Deus bíblico, é uma fonte de força para aqueles que o conhecem.

A ciência mais elevada

Então, vamos aprender sobre Deus e conhecê-lo num sentido mais pleno e bíblico. Jesus nos encorajou a fazer isso quando disse:

> *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre*

> *vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma.*
> Mateus 11.28,29

Essa aproximação proporciona sabedoria verdadeira a todos. É uma responsabilidade especial e um privilégio do cristão.

Qual é o melhor curso teológico para quem é filho de Deus? Não é assentar-se aos pés do próprio Deus, para conhecê-lo de modo pessoal?

Há outros estudos que valem à pena, é verdade. Mas a ciência mais elevada, mais expansora de mente, dentre todas é a revelada por Deus.

Spurgeon escreveu:

> Há algo muito proveitoso para a mente na contemplação do divino. É um assunto tão vasto que todos os nossos pensamentos se perdem em sua imensidão; é tão profundo, que nosso orgulho se afoga em sua infinitude. Podemos compreender e manejar outros assuntos, sentir algum tipo de satisfação com isto, e seguir o nosso caminho pensando "vejam como sou sábio". Mas, quando nos deparamos com essa ciência superior, descobrimos que nosso fio de prumo não pode ressoar a profundidade dela e que nossos olhos de águia não podem ver sua grandiosidade, e voltamos com [...] a solene exclamação: "sou de ontem, e nada sei"[...] Contudo, enquanto humilha a mente, pensar sobre Deus também a expande [...] Nada ampliará tanto o intelecto, nada magnificará tanto a alma do homem, quanto uma devotada, honesta e contínua investigação do grande assunto: Deus. (SPURGEON, 1975, p.1)

Todo cristão deve buscar esse objetivo. Deus prometeu que aqueles que o buscam o encontrarão e que, para aqueles que batem, a porta se abrirá (ver Mt 7.7).

NOTAS

1 Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia, em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Plat%C3%A3o)

2 Karl Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. Herdeiro da filosofia alemã, ele foi considerado, ao lado de Kant e Hegel, um de seus grandes representantes.

A teoria marxista é, substancialmente, uma crítica radical das sociedades capitalistas. Marx se posicionou contra qualquer separação drástica entre teoria e prática, entre pensamento e realidade, porque essas dimensões, para ele, seriam abstrações mentais (categorias analíticas) que, no plano concreto, real, integram uma mesma totalidade complexa.

O marxismo constitui-se como a concepção materialista da História, longe de qualquer tipo de determinismo, mas compreendendo a predominância da materialidade sobre a ideia e da dialética das coisas. Portanto, não é possível entender os conceitos marxianos como forças produtivas, capital, entre outros, sem levar em conta o processo histórico.

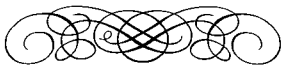
Marx compreendeu o trabalho como atividade humana que desenvolve socialmente o homem. Sendo este um ser social, a história das relações sociais e de produção dá lugar à humanidade. É a partir desta compreensão e concepção revolucionárias do homem, que Marx identificará a alienação do trabalho como a alienação das demais coisas, tendo sua compreensão do real influenciado cada dia mais a ciência por sua consistência.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx)

3 O potencial de movimento humano foi uma psicoterapia humanista desenvolvida entre 1960 e 1970, com técnicas de desenvolvimento de indivíduos por meio de grupos de encontro, de terapia do grito primal e outras psicoterapias associadas. Embora o potencial do movimento humano e a terapia humanista sejam algumas vezes usados como sinônimos, esta (que floresceu entre 1940 e 1950, com base nos ensinamentos de Freud e Nietzsche) precedeu o potencial do movimento humano, fornecendo sua base teórica.

A terapia humanista foi inicialmente vista como capaz de ajudar uma pessoa a fazer pleno uso das suas capacidades pessoais que a levariam à criatividade, autorrealização e felicidade pela integração de todos os componentes da personalidade. Esses elementos incluiriam o desenvolvimento físico, emocional, intelectual, comportamental e espiritual. As marcas de uma pessoa autorrealizada e feliz seriam a maturidade, o autoconhecimento, a independência e a autenticidade. O problema parece ter sido a mistura nesta terapia de técnicas psicanalíticas e místico-religiosas, que vieram à tona com os movimentos de Nova Era.
(Fonte: wikipédia)

CAPÍTULO 2

O Deus desconhecido



A soma total da nossa sabedoria, a que merece o nome de sabedoria verdadeira e certa, abrange estas duas partes: o conhecimento que se pode ter de Deus, e o de nós mesmos. (Calvino, 1960, p. 35)

Essas palavras do parágrafo inicial da obra *Institutes of the Christian Religion* [As Institutas da religião cristã] marcam o ponto para o qual o capítulo anterior nos trouxe, mas também introduzem um novo problema. Se de fato a verdadeira sabedoria consiste no conhecimento sobre Deus e sobre nós mesmos, somos imediatamente levados a perguntar: "Mas, quem tem tamanho conhecimento? Quem conhece Deus ou conhece a si mesmo de verdade?"

Se formos honestos, teremos de admitir que, enquanto formos deixados por nossa própria conta ou confiarmos em nossas próprias habilidades, a única resposta possível é "ninguém". Se vivermos de acordo com nossas próprias convicções, nenhum de nós verdadeiramente conhecerá Deus, tampouco conheceremos nós mesmos de maneira adequada.

Onde está o problema? É evidente que não conhecemos a nós mesmos porque falhamos em primeiro conhecer Deus. Mas, por que não conhecemos Deus? Ele é impossível de ser conhecido? A culpa é dele ou é nossa?

Antes de chegarmos a essa conclusão devemos estar conscientes do que está envolvido. Se a culpa é nossa, embora esse fato em si possa ser desconfortável, é possível pelo menos corrigi-lo, pois Deus pode qualquer coisa. Ele pode intervir. Por outro lado, se a culpa é de Deus (ou, como preferiríamos dizer, se a culpa é da própria natureza das coisas), então não pode ser feito absolutamente nada. A chave do conhecimento inevitavelmente escapa de nós, e a vida é absurda.

Em *The Dust of Death* [As cinzas da morte], *Os Guinness*[1] ilustra isso ao descrever uma apresentação teatral cômica encenada pelo comediante alemão Karl Vallentin. Nessa performance, o comediante sobe num palco iluminado apenas por um pequeno círculo de luz. Ele anda para lá e para cá ao redor do círculo com um semblante preocupado. Ele está procurando por alguma coisa.

Passado algum tempo, um policial chega perto dele e pergunta o que ele perdeu. "Perdi a chave da minha casa", Vallentin responde. O policial se junta a essa busca, mas por fim a procura parece inútil. "Tem certeza de que a perdeu aqui?", pergunta o policial. "Ah, não!", diz Vallentin, apontando para o canto escuro. "Foi ali." "Então, por que você está procurando aqui?" "Ali, não há luz", responde o comediante (Os Guinness, 1973, p.148).

Se Deus não existe, ou se Deus existe, mas o fracasso em conhecê-lo é culpa dele, então a busca pelo conhecimento é como a busca do comediante alemão. Onde ela deveria ser feita

não há luz; onde há luz não há sentido em procurar. Mas, é esse o caso? Na Bíblia é declarado que o problema está em nós, não em Deus. Portanto, o problema tem solução. Tem solução porque Deus pode dar, e na verdade já deu, passos para se revelar a nós, provendo, por meio disso, a chave que faltava para o conhecimento.

Consciência de Deus

Devemos começar com o problema: por mais estranho que possa parecer, a pessoa que não conhece Deus, ainda que num sentido menor, mas válido, conhece-o, embora reprima esse conhecimento.

Nesse ponto, precisamos voltar à distinção entre uma *consciência sobre Deus* e o verdadeiro *conhecimento de Deus*. Conhecer Deus é penetrar no conhecimento de nossa profunda necessidade espiritual e da providência dele para essa necessidade, e daí vir a confiar no Senhor e reverenciá-lo. Ter consciência sobre Deus é meramente uma sensação de que há um Deus e que Ele merece nossa obediência e adoração. Homens e mulheres não conhecem, obedecem ou adoram a Deus naturalmente. Contudo, certamente têm uma consciência sobre Ele.

Isso nos remete a algumas das mais importantes palavras já registradas em benefício da humanidade — da carta do apóstolo Paulo à recém-estabelecida Igreja em Roma. Elas contêm a primeira tese do apóstolo em sua grande exposição da doutrina cristã.

> *Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis.*
>
> Romanos 1.18-23

Nesses versículos, vemos três ideias importantes: 1) a ira de Deus contra o homem natural é demonstrada; 2) o homem intencionalmente rejeitou Deus; 3) essa rejeição aconteceu apesar de uma consciência natural de Deus que toda pessoa tem.

Dupla revelação

A terceira ideia, a consciência natural sobre Deus que toda pessoa tem, é o ponto de onde precisamos partir, pois vemos que, embora ninguém naturalmente conheça Deus, a deficiência que temos de conhecê-lo não é culpa dele. O Senhor nos deu uma dupla revelação de si mesmo, e todos nós a temos.

A primeira parte dela é a revelação de Deus na natureza. O argumento de Paulo pode ser resumido assim: tudo que possa ser conhecido sobre Deus pelo homem natural foi revelado na natureza. Obviamente, precisamos reconhecer que é um conhecimento limitado. Na verdade, Paulo definiu isso como duas coisas apenas: o poder eterno de Deus e Sua divindade. Todavia, embora esse conhecimento seja limitado, é suficiente para eximir de culpa qualquer pessoa que falhe ao partir desse ponto para buscar Deus plenamente.

No discurso contemporâneo, a expressão *poder eterno* poderia ser reduzida à palavra *supremacia*, e *divindade* poderia ser traduzida como *ser*. Paulo estava dizendo, então, que há

uma evidência ampla e completamente convincente na natureza de um Ser supremo. Deus existe, e os seres humanos sabem disso. Este é o argumento.

Quando, em seguida, homens e mulheres se recusam a reconhecer e adorar a Deus, como fazem, a culpa não está numa falta de provas, mas numa determinação irracional e resoluta deles de não conhecê-lo.

O Antigo Testamento aponta uma clara revelação de Deus na natureza:

> *Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes em toda a extensão da terra, e as suas palavras, até ao fim do mundo.*
>
> Salmo 19.1-4

A questão é que a revelação de Deus na natureza é suficiente para convencer qualquer um da Sua existência e do Seu poder, se o indivíduo assim quiser.

A segunda parte da revelação do Senhor é a Sua autorrevelação. Poderíamos chamá-la de revelação interna ou, pelo menos, a capacidade interna de receber uma. Ninguém em seu estado natural vem a conhecer Deus no sentido pleno da Bíblia. Mas, a toda pessoa foi dada a capacidade de receber a revelação natural.

Paulo falou dessa capacidade quando disse que *porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles* [os homens que detêm a verdade pela injustiça], *porque Deus lhes manifestou* (Rm 1.19 ARA).

Suponha que você esteja dirigindo numa rua e encontre uma placa que diz "Desvio — Vire à esquerda". No entanto, você ignora e continua dirigindo. Mas, há um policial presente, que para você e começa a anotar uma multa. Que desculpa você poderia dar? Você pode argumentar que não viu a placa. Porém, isso não fará diferença. Uma vez que você está dirigindo o carro, a responsabilidade de ver a placa e obedecer-lhe é sua. Além disso, você é responsável se, por tê-la ignorado, você negligentemente se lança num penhasco e destrói a si mesmo e aos passageiros.

Paulo estava dizendo, primeiro, que há uma placa. É a revelação de Deus na natureza. Segundo, você tem visão. Se você opta por ignorar a placa, consequentemente procura o desastre, portanto a culpa é sua.

Na verdade, o julgamento de Deus (como o do policial) vem não porque você não sabia ou não poderia saber sobre Deus, mas porque, estando consciente de Deus, você, não obstante, recusou-se a reconhecê-lo como Deus. Paulo escreveu: *Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças* (Rm 1.20,21).

Paulo não estava dizendo que há tantas provas suficientes sobre Deus na natureza que o cientista, que investiga detalhadamente os mistérios da natureza, pode ter consciência dele. O apóstolo não disse que a placa está lá, mas está tão escondida que só poderemos encontrá-la se procurarmos cuidadosamente. Paulo afirmou que a placa é clara. É um *outdoor*. Ninguém, não importa quão débil ou insignificante, tem como apresentar uma desculpa para não notá-la.

Há provas suficientes de Deus numa flor para levar tanto uma criança como um cientista a adorá-lo. Há provas suficientes numa árvore, numa pedra, num grão de areia, numa impressão digital, para nos fazer glorificar o Senhor e dar graças a Ele.

Esse é o caminho para o conhecimento. Entretanto, as pessoas não fazem isso. Elas substituem a natureza ou partes desta por Deus, e seu coração se encontra obscurecido.

Calvino[2] delineou esta conclusão:

> Mas, embora careçamos de capacidade natural para podermos chegar ao puro e líquido

> conhecimento sobre Deus, somos impedidos de toda e qualquer escusa porque o defeito dessa obtusidade está dentro de nós. Não temos direito à tergiversação, nem justificativa alguma, porque não podemos pretender tal ignorância sem que nossa própria consciência nos convença de negligência e ingratidão. (Calvino, 1960, p. 68,69)

Rejeição a Deus

Quando Calvino fala de negligência e ingratidão, ele nos conduz ao segundo ponto do argumento de Paulo em Romanos 1.18: o fato de que todos rejeitaram Deus a despeito da Sua revelação na natureza. Entretanto, ao desenvolver esse ponto em Romanos, o apóstolo mostrou a natureza da rejeição e por que ela aconteceu.

A chave para essa rejeição universal a Deus se encontra na frase *que detêm a verdade pela injustiça* (Rm 1.18). Em grego, o verbo traduzido como *detêm* é *katechein*, que significa *segurar*, *segurar firme*, *guardar*, *pegar*, *impedir*, *restringir* ou *reprimir*.

Num sentido positivo, o verbo é usado para significar *reter o que for bom*. Paulo diz *retendo firmemente a palavra da vida* (Fp 2.16 NVI). Num sentido negativo, é empregado para significar erroneamente *reprimir ou impedir algo*. Assim, em outras traduções bíblicas o texto de Romanos 1.18 menciona *os homens que suprimem a verdade pela injustiça* (NVI), *suprimem a verdade em injustiça* (NASB), e *mantêm a verdade aprisionada em sua perversidade* (JB).

Isso, portanto, é a natureza do problema. A ira de Deus é derramada do céu contra os seres humanos não porque eles simplesmente, e talvez de forma descuidada, negligenciaram a verdade, mas sim porque deliberada e maldosamente reprimiram qualquer coisa, no fundo de seu coração, que soubessem sobre Deus.

R. C. Sproul[3] chamou esse argumento de "o cerne da psicologia de Paulo sobre o ateísmo" (Sproul, 1974, p. 59), ressaltando que é nesse ponto que a culpa humana recai. Conhecimento suficiente foi dado a todas as pessoas para fazer com que se voltassem de si mesmas e de seu próprio modo de vida para Deus, e começassem a procurá-lo. Mas, esse conhecimento, como uma grande mola, foi pressionado para baixo. Assim, a mola ameaça pular e demolir as opiniões e o estilo de vida daquele que a reprime. Portanto, quando a pessoa a pressiona para baixo, ela está reprimindo a verdade.

Por que fazemos isso? Se é verdade, conforme observado no capítulo anterior, que o conhecimento sobre Deus nos leva a nosso mais importante objetivo, e se, assim como acabamos de dizer, o início desse conhecimento já está presente em nós, por que o reprimimos? Não acolheríamos tal verdade e buscaríamos que ela emergisse? As pessoas são tão irracionais a esse ponto? Ou a visão de Paulo é hesitante?

Paulo não errou. Homens e mulheres reprimem a verdade. Porém, a razão para fazerem isso é que eles não gostam da verdade sobre Deus. Não gostam do Deus para o qual a verdade os leva.

Observe que Paulo iniciou Romanos 1.18 (ARA) dizendo que a ira de Deus se revela do céu contra toda *impiedade e perversão dos homens*. *Impiedade* tem vários significados. Neste caso, o significado não é tanto que os homens não são como Deus (ainda que seja verdade), mas que, além disso, estão em oposição a Deus e à Sua natureza divina. Deus é soberano, mas as pessoas não gostam de Sua soberania. Não querem reconhecer que há alguém que exerce poder justo sobre elas. A santidade do Senhor coloca nosso próprio pecado em questão.

Deus é onisciente, mas não gostamos desse conhecimento total dele. Não gostamos de um Deus que vê no escuro recôndito de nosso coração e conhece-nos intimamente. Quase

tudo que pode ser conhecido sobre Deus é assustador para o homem natural de um jeito ou de outro. Então ele reprime as provas que o levariam na direção do verdadeiro conhecimento de Deus.

A segunda palavra no versículo 18 de Romanos 8 é *perversão*. Tudo sobre Deus é repugnante ao homem natural, mas o motivo predominante dessa repugnância é a justiça de Deus. Ele é santo, mas as pessoas são pecaminosas. Elas são ímpias e gostam da impiedade. Consequentemente não desejam conhecer um Deus que faz reivindicações morais a elas. Conhecer Deus exige mudanças. Em outras palavras, a recusa em conhecer Deus é baseada tanto em motivos intelectuais como morais.

REJEITANDO O CONHECIMENTO DE DEUS

Neste ponto, chegamos à fonte verdadeira do problema humano. Homens e mulheres rejeitaram o conhecimento inicial sobre Deus por motivos morais e psicológicos. Contudo, acham impossível parar por aí. Eles rejeitaram Deus; mas ainda são criaturas de Deus e têm uma necessidade do Senhor em sua composição intelectual e moral.

Não dispostos a conhecer o Deus verdadeiro e sendo incapazes de viver sem Ele, os seres humanos inventaram deuses substitutos para preencher Seu lugar. Esses deuses podem ser leis científicas sofisticadas da nossa cultura, os ídolos dos gregos e romanos ou as imagens bestiais, depravadas, do paganismo.

A universalidade da religião não se deve a homens e mulheres que buscam Deus, como alguns têm defendido. Em vez disso, é porque não aceitam Deus. Ainda assim, algo tem de ocupar o lugar dele.

O processo de rejeição se dá em três estágios bem conhecidos dos psicólogos tradicionais: trauma, repressão e substituição.

Em sua análise sobre o ateísmo, Sproul mostra que o confronto com o Deus verdadeiro choca e fere as pessoas. É traumático. Consequentemente, elas reprimem o que sabem. "Não há trauma se os olhos estão sempre fechados em reação ao choque da luz — após a dor ser experimentada"(SPROUL, 1974, p. 75).

O ponto importante neste caso é que o conhecimento de Deus, embora reprimido, não é destruído. Ele permanece intacto, ainda que profundamente enterrado no subconsciente. A falta é, portanto, sentida, e a substituição de "o que não é Deus" pelo Deus verdadeiro segue-se.

A IRA DE DEUS

Finalmente, chegamos à primeira afirmativa de Paulo, tendo analisado os três pontos mais importantes de Romanos 1.18 em ordem reversa: a ira de Deus é merecidamente desferida contra os seres humanos porque eles reprimiram o conhecimento de Deus que estava claro para eles.

Algumas pessoas se sentem profundamente perturbadas pelo fato de o grande Deus do universo expressar ira. Elas entendem que Ele é um Deus de amor, e de fato é, e não conseguem conceber como Ele pode ter esta característica assim como aquela.

Nisso as pessoas fracassam: ou em conhecer, ou em entender o amor de Deus. Um Deus que não se ira contra o pecado é um Ser mutilado ou deformado. Falta-lhe alguma coisa. Deus é perfeito em Seu amor. Isso é verdade. Mas, Ele é também perfeito em Sua ira, a qual, como Paulo nos diz em Romanos, *se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens.*

Em qualquer apresentação lógica de doutrina, a ira de Deus é a primeira verdade que aprendemos sobre Ele.

Por que Paulo não começou dizendo que o amor de Deus se revela do céu? Não é que Deus não seja amor, porque Ele é, como Paulo posteriormente sustenta. Antes, é assim

para que reconheçamos nossa profunda necessidade espiritual e sejamos preparados para receber o conhecimento de Deus no Senhor Jesus Cristo, o Salvador, somente no qual o podemos receber.

Se homens e mulheres se aproximarem de Deus vangloriando-se de seu suposto conhecimento espiritual, Deus os declarará ignorantes. Se o fizerem vangloriando-se de seus próprios feitos, Deus não poderá, nem irá, recebê-los. Mas, se eles se aproximarem do Senhor de forma humilde, reconhecendo que de fato rejeitaram o que foi claramente revelado sobre Deus na natureza, que eles não têm desculpa, que a ira de Deus merecidamente paira sobre eles, então Deus trabalhará em sua vida. Ele mostrará que já providenciou um meio de apaziguar a ira que lhes era devida, que Jesus já a aplacou, e que o caminho está aberto para seu crescimento tanto no amor como no conhecimento de Deus.

Notas

1 Os Guinness é cientista social e um dos principais apologistas da atualidade. Nascido na China, hoje reside nos Estados Unidos e possui mais de 20 obras de grande sucesso internacional publicadas.
(Fonte: http://www.iqc.pt/entrevistas/os-guinness-cientista-social-e-apologista-crist-o-fala-da-actualidade-e-desafia-os-cr.html)

2 João Calvino, teólogo cristão francês do século 16, foi um dos maiores influenciadores da Reforma Protestante. A doutrina que ensinou e viveu é conhecida como calvinismo.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Calvino)

3 Robert Charles Sproul, nascido em 1939 em Pittsburgh, Pensilvânia, é um teólogo calvinista e pastor, fundador e presidente da *Ligonier Ministries*, uma organização sem fins lucrativos sediada em Orlando.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Charles_Sproul)

Parte 2

A Palavra de Deus

Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra.

2 Timóteo 3.16,17

E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?

Lucas 24.32

A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos simplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e alumia os olhos.

Salmo 19.7,8

Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido.

Mateus 5.18

Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.

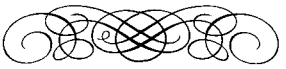
2 Timóteo 4.3,4 — ARA

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.

2 Timóteo 2.15

CAPÍTULO 3

A Bíblia



Nosso estudo sobre a doutrina cristã conduziu-nos a três grandes verdades: 1) o conhecimento de Deus é nosso maior bem; 2) Deus revelou na natureza certas verdades sobre si mesmo a todos; mas 3) as pessoas rejeitaram essa revelação e substituíram-na por deuses falsos no lugar do Criador.

A consciência do Deus verdadeiro é dada a nós externamente, em tudo o que vemos, e internamente por meio do funcionamento de nossa mente e de nosso coração. Contudo, negamos nossa consciência de Deus, mudando o conhecimento que temos em superstição. Como resultado, o mundo, com toda a sua sabedoria, não conhece Deus e, assim, carece de conhecimento sobre si mesmo também.

O que há para ser feito? É óbvio, pelo que foi dito, que homens e mulheres não podem fazer nada por si mesmos. Mas, as boas novas do cristianismo são que, embora não possamos fazer nada, Deus fez alguma coisa. Ele fez o que precisava ser feito: comunicou-se conosco. Em outras palavras, além da geral, mas limitada, revelação dele mesmo na natureza, o Senhor providenciou uma revelação especial, planejada para levar aqueles que não o conheciam e não queriam conhecê-lo a um conhecimento salvador dele.

Essa revelação especial tem três estágios: primeiro, temos a redenção na história. Isso está centrado na obra do Senhor Jesus Cristo. Ele morreu no lugar de pecadores e ressuscitou como prova de justificação divina. Segundo, temos a revelação escrita, a Bíblia.

Deus providenciou registros interpretativos do que foi feito para nossa redenção. Finalmente, temos a aplicação dessas verdades na mente e no coração do indivíduo por intermédio do Espírito Santo. Como resultado, o indivíduo nasce de novo, recebe Jesus como Salvador, e é capacitado para segui-lo até o fim da vida.

É evidente, entretanto, que nessa revelação especial em três estágios a Bíblia é fundamental. Somente nas Escrituras aprendemos sobre a divina redenção dos pecadores em Cristo; por meio delas, Deus fala com indivíduos. Portanto, como disse Calvino, "nossa sabedoria deveria ser nada mais do que abraçar com humilde ensinabilidade, e pelo menos sem encontrar defeito, o que quer que seja ensinado na Escritura Sagrada" (Calvino, 1960, p. 237).

Deus falou

A importância da Bíblia está em ser a Palavra de Deus escrita. E a primeira razão para acreditar que a Bíblia é isso é o próprio ensinamento da Bíblia sobre si mesma. Esse é o ponto de onde todas as pessoas, e particularmente os cristãos, deveriam partir.

Muitos apelam para as Escrituras em defesa de doutrinas básicas: a doutrina de Deus, a

divindade de Cristo, a redenção, a ressurreição, a natureza da Igreja, a obra do Espírito Santo, o julgamento final e muitos outros pontos da teologia. Eles o fazem corretamente. No entanto, se a Bíblia tem autoridade e é correta nesses assuntos, não há razão pela qual ela não deveria ter autoridade e ser correta quando fala de si mesma.

Quando seguimos essa abordagem, o primeiro texto a ser lido é 2 Timóteo 3.16. Nele, o Novo Testamento fala do Antigo Testamento, mencionando que *Toda Escritura é divinamente inspirada*. A expressão em inglês *é inspirada por* (RSV) ou *é dada por inspiração de* (KJV) só traduz uma palavra grega. Essa palavra, como B. B. Warfield ressaltou no início do século, "muito distintamente não significa *inspirada* por Deus" (WARFIELD, 1959, p. 132).

Essa expressão inglesa chegou até nós pela Vulgata Latina (*divinitus inspirata*) mediante tradução de Wycliff (*"Al Scripture of God ynspyrid is..."*) e outras versões do inglês arcaico. Mas, a versão grega não significa *inspirada*. Ela literalmente significa *soprada* por Deus. Esta palavra nunca foi corretamente traduzida por nenhuma versão em inglês até a publicação, em 1973, da Nova Versão Internacional: Novo Testamento.

A palavra grega *theopneustos* combina a palavra para *Deus* (*theos*) e a palavra para *respirar* ou *espírito* (*pneustos*). Em inglês, temos a palavra para *Deus* preservada nas palavras *theology* (teologia), *theophany* (teofania), *monotheism* (monoteísmo), *atheist* (ateu), e nos nomes *Dorothy*, *Theodore*, entre outros. *Pneuma* é preservado nas palavras pneumático e pneumonia. Juntos, esses vocábulos ensinam que as Escrituras são o resultado direto do fôlego de Deus.

Warfield escreveu:

> O termo grego não tem [...] nada a dizer sobre *in*spirado ou sobre *in*spiração; fala apenas sobre o ato de respirar (*spiring* ou *spiration*). O que o termo diz que a Escritura é não é que seja "inspirada para dentro por Deus", ou que seja produto de "inspiração divina" para dentro de seus autores humanos, mas que é respirada para fora por Deus [...]. Quando Paulo declara, então, que *Toda Escritura* é produto do folêgo divino, "é emanada de Deus", ele afirma isso com tanta energia quanto possa empregar que a Escritura é produto de uma operação especificamente divina. (WARFIELD, 1959, p. 133)

Algumas coisas registradas na Bíblia, claro, são meramente as palavras de homens fracos e falhos. Todavia, quando esse é o caso, as palavras são indicadas como tal, e o ensino divino nas passagens envolvidas é que tais pontos de vista são fracos e falhos. Para dar um exemplo, nos capítulos iniciais do livro de Jó lemos *pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida* (Jó 2.4). Mas isso não é verdade, pelo menos não em todos os casos.

Como isso se explica? Ao ler o capítulo 2 de Jó cuidadosamente, vemos que as palavras foram faladas pelo diabo, descrito em outros trechos como *pai da mentira* (Jo 8.44).

Semelhantemente, no restante do livro, encontramos capítulos longos cheios de conselhos vãos, e muitas vezes errados, dos consoladores de Jó. Contudo, as palavras deles não são totalmente verdadeiras, e de repente Deus interrompe a falta de propósito para perguntar: *Quem é este que escurece o conselho com palavras sem conhecimento?* (Jó 38.2). Nesta passagem, Deus especificamente expõe as falsas opiniões dos conselheiros de Jó.

A Bíblia tem autoridade absoluta em relação à veracidade das narrativas, e, toda vez que Deus fala tanto de forma direta como por intermédio de um de Seus profetas, não há somente perfeita exatidão, mas também autoridade plena em Suas palavras. Foi observado que, só no Pentateuco, a expressão *Deus disse* ocorre mais de 800 vezes, e que a

sentença *assim disse o Senhor* é um refrão recorrente declarado pelos profetas.

A Bíblia diz /Deus diz

Ao lado de 2 Timóteo 3.16, pode ser colocada uma série dupla de passagens coletadas por Warfield, mostrando claramente que os escritores do Novo Testamento identificaram a Bíblia que eles possuíam, o Antigo Testamento, com a palavra viva de Deus.

> Numa dessas classes de passagens, as Escrituras são descritas como se fossem Deus; na outra, fala-se de Deus como se Ele fosse as Escrituras: nas duas juntas, Deus e as Escrituras são trazidos em tamanha conjunção que mostram que quanto à diretividade de autoridade não havia distinção entre eles. (Warfield, 1959, p. 299)

O leitor sensível da Bíblia pode concluir que o único e divino caráter dos livros sagrados não foi absolutamente uma afirmação inventada ou abstrata dos escritores bíblicos, mas sim uma aceitação básica por trás de tudo que eles ensinaram ou escreveram.

Exemplos dessa primeira classe de passagens selecionadas por Warfield são:

Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti.

Gálatas 3.8

Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Gênesis 12.1-3

Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.

Romanos 9.17

Mas deveras para isto te mantive, para mostrar o meu poder em ti e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.

Êxodo 9.16

Não foi, entretanto, a Escritura (que não existia na época) que, prevendo o propósito da graça no futuro, falou essas palavras preciosas a Abraão, mas Deus mesmo, em Sua própria pessoa. Não foi a ainda inexistente Escritura que fez esse anúncio a Faraó, mas Deus por intermédio de Moisés. Esses atos poderiam ser atribuídos à "Escritura" apenas como resultado de uma identificação habitual, na mente do escritor, do texto da Escritura com o discurso de Deus. Por isso, tornou-se natural o uso da expressão *a Escritura diz*, quando o que realmente se pretendia era "Deus, conforme registrado na Escritura, disse".

Exemplos da outra classe de passagens:

Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne?

Mateus 19.4,5

Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.

Gênesis 2.24

Portanto, como diz o Espírito Santo, se ouvirdes hoje a sua voz.

Hebreus 3.7

Porque ele é o nosso Deus, e nós, povo do seu pasto e ovelhas da sua mão. Se hoje ouvirdes a sua voz.

Salmo 95.7

Senhor, tu és [...] que disseste pela boca de Davi, teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs?

Atos 4.24,25

Por que se amotinam as nações, e os povos imaginam coisas vãs?

Salmo 2.1

E que o ressuscitaria dos mortos, para nunca mais tornar à corrupção, disse-o assim: As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei. Pelo que também em outro Salmo diz: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Atos 13.34,35

Inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de Davi.

Isaías 55.3

Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Salmo 16.10

E, quando outra vez introduz no mundo o Primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.

Hebreus 1.6

Jubilai, ó nações, com o seu povo, porque vingará o sangue dos seus servos, e sobre os seus adversários fará tornar a vingança, e terá misericórdia da sua terra e do seu povo.

Deuteronômio 32.43

Faz dos ventos seus mensageiros, dos seus ministros, um fogo abrasador.

Salmo 104.4

O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo.

Salmo 45.6

Desde a antiguidade fundaste a terra.

Salmo 102.25

Não é na boca de Deus que essas palavras no texto do Antigo Testamento são colocadas: são palavras de outros, registradas na Escritura como faladas por Deus ou a Deus. Poderiam ser atribuídas a Ele somente por meio de uma identificação habitual, na mente dos escritores, do texto da Escritura com as declarações de Deus. Por isso, tornou-se natural usar a expressão *Deus diz*, quando o que realmente se pretendia era *a Escritura, a Palavra de Deus, diz*.

> Os dois grupos de passagens, juntos, mostram, portanto, uma identificação absoluta, na mente desses escritores, da Escritura com o falar de Deus. (WARFIELD, 1959, p. 299,300)

MOVIDOS POR DEUS

Nenhuma das discussões anteriores tem como objetivo negar o legítimo elemento humano nas Escrituras.

Em 2 Pedro 1.21 (ARA), o apóstolo escreveu: *porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens* [santos] *falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo*. Isso deve ser excessivamente enfatizado, principalmente por causa de alguns equívocos atuais de que Pedro reconheceu que pessoas tiveram uma parcela em escrever as Escrituras. Ele disse *homens... falaram*. Entretanto, o que torna a Bíblia diferente de outros livros é que na sua fala (ou escrita) os autores foram movidos por Deus.

Os escritores bíblicos escreveram a partir de sua própria experiência. Eles usaram o seu próprio vocabulário. O refinamento literário de seus escritos varia. Eles por vezes usaram fontes seculares. Foram seletivos. De muitas maneiras os livros da Bíblia apresentam evidências de terem sido escritos por pessoas que foram muito humanas e atentas ao seu tempo. Ainda assim, também apresentam evidências de serem algo mais que simplesmente escritos de homens.

Pedro disse que esses escritores *falaram da parte de Deus* e foram *movidos pelo Espírito Santo*. A palavra traduzida como *movidos* é significativa. Ela foi usada por Lucas para descrever a descida do Espírito Santo como *um som, como de um vento veemente e impetuoso* (At 2.2).

Posteriormente, Lucas empregou mais uma vez tal palavra no relato dramático da tempestade mediterrânea que destruiu o navio que levava Paulo a Roma. Lucas observou que o navio foi *arrastado* pelo vento: *sendo o navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar* (At 27.15 ARA).

No versículo 17 de Atos 27 (NTLH) está escrito que *desceram as velas e deixaram que o navio fosse levado pelo vento*. Lucas quis dizer que o navio estava à mercê da tempestade. Não deixou de ser navio, mas deixou de ter controle sobre seu curso e destino.

Da mesma forma, Pedro ensina que os escritores da Bíblia foram levados ao longo de seus escritos a escrever as palavras que Deus planejava que fossem registradas. Eles escreveram como pessoas, mas pessoas movidas pelo Espírito Santo. O resultado foi a revelação de Deus.

O texto de 2 Pedro 1.21 não sugere nada sobre um método particular pelo qual os escritores bíblicos tornaram-se conscientes da Palavra de Deus e a transcreveram. Os métodos que o Senhor usava para comunicar Sua revelação aos escritores bíblicos variavam. Aparentemente alguns escreviam como as pessoas poderiam escrever hoje, coletando material e compondo-o para apresentar os eventos ou ênfases mais significativos. Assim eram João, o autor do quarto Evangelho, e Lucas, o autor do terceiro Evangelho e de Atos (Jo 20.30; Lc 1.1-4; At 1.1,2). Eles não receberam os livros por palavras de Deus.

Moisés recebeu a revelação da Lei no monte Sinai em meio ao fogo, à fumaça e ao trovão (Êx 19.18,19). O Senhor revelou Sua mensagem a Daniel em visão (Dn 2.19), como talvez também a Paulo uma vez (Gl 1.11,12). Isaías disse ter ouvido a voz do Senhor como teria ouvido a voz de outro ser humano: *Mas o SENHOR dos Exércitos se declarou aos meus ouvidos* (Is 22.14). Os métodos são claramente variados, mas o resultado é o mesmo. O produto é uma revelação específica de Deus.

A maioria dos textos mencionados até agora tem a ver com o Antigo Testamento. Mas, há também textos que indicam que o ensino do Novo Testamento sobre o Antigo aplica-se aos escritos do Novo Testamento da mesma forma. Assim, Paulo escreveu sobre o evangelho que ele pregava:

> *Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes.*
>
> 1 Tessalonicenses 2.13

De igual modo, Pedro colocou as cartas paulinas na mesma categoria que o Antigo Testamento:

> *E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como*

em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição.
2 Pedro 3.15,16

É óbvio que o Novo Testamento não fala de si mesmo com a mesma frequência e exatamente da mesma maneira que fala do Antigo Testamento, uma vez que os livros do Novo Testamento não haviam sido reunidos em um volume autorizado durante o tempo de vida dos escritores. Não obstante, em muitas ocasiões os escritores do Novo Testamento com certeza falam de seus escritos como as palavras de Deus. Em alguns casos, quando um livro do Novo Testamento foi escrito tarde o suficiente para saber de outro escrito do Novo Testamento, o livro mais recente fala dos anteriores usando os mesmos termos com que cristãos e judeus costumavam referir-se ao Antigo Testamento.

O TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO

A razão mais importante para crer que a Bíblia é a palavra de Deus escrita e, portanto, a única autoridade para cristãos em todas as questões sobre fé e conduta é o ensino de Jesus Cristo. Hoje é comum para alguns contrastarem a autoridade da Bíblia desfavoravelmente com a de Cristo. Mas, tal contraste é injustificável. Jesus se identificava tanto com as Escrituras e interpretava Seu ministério à luz das mesmas que é impossível enfraquecer a autoridade dele sem ao mesmo tempo enfraquecer a autoridade da Bíblia.

O grande apreço de Cristo pelo Antigo Testamento é visto primeiro pelo fato de que Jesus se referia a ele como autoridade infalível. Quando tentado pelo diabo no deserto, Jesus respondeu três vezes com citações de Deuteronômio (Mt 4.1-11). Ele respondeu à pergunta dos saduceus sobre o *status* celestial do casamento e a realidade da ressurreição (Lc 20.27-40) de duas formas: primeiro, por meio de uma repreensão, afirmando que eles não conheciam nem as Escrituras nem o poder de Deus; segundo, utilizando uma citação direta de Êxodo 3.6: *Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.*

Em muitas ocasiões Jesus se referiu às Escrituras para justificar Suas ações, como quando defendeu a limpeza do templo (Mc 11.15-17) ou mencionou Sua submissão na cruz (Mt 26.53,54). Cristo ensinou que a *Escritura não pode ser anulada* (Jo 10.35). Ele declarou: *Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra* (Mt 5.18 ARA).

Mateus 5.18 merece uma consideração adicional. É evidente, mesmo quando lemos a frase após um espaço de cerca de dois mil anos, que as palavras *nem um i ou um til* eram uma expressão comum referindo-se às partes mais meticulosas da lei mosaica.

O *i* (*iota*) era a menor letra do alfabeto hebraico, a letra que transliteraríamos por um i ou y. No hebraico escrito ela se parece com uma vírgula, embora fosse escrita junto à parte de cima das letras mais do que junto à parte de baixo.

O til era o que poderíamos chamar de serifa, um traço ou barra que remata cada haste de certas letras, distinguindo, por exemplo, um caractere romano de outro mais moderno. Em muitas Bíblias, o Salmo 119 é dividido em 22 seções, cada uma começando com uma letra diferente do alfabeto hebraico. Se uma Bíblia for bem impressa, o leitor poderá ver o que um til é ao comparar a letra hebraica antes do versículo 9 com a letra hebraica antes do verso 81. A primeira letra é *beth*. A segunda é *kaph*. A única diferença entre elas é a serifa. A mesma característica distingue *daleth* de *resh* e *vau* de *zayin*. De acordo com Jesus, então, nem mesmo um "i" ou uma "serifa" da Lei se perderia até que toda a Lei fosse cumprida.

O que pode conferir à Lei caráter tão permanente? Obviamente, nada humano, pois todas as coisas humanas passam. A única explicação para a qualidade imperecível da Lei é porque ela é verdadeiramente divina. A razão pela qual ela não vai passar é porque é a Palavra do verdadeiro, vivo e eterno Deus. Essa é a substância do ensino de Cristo.

Jesus via Sua vida como o cumprimento das Escrituras. Cristo se submetia a elas de modo consciente. Ele iniciou Seu ministério com uma citação de Isaías 61.1-12:

> *O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor.*
>
> Lucas 4.18,19

Quando Jesus terminou de ler, fechou o rolo e disse: *Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos* (Lc 4.21). Jesus afirmava ser o Messias, aquele sobre quem Isaías havia escrito. Ele estava identificando Seu ministério com os desígnios estabelecidos para Ele nas Escrituras.

Posteriormente, no ministério de Cristo encontramos os discípulos de João Batista indo àquele com a pergunta deste: *És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?* (Mt 11.3). Jesus respondeu com uma segunda referência a essa seção da profecia de Isaías. Foi como se Ele dissesse: "Não considerem minha palavra por quem eu sou. Observem o que Isaías profetizou sobre o Messias. Então, vejam se eu o estou cumprindo." Jesus desafiava as pessoas a avaliarem Seu ministério à luz da Palavra de Deus.

O Evangelho de João mostra Jesus conversando com os principais dos judeus sobre autoridade, e o clímax do que Ele disse é totalmente pertinente em relação às Escrituras. Cristo afirmou que ninguém jamais creria nele se não tivesse primeiro crido nos escritos de Moisés, pois Moisés escreveu sobre Ele.

> *Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. Não cuideis que eu vos hei de acusar para com o Pai. Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais. Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, porque de mim escreveu ele. Mas, se não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?*
>
> João 5.39,45-47

No momento de Sua morte, suspenso na cruz, Jesus novamente pensou nas Escrituras, e disse: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mt 27.46, uma referência ao Salmo 22.1). Cristo disse que tinha sede. Deram-lhe uma esponja embebida em vinagre, para que o Salmo 69.21 pudesse cumprir-se.

Três dias depois, após a ressurreição, Jesus estava no caminho de Emaús com dois de Seus discípulos, repreendendo-os porque não haviam usado as Escrituras para compreender a necessidade de Seu sofrimento. Ele disse:

> *Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.*
>
> Lucas 24.25-27

Baseando-se nessas e em muitas outras passagens, não há dúvida nenhuma de que Jesus tinha o Antigo Testamento em alta estima, e constantemente se submetia a ele como uma revelação autorizada. Cristo ensinou que as Escrituras testemunhavam dele, assim como Ele testemunhava delas. Porque elas são a Palavra de Deus, Jesus confirmava a

completa confiabilidade delas, como um todo e em seus pormenores.

Jesus também endossava o Novo Testamento, embora de um modo diferente do que endossava o Antigo (porque, é claro, o Novo Testamento ainda não havia sido escrito). Ele profetizou a escritura do Novo Testamento. Então, escolheu os apóstolos para serem os recebedores da nova revelação.

Havia dois requisitos para ser um apóstolo, como consta em Atos 1.21-26 e outras passagens. Primeiro, o apóstolo teria de ser alguém que houvesse conhecido Jesus durante Seus dias de ministério terreno, e tivesse sido testemunha de Sua ressurreição em particular (v. 21,22).

O apostolado de Paulo foi, sem dúvida, desafiado nesse ponto porque ele se tornou um cristão após a ascensão de Cristo ao céu; portanto, não tinha estado com Ele em carne. Mas, Paulo citava sua visão do Cristo ressurreto na estrada para Damasco como tendo preenchido esse requisito. *Não sou eu apóstolo?* [...] *Não vi eu a Jesus Cristo, Senhor nosso?* (1 Co 9.1).

O segundo requisito era que os apóstolos deveriam ser escolhidos por Jesus para desempenhar uma tarefa e exercer um papel ímpares. Como parte disso, Cristo lhes prometeu uma dádiva única do Espírito Santo, para que eles pudessem lembrar-se das verdades em relação a Seu ministério, compreendê-las e registrá-las.

> *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*
>
> João 14.26

> *Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.*
>
> João 16.12-14

Os apóstolos cumpriram sua comissão? Sim. O resultado é o Novo Testamento. Além disso, a Igreja primitiva reconhecia o papel deles, pois, quando chegou o momento de declarar oficialmente que livros deveriam ser incluídos no cânone do Novo Testamento, o fator decisivo foi constatar se eles haviam sido escritos pelos apóstolos ou se tinham aprovação apostólica. A Igreja não criou o cânone; se o tivesse criado, tomaria o lugar das Escrituras. Em vez disso, ela foi submissa às Escrituras como autoridade maior.

CRENDO NA BÍBLIA

Finalizo este capítulo com uma pergunta óbvia: cremos nesses ensinamentos? Cremos que a Bíblia é de fato a Palavra de Deus escrita de acordo com Seu próprio ensinamento e do Senhor Jesus Cristo?

Hoje é popular duvidar disso, o que tem causado muita confusão na teologia e na Igreja cristã. Mas a dúvida não é nova. É a mais fundamental e original de todas as dúvidas. É encontrada nos lábios de Satanás nos capítulos iniciais da Bíblia:

> *Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?*
>
> Gênesis 3.1

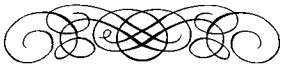
A questão é: podemos confiar em Deus? A Bíblia é verdadeiramente a Sua Palavra? Cremos nisso sem nenhuma reserva intelectual? Se questionamos a Palavra de Deus e se temos reservas intelectuais quanto à sua autoridade, nunca nos interessaremos por um verdadeiro

estudo bíblico, nem chegaremos à plenitude da sabedoria sobre Deus e nós mesmos que Ele deseja para nós. Por outro lado, se aceitamos essas verdades, desejamos estudar a Bíblia, e, consequentemente, cresceremos em conhecimento e devoção. Na verdade, o estudo das Escrituras nos abençoará.

O texto com o qual começamos o capítulo — *Toda Escritura divinamente inspirada* [soprada por Deus] *é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça* — continua: *para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra* (2 Tm 3.16,17).

CAPÍTULO 4

A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS



A causa fundamental da confusão dentro da Igreja cristã hoje é a falta de uma autoridade válida. Tem havido tentativas de suprir essa autoridade por meio dos pronunciamentos de conselhos eclesiásticos, encontros existenciais com uma intangível "palavra" de Deus e outros meios. Contudo, nenhuma dessas abordagens pode dizer que foi bem-sucedida. O que há de errado? Qual é a fonte da autoridade cristã?

A resposta protestante clássica é a Palavra de Deus revelada, a Bíblia. Ela tem autoridade porque não é a palavra de meras pessoas, embora pessoas tenham sido o canal pelo qual ela chegou até nós, mas é o resultado direto do "sopro" de Deus. É produto dele.

Contudo, há outro nível sob o qual a questão da autoridade pode ser levantada. Este se relaciona à maneira pela qual nos tornamos convencidos da autoridade da Bíblia. O que há na Bíblia ou no seu estudo que poderia convencer-nos de que ela é de fato a Palavra de Deus?

O aspecto humano concernente à autoridade nos leva um pouco mais adiante no que queremos dizer quando afirmamos que a Bíblia é a Palavra de Deus, pois o significado pleno dessa afirmação é não somente que Deus falou aos profetas e aos apóstolos para que a Bíblia fosse constituída, mas que Ele continua a falar com as pessoas por meio dela. Em outras palavras, à medida que pessoas estudam a Bíblia, Deus fala com elas em seus estudos e as transforma pelas verdades que são encontradas nas Escrituras.

Há um encontro do cristão individualmente com Deus. Foi o que Lutero quis dizer quando declarou na Assembleia de Worms: "Minha consciência foi aprisionada pela Palavra de Deus". Foi também o que Calvino quis dizer quando declarou que "a Escritura é autenticada por si mesma" (CALVINO, 1960, p. 80).

Nada, a não ser a experiência pessoal com o Senhor, jamais poderá convencer alguém de maneira conclusiva de que as palavras da Bíblia são as palavras autênticas e de autoridade de Deus. Como disse Calvino:

> Portanto, é necessário que o mesmo Espírito que falou pela boca dos profetas penetre em nosso coração, para que nos persuada de que eles proclamaram fielmente o que lhes fora divinamente ordenado. (CALVINO, 1960, p. 79).

A Bíblia é algo mais do que um conjunto de verdades reveladas, uma coleção de livros verbalmente inspirada por Deus. É a viva voz de Deus. O Deus vivo fala por meio das páginas dela. Portanto, a Bíblia não é para ser considerada como um objeto sagrado a ser colocado numa estante e negligenciado, mas como terra santa, onde o coração e a mente das pessoas podem entrar em contato vital com o Deus vivo e gracioso.

De uma perspectiva mais apropriada das Escrituras para uma compreensão válida da revelação deve haver uma constante inter-relação entre os seguintes fatores: uma Palavra infalível e de autoridade, a atividade do Espírito Santo em interpretar e aplicar essa Palavra e um coração humano receptivo. Nenhum conhecimento verdadeiro de Deus acontece sem esses elementos.

Sola Scriptura

A segurança de que Deus falou aos reformadores diretamente por meio de Suas santas Escrituras conferiu a eles uma ousadia singular. A formação dessa verdade teológica foi o elemento fundamentalmente novo na Reforma.

O lema da batalha da Reforma era *Sola Scriptura* (somente a Escritura). Mas, *Sola Scriptura* significou mais para os reformadores do que dizer que Deus revelou a si mesmo nas proposições da Bíblia.

O novo elemento não era que a Bíblia, tendo sido revelada por Deus, fala com autoridade de Deus. A Igreja romana também defendia isso. O novo elemento, como Packer ressaltou:

> Era a crença, difundida pelos reformadores pela própria experiência deles de estudo bíblico, de que a Escritura pode interpretar-se, e certamente se interpreta, ao fiel a partir de si mesma. A Escritura é sua própria intérprete, *Scriptura sui ipsius interpres*, como Lutero coloca, de forma que ela não somente dispensa papas ou concílios para nos dizer, como Deus, o que ela quer dizer; ela pode, na verdade, desafiar pronunciamentos papais ou conciliares, convencê-los de que são ímpios e falhos, e exigir do fiel separar-se deles [...]. Como a Escritura era a única *fonte* pela qual os pecadores poderiam obter o conhecimento verdadeiro sobre Deus e santidade, a Escritura era então o único *juiz* do que a Igreja, em todas as épocas, tinha se aventurado a dizer em nome de seu Senhor. (Montgomery, 1975, p. 44,45)

No tempo de Lutero, a Igreja romana tinha enfraquecido a autoridade da Bíblia ao exaltar tradições humanas, colocando-as no mesmo nível das Escrituras, e ao insistir que o ensino da Bíblia somente poderia ser comunicado a cristãos por intermédio de papas, concílios e padres. Os reformadores restauraram a autoridade da Bíblia ao defender que o Deus vivo fala a Seu povo diretamente e com autoridade pelas páginas das Escrituras.

Os reformadores chamaram a obra de Deus por meio da qual a verdade de Sua Palavra é difundida na mente e consciência de Seu povo de "a-obra interna do Espírito Santo". Eles ressaltavam que tal atividade era a contrapartida subjetiva ou interna da revelação objetiva ou externa, e frequentemente se referiam a textos dos escritos de João.

> *O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.*
>
> João 3.8

> *E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo. E a unção, que vós recebestes dele fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nele permanecereis.*
>
> 1 João 2.20,27

> *Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num.*
>
> 1 João 5.7,8

A mesma ideia está presente nos escritos de Paulo.

> *Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido.*
>
> 1 Coríntios 2.12-15

> *Não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus.*
>
> Efésios 1.16-20

Analisados juntos, esses textos ensinam que não só nosso novo nascimento, mas também nosso completo crescimento em sabedoria espiritual e nosso conhecimento de Deus são resultado da obra do Espírito divino em nossa vida e mente por meio das Escrituras, e que nenhuma compreensão espiritual é possível separada dessa obra. O testemunho do Espírito Santo é, portanto, a razão pela qual a Bíblia é aceita como a autoridade final em todos os assuntos de fé e prática por todos que são filhos de Deus.

O LIVRO QUE ME ENTENDE

Quando começamos a ler a Bíblia, e o Espírito Santo fala enquanto lemos, várias coisas acontecem. Primeiro, a leitura nos afeta como nenhuma outra leitura o faz.

Dr. Emile Cailliet era um filósofo francês que após certo tempo se radicou nos Estados Unidos e tornou-se professor no Seminário Teológico de Princeton em Nova Jérsei. Ele havia sido criado de acordo com os princípios de uma educação naturalista. Nunca havia demonstrado o menor interesse por coisas espirituais. Nunca havia visto uma Bíblia. Contudo, irrompeu a Primeira Guerra Mundial, e enquanto servia nas trincheiras ele se encontrou refletindo sobre a inadequação da sua perspectiva de mundo e de vida.

Emile se fez as mesmas perguntas que Levin em *Anna Karenina*, de Leo Tolstoy, enquanto este personagem estava sentado ao lado da cama de seu irmão moribundo: "De onde veio a vida? O que ela significou, se é que significou alguma coisa? Qual o valor das leis científicas ou teorias diante da realidade?" Cailliet mais tarde escreveu: "Como Levin, eu também senti, não com minha razão, mas com todo o meu ser, que estava destinado a perecer miseravelmente quando o momento chegasse".

Durante as longas noites de vigília, Cailliet começou a ansiar pelo que veio a chamar de "um livro que pudesse entender-me". Ele tinha um alto grau de instrução, mas não conhecia tal livro. Portanto, quando tempos depois foi ferido, liberado do exército, e voltou a seus estudos, Cailliet determinou que prepararia esse livro secretamente para seu uso pessoal. Enquanto lia para seus cursos, ele arquivava trechos que pareciam falar à sua situação. Depois, ele os copiava no seu livro

de capa de couro. Emile esperava que as citações, as quais ele cuidadosamente indexava e numerava, levassem-no do medo e da angústia à libertação e ao júbilo.

Finalmente, chegou o dia em que ele deu os toques de acabamento ao seu livro, "o livro que me entende". Cailliet saiu, sentou debaixo de uma árvore e abriu a antologia. Ele começou a ler, mas, em vez de libertação e júbilo, um desapontamento cada vez maior começou a dominá-lo enquanto reconhecia que, em vez de falar de sua situação, os vários trechos apenas o lembravam de seus contextos e do trabalho dele de procurá-los e registrá-los. Então, o filósofo percebeu que todo aquele trabalho simplesmente não iria funcionar, porque o livro era um livro feito por ele mesmo. O livro não possuía nenhuma força de persuasão. Desolado, ele colocou o volume no bolso.

Naquele exato momento, sua esposa (que não sabia nada do projeto) apareceu com uma história interessante. Ela estava andando por sua pequena cidade francesa naquela tarde e encontrou por acaso uma capela huguenote. Ela nunca a havia visto antes, mas entrou e pediu uma Bíblia, para sua própria surpresa. O presbítero deu-lhe uma. Ela começou a desculpar-se com o marido, pois sabia dos sentimentos dele em relação à fé cristã. Porém, ele não estava ouvindo as desculpas dela. "Você disse uma Bíblia? Onde está? Mostre-me", disse Emile. "Eu nunca vi uma antes." Quando a esposa mostrou a Bíblia, ele correu para seu escritório e começou a ler. Observe suas próprias palavras:

> Eu abri e "caí" nas bem-aventuranças! Eu li, e li, e li — daquela vez em voz alta com um calor indescritível vindo de dentro... Eu não conseguia encontrar palavras para expressar minha admiração e meu espanto. E de repente o entendimento raiou em mim. Aquele *era* o livro que me entenderia! Eu precisava muito dele, embora, sem saber, eu tivesse tentado escrever o meu próprio em vão. Continuei a ler profundamente noite afora, principalmente os Evangelhos. E eis que, enquanto eu os analisava, Aquele do qual eles falavam, Aquele que falava e agia neles, tornou-se vivo para mim. Essa vívida experiência marcou o início da minha compreensão sobre a oração. Também provou ser minha iniciação à noção de Presença que mais tarde se mostraria tão crucial no meu pensamento teológico.
>
> As circunstâncias providenciais nas quais o Livro me encontrou naquele momento tornaram claro que, embora parecesse absurdo falar de um livro que entendesse um homem, isso poderia ser dito da Bíblia, porque suas páginas eram animadas pela presença do Deus Vivo e da força de Seus atos poderosos. A esse Deus eu orei naquela noite, e o Deus que respondeu *era o mesmo Deus* do qual se falava no Livro. (Cailliet, 1968, p. 11-18)

Em todas as épocas, o povo de Deus teve a compreensão da Reforma. Eis a expressão da mesma verdade por Calvino:

> Quão peculiar, porém, é esse poder à Escritura, transparece claramente disto: que dos escritos humanos, por maior que seja a arte com que são burilados, nenhum sequer nos consegue impressionar de igual modo. Basta ler Demóstenes ou Cícero; Platão ou Aristóteles, ou quaisquer outros desse plantel: em grau admirável, reconheço-o, são atraentes, deleitosos, comoventes, arrebatadores. Contudo, se te transportares dali para esta sagrada leitura, queiras ou não, tão vividamente te afetará, a tal ponto te penetrará o coração, de tal modo se te fixará na medula, que, ante a força de tal emoção, aquela impressividade dos retóricos e filósofos quase que se desvanece totalmente, de sorte que é fácil perceber que as Sagradas Escrituras, que em tão ampla escala superam a todos os dotes e graças da indústria humana, respiram algo de divino. (Calvino, 1960, p. 82)

Outro exemplo é registrado no final do Evangelho de Lucas. Jesus havia acabado de ressuscitar dos mortos e tinha começado a aparecer aos discípulos. Dois deles estavam retornando para sua cidade natal, Emaús, quando Jesus se aproximou deles na estrada. Eles não o reconheceram. Quando Cristo lhes perguntou por que estavam abatidos, responderam contando o que havia acontecido em Jerusalém nos dias da Páscoa.

Contaram a Ele sobre Jesus, *que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo* (Lc 24.19). Contaram a Jesus como os principais dos sacerdotes e príncipes *o entregaram à condenação de morte e o crucificaram* (Lc 24.20). Esses discípulos haviam estado em Jerusalém naquela mesma manhã e tinham ouvido histórias das mulheres que tinham ido ao túmulo, relatando que o corpo do Mestre não estava lá, e que anjos haviam aparecido proclamando que Jesus tinha voltado à vida. Todavia, eles não acreditavam em ressurreição. Nem haviam se dado ao trabalho de ir ao túmulo e ver por eles mesmos, embora estivessem a uma pequena distância dali. O sonho tinha acabado. Jesus estava morto. Os dois discípulos estavam indo para casa.

Porém, Jesus começou a falar com eles e a explicar a missão de Cristo ensinando-lhes pelas Escrituras. Ele disse: *Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?* (Lc 24.25,26). Então, começando por Moisés e passando pelos profetas, Jesus lhes explicou a partir das Escrituras as coisas que eles disseram sobre Ele mesmo.

Finalmente, chegaram aonde os dois discípulos moravam. Eles convidaram Jesus para entrar, e Jesus se revelou a eles enquanto comiam juntos. Cristo desapareceu, e os discípulos no mesmo instante voltaram para Jerusalém para contar aos outros discípulos o que havia acontecido. Seus próprios testemunhos eram assim: *Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?* (Lc 24.32). Eles ficaram convencidos pela Palavra de Deus. Neste exemplo, o próprio Jesus cumpriu o papel do Espírito Santo ao interpretar a Bíblia para Seus discípulos e ao aplicar as verdades para eles.

A Bíblia também nos modifica. Tornamo-nos homens e mulheres diferentes como resultado do encontro com ela. Uma seção do décimo terceiro capítulo de Romanos mudou a vida de Agostinho quando ele se voltou para a Bíblia no jardim da propriedade de um amigo próximo de Milão, Itália. Lutero nos conta como, em meditação sobre as Escrituras, enquanto recluso no Castelo de Wartburg, ele se sentiu *nascido de novo*, e diz como Romanos 1.17 tornou-se para ele o *portão do céu*. A meditação de John Wesley sobre as Escrituras provocou sua conversão num pequeno encontro em Aldersgate.

J. B. Phillips escreveu:

> Alguns anos antes da publicação da *New English Bible* [Nova Bíblia em Inglês], fui convidado pela BBC para discutir o problema da tradução com o Dr. E. V. Rieu, que tinha ele mesmo produzido recentemente uma tradução dos quatro Evangelhos para a Penguin Classics. Quase no fim da discussão perguntaram ao Dr. Rieu sobre sua abordagem no trabalho, e sua resposta foi esta:
> "Minha razão pessoal para fazer isso foi meu interesse intenso de satisfazer-me em relação à autenticidade e ao conteúdo espiritual dos Evangelhos. E, se eu recebesse qualquer nova iluminação por meio de um estudo intenso dos originais gregos, transmitiria isso a outros. Eu os abordei com o mesmo espírito com que teria abordado caso eles tivessem sido apresentados a mim como se fossem recém-descobertos manuscritos gregos."

> Alguns minutos depois, perguntei a ele: "Você teve a sensação de que todo o material estava extraordinariamente vivo? [...] Tive a sensação de que a coisa toda estava viva mesmo enquanto estava sendo traduzida. Embora tenham sido feitas várias versões de uma mesma passagem, ela ainda tinha vida. Você sentiu isso?" Dr. Rieu respondeu: "Tive a mais profunda sensação que eu poderia ter sentido. Ela me transformou; minha tradução me transformou. E cheguei à conclusão de que aquelas palavras traziam o selo do Filho do Homem e de Deus. E eles são a Carta Magna do espírito humano." Achei particularmente emocionante ouvir um homem que é um catedrático de primeira linha, bem como um homem de sabedoria e experiência, admitindo abertamente que aquelas palavras escritas há tanto tempo estavam poderosamente vivas. Elas traziam para ele, assim como para mim, o anel da verdade. (Phillips, 1967, p. 74,75)

Um assunto

Outro resultado de ler a Bíblia é que o Espírito Santo que fala nas suas páginas vai direcionar o estudioso a Jesus. A Bíblia contém um material bastante variado. Ela abarca centenas de anos de história. Contudo, o objetivo das Escrituras em cada uma de suas partes é mostrar Jesus, e este objetivo é realizado em nível subjetivo pelo Espírito de Cristo.

Jesus disse: *Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim* (Jo 15.26). Já que o papel do Espírito Santo é revelar Jesus nas Escrituras, podemos ter certeza de que estamos ouvindo a voz do Espírito quando isso acontece.

Alguém poderia perguntar: "A Bíblia não é principalmente história? Como Jesus poderia ser o assunto no Antigo Testamento? E como pode o Espírito Santo nos levar a Ele?" Jesus se torna o assunto do Antigo Testamento de duas formas: (1) ao ajustar-se aos temas gerais do Antigo Testamento; e (2) ao cumprir profecias específicas encontradas nele.

Um tema essencial do Antigo Testamento é o pecado e nossa carência dele resultante. A Bíblia começa com a história da criação. Mas, tão logo essa história é contada (no primeiro capítulo de Gênesis), é contada a nós a queda do ser humano. Em vez de ficarmos humilde e agradecidamente dependendo do Criador, como deveríamos estar, entramos em estado de rebelião contra Deus. Fizemos do nosso jeito, em vez de do jeito de Deus. Assim, as consequências do pecado (basicamente, a morte) recaíram sobre nós.

No restante do Antigo Testamento vemos tais consequências se desenrolando: o assassinato de Abel, a corrupção que levou ao dilúvio, o culto aos deuses pagãos, as perversões sexuais, e, ao final, a própria tragédia para a escolhida nação de Israel, apesar das grandes bênçãos. O Antigo Testamento é bem resumido no salmo de arrependimento de Davi, que com toda a propriedade deveria ser o salmo de todo ser humano.

> *Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniqüidade e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Eis que em iniqüidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe.*
>
> Salmo 51.1-3,5

Eis aqui uma importante doutrina bíblica. Entretanto, se a entendemos corretamente, percebemos que ela não é um fim em si mesma. A verdade sobre nosso pecado e nossa carência é exposta na Bíblia porque a Bíblia é também capaz de mostrar Cristo como solução do dilema.

Um segundo tema do Antigo Testamento é a existência de um Deus que age com amor para redimir pecadores. Deus Pai fez isso durante todo o período do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, enquanto o fazia, Ele indicava que a vinda do Filho do Homem redimiria homens e mulheres perfeitamente e para sempre.

Quando Adão e Eva pecaram, o pecado os separou do Criador. Eles tentaram esconder-se. Deus, entretanto, veio até eles na viração do dia, chamando-os. É verdade que Deus falou em julgamento, como deveria fazer. O Senhor revelou a consequência do pecado de ambos. Ainda assim, matou animais, vestiu o homem e a mulher com peles, cobrindo sua nudez, e começou a ensinar-lhes o caminho da salvação mediante o sacrifício. Falou também a Satanás, revelando a vinda daquele que um dia iria derrotá-lo para sempre: *esta* [a semente da mulher] *te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar* (Gn 3.15).

Nove capítulos depois, encontramos outra referência, um tanto quanto velada, à *semente* que iria esmagar Satanás. Foi a primeira grande promessa de Deus a Abraão, ressaltando que nele todas as nações seriam abençoadas (Gn 12.3; 22.18). A bênção à qual o Senhor se referia certamente não seria derramada sobre todas as pessoas por Abraão pessoalmente. Não seria derramada sobre todos os judeus de modo indiscriminado, pois nem todos os judeus são sequer teístas. A bênção predita seria derramada pela semente de Abraão, a semente prometida, o Messias.

Anos mais tarde, o apóstolo Paulo, que conhecia esse texto, usou-o para mostrar: (1) que a semente era o Senhor Jesus; (2) que a promessa a Abraão seria cumprida por intermédio de Cristo; e (3) que a bênção seria derramada por meio de Sua obra redentora (Gl 3.13-16).

Uma profecia interessante proveniente do Senhor foi proferida por Balaão, um profeta aparentemente desonesto e inconstante nos tempos de Moisés. Balaque, um rei hostil a Israel, tinha contratado Balaão para amaldiçoar o povo judeu. Mas, toda vez que Balaão abria sua boca, bênçãos saíam dela, ao invés de maldições. Em uma ocasião, ele disse: *uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel* [...] *e dominará um de Jacó* (Nm 24.17,19).

Aproximando-se a hora de sua morte, o patriarca Jacó disse: O *cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão* [ou obedecerão] *os povos* (Gn 49.10).

Moisés também falou sobre Aquele que viria: *O SENHOR, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis* (Dt 18.15). Novamente, Deus falou: *E porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar* (v. 18).

O livro de Salmos contém grandes profecias. O Salmo 2 descreve a vitória e o domínio de Cristo sobre as nações da terra. Esse salmo foi popular entre os cristãos primitivos (ver At 4). O Salmo 16 prediz a ressurreição (v. 10; ver At 2.31). Nos Salmos 22, 23 e 24 vemos três representações de Jesus: o Salvador que sofre, o Pastor compassivo e o Rei. Alguns salmos abordam outros aspectos de Sua vida e Seu ministério. O Salmo 110 retorna ao tema do reinado de Cristo, manifestando o anseio pelo dia em que Ele se assentará em Seu trono à direita do Pai, quando todos os Seus inimigos serão feitos *escabelo de seus pés.*

Detalhes da vida de Cristo, Sua morte e ressurreição se encontram nos livros dos profetas — Isaías, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Zacarias e outros.

O Senhor Jesus e a Sua obra são os assuntos principais da Bíblia. É a função do Espírito Santo revelá-los. Como a revelação acontece à medida que a Bíblia se torna

compreensível, a Escritura testifica a Escritura, e o poder do Deus vivo move-se por suas páginas.

Palavra e Espírito

A combinação de uma revelação objetiva e escrita com a interpretação do indivíduo pelo Espírito Santo é a chave da doutrina cristã para o conhecimento de Deus. Essa combinação nos livra de dois erros.

O primeiro é o erro de espiritualizar exageradamente a revelação. Esse erro confundiu os entusiastas anabatistas nos tempos de Calvino, e desde então tem enganado muitos de seus seguidores. Os entusiastas reivindicavam revelações pessoais dadas pelo Espírito Santo como justificação de suas decisões e conduta. Todavia, estas eram frequentemente contrárias a ensinamentos expressos da Palavra de Deus, como, por exemplo, sua eventual decisão de pararem de trabalhar e ficarem juntos para uma antecipada volta do Senhor. Sem a Palavra objetiva não haveria meios de julgar tais "revelações" ou livrar as pessoas do erro que as havia atingido. Calvino escreveu em referência a esse dilema:

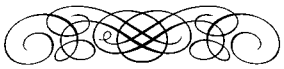
> O Espírito Santo de tal modo se junge a Sua verdade, expressa nas Escrituras, que manifesta e patenteia Seu poder, rendendo-se, afinal, à Palavra a devida reverência e dignidade [...]. Os filhos de Deus [...], sem o Espírito, veem-se privados de toda a luz da verdade, todavia não ignoram que a Palavra é o instrumento pelo qual o Senhor dispensa aos fiéis a iluminação de Seu Espírito, pois não conhecem outro Espírito além *daquele* que habitou nos apóstolos e falou por intermédio deles, de cujos oráculos são continuamente convocados a ouvir a Palavra. (Calvino, 1960, p. 95,96)

Por outro lado, a combinação de uma palavra objetiva com uma aplicação dessa palavra pelo Espírito de Deus também pode livrar-nos do erro de intelectualizar de forma exagerada a verdade divina. Esse erro era evidente nos hábitos de estudo dos escribas e fariseus no tempo de Jesus. Eles não eram alunos preguiçosos. Eram meticulosos em sua busca pelo conhecimento das Escrituras, a ponto de contar cada letra da Lei. Contudo, Jesus os repreendeu dizendo: *Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam* (Jo 5.39).

Para conhecer Deus, precisamos apreender os ensinamentos registrados nas Escrituras por intermédio do Espírito Santo. Só assim, uma plena consciência da natureza da Bíblia e de sua autoridade se torna clara em nossa mente e em nosso coração, e encontramo-nos adotando um posicionamento firme sobre essa preciosa revelação.

CAPÍTULO 5

A AUTENTICIDADE DAS ESCRITURAS



A principal evidência de que a Bíblia é a Palavra de Deus é o testemunho interior do Espírito Santo sobre ela. Sem tal testemunho, a veracidade das Escrituras nunca se imprimirá adequadamente num leitor. No entanto, isso não significa que não há bases racionais para a convicção de alguém. Os argumentos racionais devem ser conhecidos pelo cristão maduro assim como por qualquer pessoa que está apenas começando a considerar o cristianismo.

Quais são esses argumentos? Alguns já foram sugeridos. Primeiro, temos as afirmações da própria Escritura. Os livros da Bíblia afirmam ser a Palavra de Deus. Embora isso em si mesmo não prove que eles o são, é, não obstante, um fato a ser considerado. Precisamos indagar como livros que parecem estar tão certos sob tantos outros aspectos poderiam, contudo, estar errados quanto ao ponto crucial de sua autoconsciência.

Segundo, há o testemunho de Jesus, que é o maior argumento de todos. Mesmo que Jesus fosse apenas um grande mestre, Sua consideração pela Bíblia como a autoridade final no que diz respeito à vida não poderia ser desprezada.

Terceiro, temos a superioridade doutrinal e ética da Bíblia em relação aos outros livros. Essa superioridade tem sido frequentemente reconhecida, mesmo por não cristãos, mas também negada por alguns poucos que de fato leram e estudaram suas páginas.

Quarto, temos o poder da Bíblia para influenciar-nos enquanto a lemos. Se a Bíblia não é divina tanto na sua fonte como na transformação que opera no homem, por que produz tamanhos resultados?

Thomas Watson, um dos grandes puritanos[1] ingleses, escreveu:

> Eu me pergunto de onde a Escritura viria, senão de Deus. Homens maus não poderiam ser seus autores. Suas mentes se aplicariam em proclamar linhas tão santas? Eles se declarariam tão agressivamente contra o pecado? Homens bons não poderiam ser seus autores. Conseguiriam eles escrever de tal maneira? Ou poderiam eles deixar que sob sua mercê o nome de Deus fosse forjado e colocar *Assim diz o Senhor* em um livro de sua própria autoria? (WATSON, 1970, p. 26)

Há, portanto, quatro boas razões para considerar a Bíblia como a Palavra de Deus revelada, e mais uma quinta derivada do argumento de Watson: os escritores bíblicos não teriam reivindicado uma origem divina para um livro que eles reconhecessem como deles próprios. A seguir, são expostas mais cinco evidências que comprovam essa conclusão.

A UNIDADE NA DIVERSIDADE

Uma sexta razão para considerar a Bíblia como a Palavra de Deus revelada é a

extraordinária unidade desse livro. Esse argumento é antigo, mas sólido. É do tipo que cresce em força quanto mais se estudam os documentos.

A Bíblia é composta de 66 livros, escritos num período de aproximadamente 1500 anos (1450 a.C. a 90 d.C.) por mais de 40 pessoas. Esses indivíduos provinham de diferentes níveis da sociedade e de diversas origens. Alguns eram reis. Outros eram políticos, sacerdotes, profetas, um coletor de impostos, um médico, um fazedor de tendas, pescadores.

Se perguntados sobre absolutamente qualquer assunto, eles teriam tido pontos de vista os mais diversos, como as opiniões de pessoas que vivem hoje. Contudo, juntos produziram um volume que é uma unidade maravilhosa em termos de doutrina, pontos de vista históricos, ética e expectativas. É, em resumo, uma única narrativa sobre redenção divina, que começou em Israel, centrada em Jesus Cristo, e culmina com o fim da história. A natureza dessa unidade é importante.

Como assinalou R. A. Torrey:

> Não é uma unidade superficial, mas uma unidade profunda. Na superfície, por vezes encontramos aparente discrepância e desacordo, mas, à medida que estudamos, a aparente discrepância e o desacordo desaparecem, e surge uma unidade profunda subjacente. Quanto mais profundamente estudamos, mais completa descobrimos ser a unidade. Esta é também orgânica — quer dizer, não é a unidade de uma coisa sem vida, como uma rocha, mas de algo vivo, como uma planta. Nos primeiros livros da Bíblia temos o pensamento germinador; quando continuamos a leitura, vemos a planta, mais à frente o botão, depois a flor, e mais tarde o fruto maduro. Em Apocalipse encontramos o fruto maduro de Gênesis. (Torrey, 1904-1906, p. 26)

O que sustenta essa unidade? Só há uma coisa capaz de fazê-lo: a mente perfeita, soberana e orientadora de Deus por trás dos esforços de mais de 40 autores humanos.

Precisão incomum

Uma sétima razão para crer que a Bíblia é a Palavra de Deus é sua precisão incomum. Com certeza, sua exatidão não prova que ela é divina — seres humanos algumas vezes também são bem precisos —, mas é o que deveríamos esperar se a Bíblia é resultado do esforço de Deus. Por outro lado, se a precisão das Escrituras atinge a inerrância (a qual será analisada no próximo capítulo), essa seria uma prova direta de sua natureza divina.

Em alguns pontos a precisão da Bíblia pode ser testada externamente, como nas porções históricas do Antigo Testamento. Podemos tomar o Evangelho de Lucas e o livro de Atos como exemplo. Eles são uma tentativa de escrever um "relato metódico" da vida de Jesus e da rápida expansão da Igreja cristã primitiva (Lc 1.1-4; At 1.1,2).

Isso seria uma tarefa homérica mesmo em nossos dias. Ainda mais na Antiguidade, quando não havia jornais nem livros de consulta. Na verdade, havia poucos documentos escritos de qualquer tipo. Apesar disso, Lucas traçou o crescimento do que começou como um insignificante movimento religioso em um canto distante do Império Romano, um movimento que progrediu de forma discreta e sem sanções oficiais, tanto que 40 anos após a morte e ressurreição de Jesus Cristo havia congregações na maioria das grandes cidades do império. O trabalho de Lucas foi bem-sucedido? Com certeza, e com uma aparente precisão.

Por um lado, ambos os livros mostram uma exatidão admirável ao lidar com títulos oficiais e esferas de influência correspondentes.

Isso foi documentado por F. F. Bruce, da Universidade de Manchester, Inglaterra, em

uma pequena obra intitulada *The New Testament Documents: Are they reliable?* [Os documentos do Novo Testamento: eles são confiáveis?].

Bruce escreveu:

> Uma das mais notáveis amostras de sua [de Lucas] precisão é sua sólida familiaridade com os títulos distintivos de todas as pessoas eminentes mencionadas em suas páginas. Isso não era de modo algum um feito fácil no tempo dele, tampouco no nosso, quando é tão simples consultar convenientes livros. O uso preciso de Lucas dos vários títulos do Império Romano foi comparado à maneira fácil e confiante como um homem comum de Oxford em uma conversa informal refere-se aos diretores das faculdades pelos seus títulos — o dirigente de Oriel, o diretor de Balliol, o reitor de Exeter, o presidente de Magdalen, e assim por diante. Alguém que não é de Oxford nunca se sente à vontade com a multiplicidade desses títulos de Oxford. (BRUCE, 1974, p. 82)

Lucas obviamente se sente à vontade com os títulos romanos; ele nunca os confunde.

Bruce acrescenta que a dificuldade de Lucas teve um agravante, pois os títulos não permaneciam os mesmos por muito tempo. Por exemplo, a administração de uma província poderia passar de um representante direto do imperador para um governo senatorial, e seria então governada por um procônsul, em vez de um legado imperial (*legatus pro praetore*).

Chipre, uma província imperial até 22 a.C., tornou-se uma província senatorial naquele ano, passando, portanto, a ser governada por um procônsul. Assim sendo, quando Paulo e Barnabé chegaram a Chipre, cerca de 47 d.C., foi o procônsul Sérgio Paulo que os saudou (At 13.7).

Semelhantemente, Acaia foi uma província senatorial de 27 a.C. a 15 d.C., e de novo após 44 d.C. Dessa forma, Lucas se refere a Gálio, o governador romano na Grécia, como o *procônsul da Acaia* (At 18.12), o título do representante de Roma durante a época da visita de Paulo a Corinto, mas não durante os 29 anos antes de 44 d.C. (BRUCE, 1974, p. 82, 83).

Esse tipo de precisão de apenas um dos escritores bíblicos é um testemunho que pode ser multiplicado quase indefinidamente. Por exemplo, em Atos 19.38, o escrivão de Éfeso tenta acalmar os cidadãos em tumulto ao lembrá-los das autoridades romanas: *há procônsules*, ele diz, usando o plural.

À primeira vista, o escritor parece ter cometido um erro, já que havia apenas um procônsul romano por vez numa determinada região. Entretanto, uma análise mostra que, um pouco antes do tumulto em Éfeso, Júlio Silano, o procônsul, havia sido assassinado por enviados de Agripina, a mãe do adolescente Nero. Uma vez que o novo procônsul não havia chegado a Éfeso, a imprecisão do escrivão pode ter sido intencional ou pode mesmo referir-se aos dois emissários, Hélio e Celer, que eram os aparentes sucessores de Silano no poder.

Lucas depreendeu a situação instalada na cidade numa época de desordem interna, assim como em outros locais — Antioquia, Jerusalém, Roma —, cada qual com sua característica específica.

A arqueologia também conferiu uma confiabilidade extraordinária aos escritos de Lucas e a outros documentos bíblicos. Uma placa foi encontrada em Delfos identificando Gálio como procônsul de Corinto na época exata da visita de Paulo à cidade. O tanque de Betesda, contendo cinco pórticos, foi encontrado há aproximadamente 21 metros abaixo do atual nível da cidade de Jerusalém. Ele é mencionado em João 5.2, mas tinha sido perdido de vista devido à destruição da cidade pelo exército de Tito em 70 d.C. até recentemente. O pátio calçado com pedras usado para o julgamento de Jesus por Pilatos (*Litóstrotos*, ou, em hebraico,

Gabatá), mencionado em João 19.13, também foi descoberto.

Documentos antigos — de Dura, Ras Shamra, do Egito e do mar Morto — têm contribuído para a confiabilidade bíblica. Têm sido recebidos relatórios de descobertas extraordinárias em Tell Mardik, no noroeste da Síria, o local da antiga Ebla. Até agora, 15 mil tábuas datando de aproximadamente 2300 a.C. (200 a 500 anos antes de Abraão) foram encontradas. Nelas há centenas de nomes, tais como Abrão, Israel, Esaú, Davi, Javé e Jerusalém, mostrando que esses eram nomes comuns antes de aparecerem nos relatos bíblicos. À medida que forem cuidadosamente estudadas, essas tábuas vão esclarecer muito sobre os costumes concernentes à era dos patriarcas do Antigo Testamento (Moisés, Davi e outros). A própria existência deles tende a autenticar as narrativas do Antigo Testamento.

A evidência interna da precisão da Bíblia também está disponível, particularmente onde há relatos paralelos dos mesmos eventos. Os relatos dos Evangelhos sobre as aparições de Jesus Cristo ressurreto são um exemplo. Apresentam-se, de forma clara, como quatro relatos separados e independentes; caso contrário, não haveria discrepâncias aparentes. Escritores trabalhando juntos teriam esclarecido quaisquer dificuldades. Contudo, os Evangelhos, na verdade, não contradizem uns aos outros. Eles se complementam. Além disso, um detalhe incidental em um às vezes esclarece o que parece uma contradição entre dois outros.

Mateus (27.61) fala de Maria Madalena e de *outra* Maria indo ao sepulcro de Cristo na primeira manhã da Páscoa. Marcos (16.1) menciona Maria Madalena, Maria mãe de Tiago (identificando, assim, a *outra* Maria citada em Mateus) e Salomé. Lucas (24.10) menciona as duas Marias, Joana e *as outras que com elas estavam*. João (20.1) só menciona Maria Madalena.

Se analisados superficialmente, esses relatos se mostram diferentes, mas, quando melhor examinados, revelam uma notável harmonia. Fica claro que um grupo de mulheres, incluindo todas às quais se aludiu, foi ao sepulcro. Ao encontrar a pedra removida, as mulheres mais velhas enviaram Maria Madalena para contar o ocorrido aos apóstolos e pedir a orientação deles. Na ausência dela, as mulheres restantes viram os anjos (como Mateus, Marcos e Lucas relatam), mas não o Senhor ressurreto, pelo menos não até aquele momento.

Por outro lado, Maria, voltando ao sepulcro mais tarde e sozinha, viu Jesus (como João revela). Da mesma forma, a menção de João a *o outro discípulo* que acompanhou Pedro ao sepulcro de Cristo (Jo 20.3) esclarece Lucas 24.24, onde é dito que *alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro*, depois que as mulheres tinham estado lá, embora Lucas cite apenas Pedro em sua narrativa.

Essas correlações entre passagens bíblicas são detalhes. Mas, porque são minúcias, conferem uma importância especial à ideia de precisão dos Evangelhos.

Profecias

Uma oitava razão para crer que a Bíblia é a Palavra de Deus é o cumprimento de profecias. Esse é um assunto muito amplo, que transcende o escopo deste capítulo. Entretanto, é possível mostrar de maneira breve o impacto do argumento como um todo.

Primeiro, temos as profecias explícitas, que dizem respeito ao futuro do povo judeu (incluindo as coisas que já aconteceram e algumas que não ocorreram ainda) e ao futuro das nações gentílicas. Muitas descrevem, sobretudo, a vinda do Senhor Jesus, Sua morte, ressurreição, e Sua volta com grande poder e glória. Torrey cita cinco textos bíblicos — Isaías 53 (o capítulo inteiro), Miquéias 5.2, Daniel 9.25-27, Jeremias 23.5,6 e Salmo 16.8-11 — e comenta:

> Nas passagens citadas temos profecias da vinda do Rei de Israel. Elas nos falam sobre o momento exato da manifestação dele ao povo, o local exato de Seu nascimento, a família na qual ele deveria nascer, as condições da família no momento de Seu nascimento (condições totalmente diferentes das existentes no tempo em que a profecia foi escrita, e contrárias a todas as probabilidades nessa situação), o fato, o método e os detalhes em relação à morte de Jesus, com circunstâncias específicas no tocante ao Seu sepultamento, Sua ressurreição e a vitória subsequente à ressurreição. Essas profecias se cumpriram em Jesus de Nazaré nos mínimos detalhes. (TORREY, 1904-1906, p. 19)

Outro escritor, E. Schuyler English, ex-presidente do comitê editorial da *The New Scofield Reference Bible* [Nova Bíblia de Referência Scofield] e editor chefe da *The Pilgrim Bible* [A Bíblia do peregrino], observou:

> Mais de 20 profecias do Antigo Testamento em relação a eventos que circundariam a morte de Cristo, palavras escritas séculos antes de Seu primeiro advento, foram precisamente cumpridas dentro de um período de 24 horas no momento de Sua crucificação (apenas). Por exemplo, em Mateus 27.35 está escrito: *E, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sortes.* Isso é o cumprimento do Salmo 22.18, no qual consta o seguinte: *Repartem entre si as minhas vestes e lançam sortes sobre a minha túnica.* (ENGLISH, 1972, p. 26)[2]

Muitas profecias foram questionadas e tentativas foram feitas para conferir outras datas aos livros do Antigo Testamento, aproximando-os da época de Cristo. Todavia, ainda que algumas profecias sejam enquadradas no período mais recente imaginado pelos críticos radicais e destrutivos, elas continuarão pertencendo a centenas de anos antes do nascimento de Jesus. Além disso, o testemunho cumulativo de tais profecias é devastador. Ele consiste em fatos, os quais exigem um respaldo. O que irá respaldá-los? A existência de um Deus soberano. Ele revelou antecipadamente o que aconteceria quando enviasse Seu Filho unigênito para redimir a humanidade, e fez com que tudo o que fora predito acontecesse.

Muito mais pode ser dito em relação às profecias. O que foi comentado até agora se refere apenas à vinda de Cristo. Há também profecias acerca da dispersão e reunião de Israel, bem como profecias sobre as nações gentílicas e as capitais dessas nações, muitas das quais foram destruídas exatamente da forma como a Bíblia havia indicado gerações e mesmo séculos antes. As instituições, cerimônias, ofertas e festas de Israel também são proféticas na vida e no ministério de Jesus.[3]

A PRESERVAÇÃO DA BÍBLIA

Uma nona razão para crer que a Bíblia é a Palavra de Deus é sua extraordinária preservação ao longo dos séculos. Hoje, após ter sido traduzida em parte ou na sua totalidade para centenas de idiomas, alguns com múltiplas versões, e após milhões de cópias do texto sagrado terem sido impressas e distribuídas, seria quase impossível destruir a Bíblia. Mas, essa situação nem sempre prevaleceu.

Até a época da Reforma, o texto bíblico foi preservado por causa do árduo e demorado trabalho de copiá-lo várias vezes à mão, primeiro em folhas de papiro e depois em pergaminhos. Durante boa parte desse tempo, a Bíblia foi alvo de ódio extremo por muitos em posição de autoridade. Eles tentaram aniquilá-la. Nos primeiros anos da Igreja, Celso, Porfírio e Luciano tentaram destruir a Escritura pela força. Em muitos momentos foi considerado um crime grave possuir uma cópia de partes dela. Todavia, o texto sobreviveu.

Se a Bíblia consistisse apenas em pensamentos e obra de seres humanos, ela teria sido eliminada há muito tempo diante de tamanha oposição, como outros livros foram. No entanto, ela perdurou, cumprindo as palavras de Jesus: *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar* (Mt 24.35).

Vidas transformadas

Uma décima razão para crer que a Bíblia é a Palavra de Deus é sua capacidade de transformar os piores homens e mulheres, fazendo deles uma bênção para sua família, seus amigos e sua comunidade. O Salmo 19.7-9 trata desse poder:

> *A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e alumia os olhos. O temor do SENHOR é limpo e permanece eternamente; os juízos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente.*

Conforme discutimos no capítulo anterior, a transformação ocorre pelo poder do Espírito Santo, que trabalha por meio da Palavra.

Será que a Bíblia realmente muda homens e mulheres, transformando-os em pessoas espirituais? Sim. Prostitutas foram regeneradas. Bêbados se tornaram sóbrios. Orgulhosos se tornaram humildes. Pessoas desonestas tornaram-se íntegras. Homens e mulheres fracos tornaram-se fortes, e tudo por causa da transformação operada neles por Deus enquanto ouviram e estudaram a Escritura.

Uma ilustração digna de nota concerne à vida do Dr. Harry A. Ironside. No início de seu ministério, o grande evangelista e ministro do evangelho morava em San Francisco Bay e trabalhava com um grupo de cristãos chamado *Irmãos*. Certo domingo, quando caminhava pelas ruas da cidade, Harry se aproximou de um grupo de voluntários do Exército da Salvação e fez uma reunião com eles na esquina das avenidas Market e Grant. É provável que houvesse 60 pessoas. Quando reconheceram Ironside, imediatamente perguntaram se ele poderia dar seu testemunho. Ele assim o fez, falando sobre como Deus o havia salvado pela fé na morte física e na ressurreição de Jesus.

Enquanto Ironside falava, ele observou que de um lado do grupo um homem bem vestido tinha tirado um cartão do bolso e escrito alguma coisa nele. Quando Ironside terminou seu discurso, aquele homem foi à frente, cumprimentou-o com o chapéu e, de modo muito educado, entregou-lhe o cartão. De um lado, estava seu nome, o qual Ironside imediatamente reconheceu. O homem era um dos primeiros socialistas que se tornaram conhecidos ministrando palestras não só a favor do socialismo, mas também contra o cristianismo. Quando o Dr. Harry virou o outro lado do cartão, leu o seguinte: "Senhor, eu o desafio a um debate comigo sobre a questão 'agnosticismo *versus* cristianismo' na sala da Academia de ciências, no próximo domingo à tarde, às 16 horas. Pagarei todas as despesas".

Ironside releu o cartão em voz alta e respondeu algo como:

> Estou muito interessado neste desafio... Portanto, terei prazer em participar desse debate sob as seguintes condições: para provar que o Sr.... tem algo pelo qual vale a pena lutar e pelo qual vale a pena debater, ele prometerá levar consigo para a sala no próximo domingo duas pessoas cujas qualificações eu direi num instante, como prova de que o agnosticismo tem o poder de mudar vidas e construir um caráter íntegro.
>
> Primeiro, o Sr.... tem de prometer levar consigo um homem que foi durante anos o que comumente chamamos de 'vagabundo'. Não serei detalhista sobre a exata natureza dos pecados

que destruíram a vida dele e o tornaram um marginal da sociedade — se foi um beberrão, um bandido, ou uma vítima de seu apetite sexual. O importante é que seja um homem que durante anos esteve sob o poder de vícios dos quais não conseguia livrar-se, mas que em determinada ocasião participou de uma das reuniões do Sr...., ouviu a glorificação do agnosticismo e suas denúncias da Bíblia e do cristianismo, e cujos coração e mente, enquanto ouvia tal chamado, ficaram tão afetados que ele saiu daquele encontro dizendo: 'Daqui para a frente, eu também sou agnóstico!'.

Como resultado da absorção daquela filosofia específica, descobriu que um novo poder havia sido introduzido em sua vida. Os pecados que ele um dia amou passaram a ser odiados, e justiça e bondade seriam agora seus ideais de vida. Ele agora seria um homem inteiramente novo, uma honra para ele mesmo e um bem para a sociedade — tudo porque se tornou agnóstico.

Segundo, eu gostaria que o Sr.... prometesse levar consigo uma mulher — acho que ele terá mais dificuldade em encontrar a mulher do que o homem — que tenha sido uma pobre rejeitada, destruída e sem caráter, escrava de paixões vis, e vítima da vida corrompida de um homem... Talvez uma que tenha vivido durante anos num lugar ruim... Totalmente perdida, arruinada e destruída por causa da sua vida de pecado. Mas, essa mulher também entrou na sala onde o Sr..... estava proclamando em alta voz seu agnosticismo e ridicularizando a mensagem da Santa Escritura. Enquanto ouvia, a esperança brotou no coração dela, e ela disse: 'Isso é exatamente o que eu preciso para me livrar da escravidão do pecado!' Ela seguiu os ensinamentos e tornou-se uma agnóstica.

Como resultado, todo o seu ser se rebelou contra a degradação da vida que ela estava vivendo. Ela abandonou o covil de iniquidade onde tinha estado cativa por tanto tempo, e hoje conquistou seu lugar de volta a uma posição honrada na sociedade desfrutando de uma vida limpa, virtuosa e feliz — tudo porque se tornou agnóstica.

Agora — disse Ironside, dirigindo-se ao cavalheiro que lhe tinha entregado o cartão e proposto o desafio —, se você prometer levar essas duas pessoas com você como exemplo do que o agnosticismo pode fazer, eu prometo encontrá-lo na sala de Ciência às 16 horas no próximo domingo, e levarei comigo pelo menos 100 homens e mulheres que durante anos viveram em tal degradação pecaminosa como tentei descrever, mas que foram gloriosamente salvos ao crer no evangelho que você ridiculariza. Terei esses homens e mulheres comigo no palanque como testemunhas do miraculoso poder de salvar de Jesus Cristo, e como prova atual da veracidade da Bíblia. (IRONSIDE, 1939, p. 99-107)

O Dr. Ironside voltou-se para o capitão do Exército da Salvação, uma mulher, e perguntou: "Capitão, você sabe de alguém que poderia ir comigo a essa reunião?"

Ela exclamou com entusiasmo: "Podemos enviar com você pelo menos 40 só deste grupo, além de um grupo de louvor para liderar a caminhada até lá".

"Ótimo", Dr. Ironside respondeu. "Bem, Sr...., não terei dificuldade em conseguir os outros 60 de várias missões, congregações e igrejas evangélicas da cidade; se o senhor prometer fielmente levar dois exemplares do que descrevi, irei marchando na frente do grupo de louvor tocando *Onward, Christian Soldiers*[4] [Avante, soldados cristãos] e estarei pronto para o debate".

O homem que propôs o desafio parecia ter senso de humor, pois deu um sorriso amarelo e moveu a mão protestando como se dissesse "Deixa para lá!". Depois, saiu de fininho enquanto os espectadores aplaudiam Ironside e os outros. O poder do Cristo vivo operando pelo Espírito Santo por meio das

Escrituras transforma vidas. Isso tem sido comprovado ao longo da história. É uma prova poderosa de que a Bíblia é de fato a Palavra de Deus.

Notas

1 A **Revolução Puritana** foi um movimento que surgiu na Inglaterra no século 16, de confissão calvinista, que rejeitava tanto a Igreja Romana como a Igreja Anglicana. Os membros dessa seita, conhecidos como puritanos, eram presbiterianos rigoristas que desejavam praticar um cristianismo mais puro, muitos dos quais, após as perseguições do século 17, emigraram para a América do Norte.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Puritanismo)

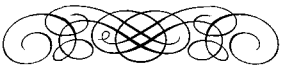
2 O autor convida o leitor a comparar: Mateus 26.21-25 com Salmo 41.9. Mateus 26.31,56; Marcos 14.50 com Zacarias 13.7. Mateus 26.59 com Salmo 35.11. Mateus 26.63; 27.12,14; Marcos 14.61 com Isaías 53.7. Mateus 26.67 com Isaías 50.6; 52.14; Miquéias 5.1; Zacarias 13.7. Mateus 27.9 com Zacarias 11.12,13. Mateus 27.27 com Isaías 53.8. Mateus 27.34; Marcos 15.36; João 19.29 com Salmo 69.21. Mateus 27.38; Marcos 15.27,28; Lucas 22.37; 23.32 com Isaías 53.12. Mateus 27.46; Marcos 15.34 com Salmo 22.1. Mateus 27.60; Marcos 15.46; Lucas 23.53; João 19.41 com Isaías 53.9. Lucas 23.34 com Isaías 53.12. João 19.28 com Salmo 69.21. João 19.33,36 com Salmo 34.20. João 19.34,37 com Zacarias 12.10.

3 Para uma discussão mais completa sobre essa área tão interessante dos estudos do Antigo Testamento, ver BUKSBAZEN, Victor. *The Gospel in the Feasts of Israel* [O evangelho nas Festas de Israel]. Fort Washington Park: Christian Literature Crusade, 1954 e GEISLER, Norman L. *Christ: The Theme of the Bible* [Cristo: o tema da Bíblia]. Chicago: Moody Press, 1968, p. 31-68.

4 N. T.: o autor se refere ao hino de número 368 do Cantor Cristão, *Confiança*.

CAPÍTULO 6

QUÃO VERDADEIRA É A BÍBLIA?



Desde o início da Igreja cristã até boa parte do século 18, a grande maioria dos cristãos de todas as denominações reconhecia que as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento eram unicamente a Palavra de Deus.

Nesses livros Deus fala. E porque Deus fala nas Escrituras – como não faz em nenhum outro lugar da mesma forma – todos os que alegavam ser cristãos reconheciam a Bíblia como uma autoridade divina trazendo a todos um conjunto de verdades objetivas que transcendem a compreensão subjetiva.

Nesses livros, os atos de salvação de Deus na história são revelados a nós para que possamos crer. E os eventos dessa história são divinamente interpretados para que homens e mulheres possam entender o evangelho e responder a ele com inteligência, tanto em pensamentos como em ações. A Bíblia é a Palavra de Deus escrita. Como a Bíblia é a Palavra de Deus, as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento têm autoridade e não falham.

A VISÃO DOS PRIMEIROS 16 SÉCULOS

Há muitas declarações que substanciam a existência desta visão estimada das Escrituras nos documentos da Igreja primitiva.

Ireneu, que vivera em Lyon no início do segundo século [em *Contra Heresias*, II, xxvii, Iª edição 1885], escreveu que "deveríamos estar plenamente convencidos de que as Escrituras são de fato perfeitas, uma vez que foram ditas pela Palavra de Deus e de Seu Espírito"(ROBERTS e DONALDSON, p. 399).

Cirilo de Jerusalém[1], que viveu no quarto século, disse:

> Nem mesmo uma declaração casual pode ser feita sem as Escrituras Sagradas; nem devemos ser levados para outro lado por meras possibilidades e artifícios do discurso [...] Porque essa salvação na qual cremos não depende de argumentos ingênuos, porém da demonstração das Sagradas Escrituras. (SCHAFF e WACE, 1893, p. 23)

Em carta a Jerônimo, o tradutor da Vulgata Latina, Agostinho revelou:

> Eu [...] acredito com firmeza que nenhum desses autores errou ao escrever qualquer coisa que fosse. Se porventura encontro algo nesses livros que pareça contrário à verdade, decido que o texto é ora corrompido, ora o tradutor não seguiu o que realmente foi dito, ou que eu falhei ao entender [...] Os livros canônicos são livres de falsidade. (PAIS DA IGREJA, 1951, p. 392, 409)[2]

E em seu tratado *Sobre a Trindade*, Agostinho advertiu:

> Não se disponham a render-se a meus escritos como às Escrituras canônicas; porém nessas,

quando vós tiverdes descoberto até mesmo o que vós outrora não críeis, crede sem hesitação. (Schaff, 1887, p. 56)[3]

A mesma posição é mantida por Lutero. Alguns consideram que a referência de Lutero à Bíblia como "o berço de Cristo" provaria que ele acreditava numa revelação na Bíblia, não numa idêntica a ela, e que ele tinha as Escrituras em menor estima do que o Cristo da qual ela falava. Para alguns, isso significaria que nem toda a Bíblia é a Palavra de Deus. Contudo, isso não é correto.

A expressão de Lutero, *o berço de Cristo*, ocorre no fim do terceiro parágrafo de seu *Prefácio ao Antigo Testamento*. E ali, como o falecido estudioso luterano J. Theodore Mueller demonstrou, Lutero estava na verdade defendendo o valor do Antigo Testamento para os cristãos. Longe de estar condenando as Escrituras, Lutero estava na verdade preocupado em "expressar sua mais reverente estima às Escrituras Sagradas, que oferecem aos homens a bênção suprema da salvação eterna em Cristo" (*Cristianismo hoje*, 24/10/1960, p. 11).

O próprio Lutero disse em seu *Prefácio ao Antigo Testamento*:

Rogo e de forma verdadeira exorto que cada Cristão piedoso não seja ofendido pela simplicidade da linguagem e das histórias que encontrará aqui no Antigo Testamento. Permita que ele não duvide que, por mais simples que possam parecer, são as próprias palavras, obras, julgamentos e atos da grande majestade, poder e sabedoria de Deus. (Plass, 1959, p. 71)

Em *Aquelas doutrinas de homens que devem ser rejeitadas*, Lutero afirmou:

As escrituras, embora tenham sido também escritas por homens, não são de homens nem vêm de homens, mas de Deus. (Plass, 1959, p. 63)

Em *Conversa de mesa*, Lutero assinalou que:

Precisamos diferenciar muito bem a *Palavra de Deus* da *palavra de homens*. A palavra do homem é um pequeno som, que ecoa pelo ar, e logo se esvai, entretanto a Palavra de Deus é maior que os céus e a terra, sim, maior que a morte e o inferno, pois faz parte do poder de Deus, e perdura para sempre. (Kerr, 1943, p. 10)

Em alguns momentos, Calvino é ainda mais direto. Comentando sobre 2 Timóteo 3.16, o reformista de Genebra afirmou:

Esse é o princípio que distingue nossa religião de todas as outras, pois sabemos que Deus falou conosco e estamos totalmente convencidos de que os profetas não falaram de si mesmos, todavia por intermédio do Espírito Santo, pronunciavam apenas aquilo que haviam sido comissionados para declarar. Todos aqueles que desejam beneficiar-se das Escrituras precisam primeiro aceitá-las como princípio estabelecido, a Lei e os ensinamentos dos profetas não são transmitidos ao bel-prazer de homens, ou elaborados a partir de doutrinas terrenas, foram escritos por homens, contudo inspiradas pelo Espírito Santo.

Devemos às Escrituras a mesma reverência que devemos a Deus, uma vez que Ele é sua única fonte e não há nada de origem humana misturado a elas. (Calvino, 1964, p. 330)

Em seus comentários de Salmos, Calvino falou da Bíblia como aquela *regra certa e infalível* (Sl 5.11).

Em *Um catecismo romano*, John Wesley disse algo parecido:

A Escritura é, por isso, regra suficiente em si mesma, e foi por homens divinamente inspirados ao mesmo tempo entregue ao mundo. (Wesley, 1872, p. 90)

> Se houver erros na Bíblia, pode ser que haja milhares. Se houver falsidade nesse Livro, não veio do Deus da verdade. (WESLEY, 1872, p.82)

Nos séculos 16 e 17, a glória de Cristo resplandecia em todos os cristãos, em diversos lugares, apesar das diferenças do entendimento sobre teologia ou em questões sobre a Igreja. Naquela época, os cristãos eram fiéis às verdades bíblicas. As Sagradas Escrituras eram autoridade suprema e inerrante em todos os aspectos para os seguidores de Cristo. A Palavra podia ser negligenciada e até contestada, havendo discordância sobre o que o Livro realmente ensinava, no entanto, mesmo assim, a Bíblia era aceita como a Palavra de Deus. E essa era a única regra de fé e prática infalível dos cristãos.

VISÕES PÓS-REFORMA

No período posterior à Reforma, a visão ortodoxa da Bíblia sofreu ataques devastadores de modo crescente.

Na Igreja Católica, os ataques vieram das tradições estabelecidas pela própria Igreja. Já enfraquecida ao longo dos séculos por reportar-se mais aos patriarcas da Igreja primitiva do que às Escrituras (em defesa de pontos de doutrina e em reação violenta à Reforma Protestante), a Igreja Católica, em 1546, deu o passo de oficializar a tradição da Igreja ao lado das Escrituras como uma fonte válida de revelação divina.

O significado pleno dessa decisão foi indubitavelmente negligenciado na época do Concílio de Trento, mas foi algo monumental. O ato trouxe consequências trágicas para a Igreja Católica com o desenvolvimento contínuo de doutrinas enfraquecedoras, como a mariolatria[4] e a veneração de santos demonstram.

Em teoria, a Bíblia permanece infalível, pelo menos para os grandes setores do catolicismo. Mas a preferência humana por tradições mais do que pela Palavra absoluta e inerrante desloca o peso da autoridade para longe da Palavra de Deus.

No Protestantismo, o ataque veio pelo chamado *alto criticismo*[5]. Por um tempo, como resultado de sua herança e acirrada polêmica contra o catolicismo, igrejas protestantes em geral aferravam-se a uma Bíblia infalível. Contudo, no século 18 e em particular no século 19, uma apreciação crítica das Escrituras, apoiada por um racionalismo natural, logrou êxito ao expulsar a Bíblia do lugar que ela ocupava antes. Para a Igreja da era do racionalismo, a Bíblia se tornou *a palavra do homem sobre Deus*, em vez de *a Palavra de Deus para o homem*.

Por fim, ao rejeitar o único divino caráter da Bíblia, muitos críticos rejeitaram também sua autoridade.

A Igreja Católica enfraqueceu a visão ortodoxa da Bíblia ao elevar as tradições humanas ao mesmo nível das Escrituras. Os protestantes enfraqueceram a visão ortodoxa das Escrituras ao rebaixarem a Bíblia ao nível das tradições. As diferenças são grandes, entretanto os resultados são semelhantes. Nenhum dos grupos negou totalmente a qualidade de revelação das Escrituras. Todavia, em ambos os casos o caráter único das Escrituras se perdeu, sua autoridade foi enfraquecida e a função da Bíblia como voz reformadora de Deus dentro da Igreja foi esquecida.

O fato de nenhuma dessas duas posições [a católica e a protestante] serem aceitáveis deveria tornar-se evidente a todos e trazer a Igreja de volta à sua posição original. Porém, não é isso que parece estar acontecendo. Em vez disso, alguns evangélicos que têm tradicionalmente insistido em defender a inerrância da Palavra parecem estar movendo-se para uma direção mais liberal, demonstrando uma atitude cada vez mais ambivalente em relação à infalibilidade do texto bíblico.

Precisamos ser extremamente cuidadosos nesse ponto. É importante questionar o significado do termo *inerrância,* que difere de rejeição total. Por exemplo, alguns estudiosos muito conservadores indagaram se *inerrância* seria realmente o melhor termo para usarmos com referência à Bíblia, já que isso aparentemente exigiria uma precisão de detalhes tão exata a ponto de incluir até mesmo uma necessidade de gramática perfeita, o que não existe. Então, eles preferiram a palavra *infalibilidade* por esta parecer exigir padrões modernos, científicos de precisão em expressões que os escritores antigos obviamente não tinham.

Tais estudiosos preferiram falar da Bíblia como *fiel* ou *verdadeira.* No entanto, essas não são as áreas de preocupação real. Nessas áreas pode muito bem haver variação, baseada no conhecimento de que não há nenhum termo — *inerrância, infalibilidade, fidelidade, confiabilidade, veracidade,* ou outros — que descreva com perfeição o que queremos dizer. Contudo, não deve haver dúvidas quanto ao caráter único e autoridade da Bíblia, como um todo e em partes, como a Palavra de Deus. A palavra *infalibilidade,* quaisquer que sejam suas limitações, pelo menos preserva essa ênfase.

A filosofia do criticismo moderno

O criticismo bíblico moderno é em geral creditado por derrubar a antiga visão de inerrância. Diz-se que a inerrância era uma alternativa possível na época em que homens e mulheres sabiam muito pouco sobre os textos bíblicos ou sobre história da Bíblia. Porém, descobertas modernas mudaram tudo isso. Hoje sabemos que na Bíblia certos fatos são citados de modo errôneo. Por exemplo, aparentemente Quirino não foi *a rigor* o governador da Síria na época do nascimento de Cristo (Lc 2.2), e Moisés não teria escrito [de próprio punho] o Pentateuco. Em vista disso, a infalibilidade bíblica é discutida.

Um estudioso escreveu:

> O desenvolvimento científico do século passado mostrou ser insustentável toda a concepção da Bíblia como um Livro verbalmente inspirado por Deus, ao qual podemos buscar com absoluta certeza para direção infalível em todos os assuntos sobre fé e conduta. (Knox, 1931, p. 99)

Mas o estudo da crítica moderna exige uma mudança radical de nossa visão da Escritura? Dúvidas emergem quando nos damos conta de que a maioria dos "erros" apontados na Bíblia não são descobertas recentes do criticismo científico, são apenas dificuldades conhecidas há séculos pela maioria dos eruditos bíblicos sérios.

Orígenes, Agostinho, Lutero, Calvino e inúmeros outros tinham consciência desse problema. Eles sabiam que vários períodos de tempo da Bíblia eram relatados de forma diferente por escritores diferentes. Por exemplo, em Gênesis 15.13 é dito que o período de Israel no Egito foi de 400 anos, enquanto em Êxodo 12.41 é dito que a estada durou 430 anos. Nos relatos dos quatro Evangelhos, o número de anjos junto ao sepulcro de Jesus, após Sua ressurreição. [Em Mateus 28.1-5 e em Marcos 16.5-7, é mencionado um anjo; em Lucas 24.4-7 e em João 20.10-13, são mencionados dois anjos.]

Entretanto, aqueles estudiosos entendiam que detalhes como esses eram resultado meramente de perspectivas distintas dos autores ou da intenção específica deles ao escreverem. Assim, não se sentiram compelidos a alijar a concepção ortodoxa da Escritura por causa dessas variantes.

O verdadeiro problema com a *inerrância* vai além dos dados produzidos pelo criticismo científico para a filosofia subjacente à iniciativa da crítica moderna. Essa filosofia é o naturalismo. Essa visão de mundo nega o sobrenatural, ou busca situá-lo para

além da investigação científica. O sobrenatural, não tem correlação direta com as palavras específicas do texto bíblico. Ele é, para usar o termo de Francis Schaeffer[6], uma realidade de *história superior*, além de provas ou contradições.

Pinnock alertou:

> O criticismo negativo agora é a ferramenta da nova teologia. Ele deixou de ser empregado como uma maneira rápida de trazer à tona características questionáveis do ensino bíblico. Ele agora serve para desacreditar a completa noção no coração do cristianismo de que há um corpo de informações reveladas, normativas para a teologia cristã. No interesse moderno pela hermenêutica, não vemos um revivescimento do interesse em levar a verdade da Escritura a sério, mas apenas uma tentativa de usar a Bíblia de uma maneira nova, não literal e existencial. (PINNOCK, 1967 p. 4)

Um grande exemplo disso seria a teologia de Rudolf Bultmann, que escreveu volumes de exposição teológica, negando que a revelação cristã tivesse qualquer conteúdo proposicional.

Se este fosse de fato o ponto no debate sobre a inerrância, a discussão seria obviamente muito mais importante do que se existem ou não alguns erros insignificantes nas Escrituras. Mas o que está em jogo é a questão da revelação como um todo. Deus pode revelar-se à humanidade? E, para ser mais específico, Ele pode revelar-se em linguagem, que é a especificidade do que se torna normativo para a fé e ação cristãs? Com uma Palavra inerrante essas coisas são possíveis. Sem isso, a teologia inevitavelmente entra no terreno infértil da especulação humana.

A Igreja, que precisa de uma Palavra de Deus segura, tropeça. Sem uma revelação inerrante, a teologia não está só à deriva, ela não tem sentido. Ao repudiar seu direito de falar da Escritura como Palavra de Deus, a Bíblia é privada do seu direito de falar sobre qualquer outro assunto também.

A DEFESA DA INERRÂNCIA

A autenticidade divina é a rocha que sustenta a defesa da Escritura como a Palavra de Deus de autoridade e completamente fidedigna. As etapas dessa defesa são as seguintes:

✓ A Bíblia é de modo geral um documento fidedigno. Sua confiabilidade é estabelecida ao tratá-la como qualquer outro registro histórico, como, por exemplo, a obra de Josefo ou relatos de guerra de Júlio César.

✓ Com base nos registros históricos, há razão suficiente para crermos que o personagem central da Bíblia, Jesus Cristo, fez o que se afirma que Ele fez, sendo assim Ele é o que afirma ser: o único Filho de Deus.

✓ Como Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo é uma autoridade infalível.

✓ Jesus Cristo não apenas reconhecia a autoridade da Bíblia, Ele a ensinava, chegando ao ponto de afirmar que é inerrante e eterna, por ser a Palavra de Deus. *Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido* (Mt 5.18)

✓ Se a Bíblia é a Palavra de Deus, como Jesus ensinou, ela deve ser, por essa razão única, totalmente fidedigna e inerrante, pois Deus é o Deus da verdade.

✓ Logo, baseada no ensino de Jesus Cristo, o infalível Filho de Deus, a Igreja crê que a Bíblia também é infalível[7].

Em outras palavras, a defesa da *inerrância* repousa sobre (e é uma consequência inevitável) o tipo de material apresentado nos capítulos 3 e 4. A Bíblia como um documento histórico nos fornece um conhecimento seguro sobre um Cristo infalível, que sempre demonstrou a mais alta consideração pelas Escrituras.

Como consequência, as doutrinas de Cristo devem e têm de ser as doutrinas de Seus seguidores.

A defesa contra a inerrância

Muitos que seguem a lógica da defesa tradicional de inerrância da Escritura ficam incomodados com o que parecem ser objeções insuperáveis. Analisemos essas objeções e vejamos se elas são tão formidáveis quanto parecem.

1. A primeira objeção é baseada na natureza dos textos bíblicos. Alguém poderia indagar: "Um dos problemas não é admitir que esses são documentos históricos confiáveis? Tais textos são obviamente históricos, portanto são documentos produzidos por seres humanos. São seletivos no que contêm. Usam a limitada e, muitas vezes, figurada linguagem da época em que foram escritos. Relatos paralelos revelam pontos de vista diferentes pertencentes a diferentes autores. O tratamento literário do material varia. É isso que devemos esperar de uma revelação divina? Isso, em si mesmo, significaria que estamos lidando com um livro puramente humano?"

Essas são questões legítimas, mas não cabe a nós dizer de que forma uma revelação divina deve ser dada nem insistir que a revelação não seja divina por causa de certas características. É óbvio que nada meramente humano pode ser um veículo adequado para a verdade de Deus. O Senhor, porém, não está impedido de condescender-se em usar a linguagem humana para transmitir à humanidade Sua verdade inerrante.

Calvino comparou a ação de Deus com a de uma mãe que usa o *tatibitate* para se comunicar com um filho. Essa comunicação é limitada, pois a criança não consegue dialogar no mesmo nível elevado de linguagem da mãe. Contudo, ela consegue baixar o padrão para falar com ele. Logo, é uma comunicação verdadeira.

Tendo em vista essa ilustração, entendemos que a natureza dos documentos bíblicos em si não tem nada a ver com a questão da inerrância.

2. Uma segunda objeção à inerrância da Bíblia começa onde a primeira objeção termina. Ela não tem tanta relação com a natureza dos livros bíblicos, e sim com o simples fato de que eles são produções humanas. Errar é humano, tais críticos defendem, por conseguinte, a Bíblia, como um texto humano, deve conter erros.

À primeira vista esse argumento pode parecer lógico, todavia uma análise mais profunda mostra que não é assim. Mesmo que seres humanos de fato errem, não é verdade que certa pessoa errará o tempo todo ou em qualquer situação.

Por exemplo, o desenvolvimento de uma equação científica é, para o propósito para o qual é dada, literalmente infalível. O mesmo pode ser dito sobre uma notificação impressa de uma reunião, instruções para fazer um carro funcionar entre outras coisas.

Com certeza, como John Warwick Montgomery observou ao desenvolver seu argumento:

> A produção ao longo dos séculos de 66 livros inerrantes e mutuamente consistentes por diferentes autores é uma tarefa muito difícil, e alegra-nos atribuir ao Espírito de Deus realizá-la. Entretanto, o ponto permanece de que não há nada metafísico inumano ou contra a natureza humana em tal possibilidade. (Montgomery, 1974, p. 33)

A analogia entre *concepção e nascimento do Senhor Jesus Cristo* e *a maneira como a Bíblia nos foi dada* é instrutiva. Lemos que, quando o Senhor foi concebido no ventre da virgem Maria, o Espírito Santo a cobriu com Sua sombra, para que a criança gerada fosse chamada de Filho de Deus (Lc 1.35). O divino

e o humano se encontraram na concepção de Jesus, e o resultado foi também, por sua vez, tanto humano como divino. Cristo era um homem de verdade. Ele era uma pessoa singular, um judeu. Ele tinha uma determinada altura e uma aparência reconhecível. Também era divino, santo e sem pecado.

Assim como o Espírito Santo desceu sobre a virgem Maria para que ela concebesse o Filho humano de Deus em seu ventre, o Espírito Santo atuou nas células do cérebro de Moisés, Davi, os profetas, os evangelistas, Paulo e outros escritores bíblicos, para que a revelação divina fosse compreendida pela mente deles e escrevessem aqueles livros que constituem nossa Bíblia. Seus escritos trazem as marcas da personalidade humana de cada um. Por isso, os livros diferem em estilo. Contudo, a fonte principal de revelação bíblica é divina; e o toque humano não imprimiu erro nos escritos, assim como o ventre humano de Maria não contaminou com o pecado o Salvador.

3. Uma terceira objeção à inerrância é baseada no fato de que ela é reivindicada apenas em relação aos manuscritos originais, não às cópias que foram feitas a partir deles, nas quais nossas traduções contemporâneas se baseiam.

Uma vez que nenhuma pessoa viva até hoje viu os manuscritos, não seria possível nem ratificá-los nem fraudá-los. Logo, não seria um despropósito epistemológico recorrermos aos originais?

Alguém poderia indagar: "E se houver um original inerrante?" Já que não o temos, o apelo a uma Bíblia inerrante não faz sentido. Mas é isso mesmo? Seria verdade se (1) o número de erros aparentes permanecesse constante quando alguém comparasse as cópias aos escritos originais, e se (2) aqueles que creem na infalibilidade bíblica recorressem a um original que fosse substancialmente diferente da melhor cópia do manuscrito em existência. Contudo, nenhuma das duas sentenças é possível. Pelo contrário, de acordo com John Warwick Montgomery:

> O número de erros textuais diminui de modo constante à medida que nos voltamos para os manuscritos perdidos, encorajando, com razão, a suposição de que, se pudéssemos preencher por inteiro o intervalo entre os originais e nossos textos e fragmentos mais antigos, alguns papiros, remontando ao primeiro século, todos os erros aparentes iriam desaparecer [...] O evangélico conservador apenas recorre aos manuscritos perdidos, desprezando os melhores textos existentes, naqueles exemplos limitados e específicos, tais como o registro de numerais, quando evidências independentes mostram uma alta probabilidade de erros de transcrição que vêm desde o início. (MONTGOMERY, 1974, p. 36)

Aquele que crê em *infalibilidade* lida com problemas textuais da mesma forma que um estudioso secular lida com problemas relacionados a qualquer documento antigo. Entretanto, devido ao extraordinário número de variedades de manuscritos bíblicos, não há razão para duvidarmos de que o texto de hoje seja idêntico ao texto original em todos os aspectos, com exceção de algumas pequenas variações textuais. E essas poucas variantes são bem conhecidas pelos comentaristas bíblicos.

4. Uma quarta maior objeção à doutrina da inerrância diz respeito à própria função da linguagem como veículo da verdade. Alguns estudiosos sugerem que a verdade transcende a linguagem de modo que a verdade das Escrituras encontra-se nos "pensamentos das Escrituras" mais do que em suas palavras.

Mas, como observou Pinnock:

> Faria sentido aceitar a inspiração dos pensamentos, e não as palavras, dos escritores bíblicos, ou que esses pensamentos, além de serem

> contraditórios não apenas em relação às afirmações das Escrituras, seriam intrinsecamente sem sentido? O que é um pensamento inspirado expresso em uma linguagem não inspirada? (Pinnock, 1967, p. 8)

Se a Bíblia é de fato inspirada, ela tem que ser inspirada verbalmente. E inspiração verbal significa infalibilidade!

Com certeza, há textos das Escrituras em que a escolha de uma palavra pode fazer pouca diferença no registro de um fato ou de uma doutrina. O vocábulário usado em alguns versículos pode ser mudado, como tradutores fazem com regularidade para transmitir o significado próprio a uma cultura em particular. Mas há outros textos em que as palavras são cruciais, e a doutrina inevitavelmente sofrerá se não conseguirmos levá-la a sério. Indubitavelmente, se cremos na autoridade da Bíblia, temos de crer também numa Bíblia verbalmente inspirada e, por isso, infalível tanto no ponto em questão como em outros pontos também. Essa visão condiz com o próprio ensino bíblico e com a natureza da sua linguagem.

A questão dos erros

Por fim, existem aqueles que acompanhariam esse argumento até aqui, e até mesmo concordariam com ele em algumas partes; contudo, sentem que certos "erros" foram descobertos pelos resultados apontados pelos estudiosos da Bíblia.

Haveria realmente erros comprovados? Há dificuldades em algumas partes. Ninguém questiona isso. No entanto, a academia teria, de fato, demonstrado que certos detalhes nas informações relatadas nos livros da Bíblia são falsos e, em vista disso, que os escritos foram produzidos apenas pela vontade de homens [sem a inspiração divina], afinal de contas?

Houve uma época não tão remota, quando reivindicações como essa eram abertamente feitas por muitas pessoas influentes. No passado, quase todo teólogo bíblico e acadêmico falava de "resultados comprovados" ou "descobertas cabais", que imaginavam suficientes para derrubar por terra a concepção ortodoxa da Bíblia. Hoje, entretanto, qualquer pessoa que teve a oportunidade de pesquisar sobre essas questões com profundidade sabe que essas expressões não podem ser usadas com frequência; aliás, raramente se aplicam, porque, como resultado de uma marcha contínua de investigações bíblicas e arqueológicas, muitos dos chamados *resultados comprovados* foram destruídos diante daqueles que os apresentavam.

Em 2 Reis 15.29, por exemplo, há uma referência a um rei da Assíria chamado Tiglate-Pileser, que invadiu o Reino do Norte (Samaria) e levou cativos muitos líderes israelitas.

Acadêmicos de uma geração atrás diziam — seus livros ainda constam em nossas bibliotecas — que esse rei nunca existiu e que o relato da queda de Israel pela Assíria é algo próximo à mitologia. Hoje, contudo, após arqueólogos escavarem a cidade que era capital de Tiglate-Pileser, essa história bíblica foi comprovada. Eles encontraram o nome de tal governante impresso em tijolos onde se lia: "Eu, Tiglate-Pileser, rei das terras do oeste, rei da terra, cujo reino se estende até o grande mar". O leitor de língua inglesa encontra relatos de batalhas dele com Israel no livro de James B. Pritchard *Ancient Near Eastern Texts Relating to The Old Testament* [Textos antigos Oriente Próximo relacionados ao Antigo Testamento].

Contemporâneos daqueles primeiros estudiosos, negavam que Moisés teria escrito os cinco primeiros livros da Bíblia sobre a premissa (aparentemente irrefutável) de que a escrita não havia sido inventada na época dele. Entretanto, arqueólogos modernos desencavaram milhares de tábuas com inscrições centenas de anos anteriores a Moisés e até a

Abraão. Para dizer a verdade, hoje se sabe de seis diferentes línguas escritas a partir da época de Moisés e antes dela.

Em períodos mais recentes, muitos poderiam achar que os livros históricos do Novo Testamento, escritos numa data muito próxima aos eventos que relatam, seriam pouco confiáveis. Os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), em particular, foram datados tarde, mas o Evangelho de João, que parecia ter em grande medida influências helenistas, foi atribuído ao segundo século ou, de acordo com alguns acadêmicos, ao terceiro século depois de Cristo. Contudo, no momento certo, um pedaço de papiro descoberto no Egito exigiu que os estudiosos datassem o quarto evangelho no máximo até o ano 125 d.C., ou seja, muito antes da primeira época apontada.

Os resultados da academia, em vez de desacreditarem a Bíblia, validam cada vez mais a afirmação dela. Não provaram a *infalibilidade* — nenhuma quantidade de dados poderia provar isso —, e sim *confiabilidade* dela, pois revelam que nada é incompatível com as considerações nas Escrituras. Na verdade, como a Revista *Time* reconheceu na reportagem de capa, de 30/12/1974, sobre a Bíblia, intitulada *Ganho para os que creem*:

> A amplitude, sofisticação e diversidade de toda essa investigação bíblica são impressionantes. Mas propõem uma questão: elas tornaram a Bíblia mais, ou menos, confiável? Literalistas que sentem o chão mover-se quando um versículo é modificado diriam que a credibilidade foi afetada. A dúvida foi semeada; a fé está em risco. No entanto, cristãos que esperam algo mais da Bíblia podem também concluir que a credibilidade dela foi acentuada. Após mais de dois séculos de enfrentamento das armas científicas mais pesadas que pudessem ter sido usadas, a Bíblia sobreviveu — talvez esteja melhor sob cerco. Mesmo nos termos dos próprios críticos, fato histórico, as Escrituras são mais bem aceitas agora do que eram quando os racionalistas iniciaram o ataque. (*Time*, 30/12/1974, p.41)

Os cristãos nunca devem temer por firmarem-se na Palavra de Deus e reconhecerem a autoridade dela, como fez o Senhor Jesus Cristo. Em alguns momentos, haverá teorias críticas que irão contrariá-la. Os argumentos poderão parecer sem réplica, e quem tentar ficar contra eles poderá ser rejeitado como um "obscurantista".

Os sábios deste mundo diriam: "Você pode acreditar nisso se quiser, mas os resultados da crítica científica nos ensinam além." Tais coisas aconteceram antes e vão acontecer de novo. Contudo, cristãos que estão firmados nas Escrituras descobrirão que, quando os chamados "resultados comprovados" começarem a tombar entre os estudiosos, a visão da Bíblia oferecida por Jesus Cristo e a visão histórica da Igreja sempre prevalecerão.

Há alguns anos, um antigo líder da Igreja da Inglaterra, o Bispo Ryle de Liverpool, escreveu:

> Dê-me o plenário, a teoria verbal da inspiração bíblica com todas as suas dificuldades, em vez da dúvida. Eu aceito as dificuldades e com humildade aguardo as soluções. Mas enquanto espero, estou firme na Rocha.

Notas

1 **Cirilo de Jerusalém** (315—386 d.C.), foi bispo da Igreja de Jerusalém em sucessão ao bispo Máximo, no ano 348. Ofereceu forte oposição ao arianismo, o qual negava a Trindade. É considerado grande doutor e apologista da Igreja cristã. Suas famosas 23 aulas de *catequese* que ele pregou contêm instruções sobre os principais temas da fé cristã e prática, mais popularmente do que de uma forma científica, cheio de um amor e carinho pastorais para com os catecúmenos. Cada palestra é baseada em um texto da Bíblia, e há uma abundância de citação bíblica por toda parte. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cirilo_de_Jerusal%C3%A9m)

2 Epístola 82 de Agostinho, da obra Cartas de Agostinho 1-82, in: *The Fathers of the Church* [Os Pais da Igreja]. Vol.12. Trad. Wilfrid Parsons. Washington: The Catholic University of America Press, 1951, p. 392,409.

3 Prefácio do capítulo 3, na obra *Sobre a Trindade*, de Agostinho, in: Schaff, Philip (ed.). *The Nicene and Post-Nicene Fathers* [Os Pais nicenos e pós-nicenos]. Series 1. Vol 3. Buffalo: The Christian Literature Company, 1887, p. 56.

4 O termo ***mariolatria*** vem de Maria, forma grega do nome hebraico Miriã, e de latreia. A *mariolatria* é o culto ou a adoração a Maria.

5 O **criticismo bíblico** é um movimento teológico-filosófico bem ao gosto da época, inspirado no *Kritizismus* de Kant, voltado a fazer leituras críticas dos Livros Sagrados e demais documentos dogmáticos.

Em sentido restrito, o criticismo é empregue para denominar uma parte da filosofia kantiana (aquela que diz respeito à questão do conhecimento). Esta propõe-se investigar as categorias ou formas *a priori* do entendimento. A sua meta consiste em determinar o que o entendimento e a razão podem conhecer, encontrando-se livres de toda experiência, bem como os limites impostos a este conhecimento pela necessidade de fazer apelo à experiência sensível para conhecermos. Este projeto pretende fundamentar um pensamento metafísico de carácter não dogmático. Entre o cepticismo e o dogmatismo, o criticismo kantiano instaura-se como a única possibilidade de repensar as questões próprias à metafísica. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Criticismo)

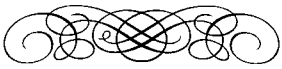
6 **Francis Schaeffer** (1912-1984) foi um teólogo cristão evangélico americano, filósofo e pastor presbiteriano. Tornou-se famoso por seus escritos e pela criação da comunidade L'Abri (do francês, *O Abrigo)*, na Suíça. Opondo-se ao modernismo teológico, à chamada neo-ortodoxia, Schaeffer defendia uma fé baseada na tradição protestante e um enfoque pressuposicional na apologética cristã.

O *Manifesto Cristão*, de Schaeffer, publicado em 1981, posiciona suas teses como uma resposta cristã ao Manifesto Comunista, de 1848, e aos documentos do Manifesto Humanista, de 1933 e 1973. O diagnóstico de Schaeffer dizia que o declínio da civilização ocidental se deve à sociedade ter se tornado cada vez mais pluralista, resultando em um desvio *"para longe de uma cosmovisão que era pelo menos vagamente cristã na memória das pessoas...em direção a algo totalmente diferente"*. Schaeffer argumentava que há um combate filosófico entre o povo de Deus e os humanistas seculares. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Schaeffer)

7 Essa abordagem clássica em defesa da Escritura é discutida de forma detalhada por R.C. Sproul em seu ensaio *The Case for Inerrancy: A Methodological Approach* [A Defesa da Inerrância: Uma Análise Metodológica], in: Montgomery, J.W. (ed). *God's Inerrant Word* [A Palavra Inerrante de Deus]. Minneapolis: Bethany Fellowship, 1974, p. 248-260.

CAPÍTULO 7

O CRITICISMO BÍBLICO MODERNO



O criticismo bíblico moderno, mais do que qualquer coisa, enfraqueceu e quase destruiu a elevada reputação que a Bíblia conquistou ao longo da história do cristianismo. Portanto, é necessário analisar as principais linhas dessa escola de pensamento, como se desenvolveu nos últimos dois séculos, para, por fim, refletir sob uma perspectiva evangélica.

As raízes da *crítica superior*

A *crítica superior* (ou *crítica nova*) do Antigo e do Novo Testamento, aliada às linhas literárias, não é exclusiva aos séculos 19 e 20. Teodoro de Mopsuéstia, um dos mais notáveis teólogos da Escola de Antioquia, relegou um número de salmos (tais como o 51, o 65 e o 127) à época do exílio babilônico.

Durante a Idade Média, Ibn Ezra, um estudioso judeu, alegou ter descoberto certo número de anacronismos no Pentateuco. Até mesmo Martinho Lutero aplicou uma forma de crítica literária a seus pronunciamentos ocasionais sobre a autenticidade e o valor relativo dos livros bíblicos. Todavia, só em meados do século 18, em 1753, para ser exato, a *crítica superior* foi introduzida em grande escala e com propósito comparável ao nosso uso da expressão hoje.

Naquele ano um cientista e médico da corte francesa, Jean Astruc, publicou um trabalho sobre as fontes literárias de Gênesis e lançou um método de estudo bíblico que encontraria grande aceitação, primeiro na Alemanha, depois por toda a Europa e nos Estados Unidos. Astruc observou que:

> No texto hebraico de Gênesis, Deus é designado por dois nomes diferentes. O primeiro é *Elohim*. Embora esse nome tenha outros significados em hebraico, é especialmente aplicado ao Ser Supremo. O outro é *Jeová*, o grande nome de Deus que expressa Sua essência.
>
> Ora, alguém poderia supor que os dois nomes eram usados de forma indiscriminada como termos sinônimos, para dar variedade ao estilo. Isso, entretanto, estaria errado. Os nomes nunca são alternados; há capítulos inteiros, ou partes grandes de capítulos, em que Deus é sempre chamado de *Elohim*, e outros, pelo menos tão numerosos quanto, nos quais Ele é sempre chamado de *Jeová*.
>
> Se Moisés fosse o autor de Gênesis, teríamos de atribuir essa variação estranha e desarmônica a ele mesmo. No entanto, podemos conceber tamanha negligência na composição de um livro tão curto quanto Gênesis? Imputaríamos a Moisés tamanha falha que nenhum outro escritor cometeu? Não é mais natural explicar essa variação ao supor que Gênesis foi composto por duas ou três memórias, nas quais os diferentes autores deram nomes distintos a Deus, um usando *Elohim*, outro *Jeová* ou *Jeová Elohim*? (Hastings, 1912, p. 315)

A afirmação de Astruc é uma expressão primitiva do espírito crítico, exibindo características que logo se tornariam representantes do criticismo literário como um todo. Primeiro, ela revela um cisma com visões tradicionais, de acordo com as quais Moisés é o autor do Pentateuco. Segundo, revela uma mudança no objeto de estudo, que vai do simples significado das palavras até questões sobre a autenticidade e integridade dos livros bíblicos. Terceiro, mostra um novo método de procedimento.

Ao deixar de lado o testemunho da história e da tradição, pelo menos temporariamente, essa crítica foca o estilo, o vocabulário, a sintaxe, as ideias e características dos documentos como base única pelos quais questões em relação à autenticidade e integridade podem ser resolvidas.

A princípio o trabalho de Astruc recebeu pouca atenção. Contudo, após alguns anos, ele foi recuperado por alguns eruditos alemães entre outros e nele foi incluído todo o Antigo Testamento. Johann Eichhorn aplicou a abordagem de Astruc ao Pentateuco inteiro. Wilhelm de Wette e Edward Reuss tentaram alinhar os resultados com a história judaica.

Reuss concluiu que na sequência histórica correta os profetas vieram antes da Lei, e os Salmos depois de ambos. O mais popular e, de alguma forma, a obra de culminância nesse campo foi o *Prolegomena* de Julius Wellhausen, publicado em 1878.

Essa obra disseminava amplamente a hipótese documentativa de quatro estágios conhecida como JEPD (*J* de Jeová, *E* de *Elohim*, *P* de documentos e código sacerdotais, e *D* da obra editorial posterior da escola deuteronomista ou deuteronômica).

Wellhausen datou os escritos da Lei após o exílio babilônico e situou apenas o Livro da Aliança e a edição mais antiga das seções de narrativa do *J* e do *E* como anteriores ao oitavo século antes de Cristo.

A profunda mudança que isso envolveu é clara nas palavras de E. C. Blackman, que elogiou as realizações de Wellhausen por ter possibilitado "a compreensão do Antigo Testamento em termos de revelação progressiva [...]; uma real libertação" (Blackman, 1957, p. 141). Emil G. Kraeling observou que também "marcou o início de um estudo completamente secular e evolucionista das fontes do Antigo Testamento" (Kraeling, 1955, p. 94).

O Jesus histórico

Em estudos do Novo Testamento os críticos superiores foram direcionados a um alvo um pouco diferente: recuperar o Jesus histórico por meio de um estudo das origens das narrativas dos Evangelhos e do desenvolvimento da teologia do Novo Testamento como preservada nas epístolas de Paulo, nas pastorais, na literatura joanina e no Apocalipse.

Contudo, os mesmos princípios estão envolvidos, e eles foram levados adiante nos estudos do Novo Testamento de uma maneira ainda mais radical do que na investigação do Pentateuco no século 19.

A origem dos princípios da *crítica superior* no estudo do Novo Testamento é em geral atribuída a Ferdinand Christian Baur (1792–1860), teólogo e historiador alemão que tentou organizar o material ao longo de linhas históricas.

Hegel havia sugerido a teoria de que o desenvolvimento histórico origina-se da tese, antítese e síntese. Baur aplicou princípios hegelianos à história bíblica, citando o suposto conflito da teologia de Paulo e de Pedro como prova de uma tese e antítese doutrinária dentro da Igreja primitiva.

Segundo a visão do teólogo, isso levou à síntese do catolicismo primitivo. Hoje a tese geral de Baur é rejeitada. Mesmo assim, ele foi bem-sucedido em abalar as visões tradicionais em relação à autoria e composição dos livros do Novo Testamento, e chamou a atenção do mundo acadêmico para uma redescoberta do

Cristo histórico como o principal problema do Novo Testamento.

A chamada busca pelo Jesus histórico data da morte, em 1768, de Hermann Samuel Reimarus, o historiador com quem Albert Schweitzer começou seu levantamento da pesquisa no século 19. Reimarus não era um erudito em Novo Testamento, contudo, com sua morte, ele deixou para trás um manuscrito que teria implicações de longo alcance. Ele defendia que historiadores deveriam distinguir entre o *objetivo de Jesus* e o *objetivo de Seus discípulos*, isto é, entre o Jesus histórico e o Cristo das pregações da Igreja primitiva.

Confrontado por uma escolha entre o que ele acreditava serem objetivos mutuamente excludentes, o historiador optou pelo primeiro, postulando um Jesus não sobrenatural. De acordo com ele, Jesus pregava a chegada do Reino de Deus, porém Ele morreu esquecido por Deus e desiludido. O cristianismo foi visto como "produto" dos discípulos primitivos que roubaram o cadáver de Jesus e proclamaram uma ressurreição física para arrebanhar seguidores.

Reimarus foi extremado, e seu trabalho, polêmico. No entanto, suas opiniões sobre as origens cristãs ditaram o padrão para um século de pesquisa sobre o Jesus histórico. Reagindo contra o elemento sobrenatural nos Evangelhos e procurando por um Jesus feito à própria imagem e semelhança deles, idealistas descobriram em Cristo o homem ideal; racionalistas o viram como um grande professor de moralidade; socialistas o consideraram como um amigo dos pobres e dos revolucionários.

As mais populares biografias de Jesus, as duas escritas por David Friedrich Strauss, rejeitaram a maior parte do material dos Evangelhos como mitologia; e Bruno Bauer, filósofo, teólogo e historiador alemão, terminou sua busca afirmando que nunca houve um Jesus histórico. Ele justificou todas as histórias sobre Jesus como sendo fruto da imaginação da comunidade cristã primitiva.

Mesmo hoje, todos ficariam impressionados com a imensa energia e o talento que os eruditos alemães empregaram na velha busca pelo Jesus "original", porém os resultados foram medíocres e as conclusões erradas, como Schweitzer descobriu em seus estudos. A academia tentara modernizar Jesus, no entanto o Jesus que eles produziram não era nem o Jesus histórico nem o Jesus das Escrituras.

BULTMANN E A MITOLOGIA

Em anos mais recentes, a *crítica superior* do Novo Testamento centrou-se na obra de Rudolf Bultmann, o reconhecido pai da crítica da forma, antigo professor da Universidade de Marburg, na Alemanha. Muito da energia de Bultmann foi gasto em desmitificar o que ele considerava ser a "mitologia" dos escritores do Novo Testamento: céu, inferno, milagres.

Contudo, as opiniões do professor são mal compreendidas se alguém imaginar que o Jesus historicamente real está debaixo da camada mitológica. De acordo com seus estudos, o que está debaixo da mitologia é a compreensão mais profunda da Igreja sobre a vida criada pela experiência dela com o Senhor ressurreto. Como consequência, nada pode ser conhecido sobre Jesus em termos de história pura, exceto pelo fato de que Ele existiu. Na obra de Bultmann *Jesus and the Word* [Jesus e a Palavra], ele afirma: "Não temos como saber nada sobre a vida e a personalidade de Jesus" (BULTMANN, 1934, p. 8).

Trabalhando com a hipótese de que um período de transmissão oral interpôs-se entre os anos de ministério terreno de Cristo e a transcrição das tradições sobre Ele nos Evangelhos, Bultmann visualiza uma Igreja inventiva, que de forma gradual sobrepôs sua própria representação secular ao que ela recebera da época e dos ensinamentos de Jesus.

A habilidade de criar da Igreja aconteceu num "estágio oral" do desenvolvimento da tradição. Durante esse período muito do material dos Evangelhos circulava na forma de unidades orais separadas, as quais poderiam ser classificadas e organizadas em uma sequência de tempo baseada na sua forma.

Acredita-se, como Bultmann e outros de sua escola, que muito pode ser entendido sobre a situação da Igreja a partir dessas "unidades" do Evangelho. Todavia, praticamente nada pode ser aprendido sobre o Jesus real, histórico. As expressões de fé da Igreja primitiva, preservadas para nós no Novo Testamento, devem ser reinterpretadas em termos existenciais para que possam ter relevância na Era Moderna.

Ao rejeitar a suposta mitologia do Novo Testamento, Bultmann rejeitou a literal preexistência de Cristo, Seu nascimento virginal, Sua impecabilidade e divindade, o valor de Sua morte redentora, a ressurreição literal e a ascensão de Cristo, bem como o julgamento futuro de todas as pessoas.

Bultmann afirmou uma nova "possibilidade de existência" que significa a possibilidade de abandonar o passado (morrer com Cristo) e abrir-se para o futuro (ser ressuscitado com Cristo). Aceitar essa possibilidade traz libertação interior e incrível liberdade (salvação).

Edgar Krentz, erudito luterano, filósofo e historiador, escreveu sobre as conclusões de Bultmann:

> Por um lado as Escrituras são, como qualquer outro livro, o objeto de investigação histórica, que busca os fatos. No entanto, nenhum significado absoluto se encontra em fatos. O significado é encontrado só quando um homem pessoalmente confronta a história e descobre um sentido para sua própria existência (interpretações existenciais). Só quando o homem não está sujeito a uma visão secular desconhecida ele está livre para crer. É esse autoentendimento que determina o trabalho de interpretação, pois a interpretação deve dar livre espaço à fé, criação de Deus. (Krentz, 1966, p. 16)

Resumindo, de acordo com a escola bultmanniana: (1) As fontes cristãs primitivas verdadeiras não mostram interesse na história ou personalidade de Jesus; (2) Os documentos bíblicos são fragmentados e legendários; (3) Não há outras fontes com as quais os dados fornecidos por escritores bíblicos possam ser comparados; e (4) A preocupação com o Jesus histórico é na verdade destrutiva para o cristianismo, porque leva não à fé em Jesus Cristo como Deus, mas a uma seita de Jesus, cujos efeitos podem ser vistos com clareza no pietismo.

A inconsistência de algumas dessas perspectivas é constatada hoje em determinados segmentos. Por consequência, a liderança teológica está passando para outras mãos[1].

Características mais importantes da *crítica superior*

Apesar de breve, nossa análise da *crítica superior* revela grande diversidade. Pontos de vista estão em constante mudança, e até na mesma época aqueles que trabalham em áreas similares com frequência contradizem uns aos outros. Entretanto, apesar da diversidade, há certas características comuns às várias expressões da *crítica superior*.

Primeiro, temos o humanismo, a filosofia moral que coloca os humanos como primordiais, numa escala de importância. Na maioria das formas do debate moderno as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são tratadas como se fossem as palavras do homem sobre Deus, em vez de a Palavra de Deus para o homem.

Todavia, como J. I. Packer, teólogo anglicano e professor de teologia, assinala, isso é simplesmente a filosofia romântica de religião

estabelecida por Friedrich Schleiermacher, pregador protestante, teólogo e filósofo (1768–1834), "a saber, que o real objeto de estudo da teologia não são as verdades divinas reveladas, mas a experiência religiosa humana" (PACKER, 1960, p. 148). Dentro desse contexto, a Bíblia é apenas um registro da reflexão e ação humanas no campo da religião. A tarefa do intérprete se torna o trabalho de filtrar essa experiência e avaliar se é possível utilizá-la em nossa época.

Deve-se reconhecer, é óbvio, como ressaltado no capítulo anterior, que a Bíblia de fato tem um elemento humano genuíno. Por outro lado, devemos fazer objeção a qualquer tentativa de torná-la humana em detrimento de ser divina. Além disso, como acrescentou Packer:

> Se um fator deve ser ressaltado em detrimento do outro, perde-se muito menos ao tratar as Escrituras como simples oráculos de Deus escritos do que como uma coleção de ideias judaicas sobre Deus. Não temos razão para considerar palavras meramente humanas como inerrantes e de autoridade; o que terá autoridade para nós, se tomarmos uma posição liberal, será nosso próprio julgamento sobre até que ponto as Escrituras podem ser confiáveis e até que ponto não devem ser. Logo, chegamos, por bem ou por mal, ao subjetivismo. (PACKER, 1960, p. 148)

Um exemplo claro de tal subjetivismo é a seção *A Escritura, em The Common Catechism* [O catecismo comum], uma confissão de fé moderna amplamente divulgada por uma impressionante equipe de teólogos católicos e protestantes contemporâneos. Declara-se que:

> Tudo que teremos de discutir [...] está baseado nesta atual inquestionável premissa de que a Bíblia pode e deve ser examinada como prova da fé de vários homens e de várias gerações [...]. No futuro não poderemos mais afirmar: "A Bíblia é a Palavra de Deus". Até mesmo dizer "A Palavra de Deus está na Bíblia" estará errado, se tivermos a intenção de mostrar que certas afirmações da Bíblia são puramente humanas e o resto é a Palavra de Deus. Deveremos declarar algo como: "A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas *torna-se* a Palavra de Deus para qualquer um que acredite nela como tal". Isso soa perigoso... (FEINER E VISCHER, 1975, p. 101)

A segunda característica da *crítica superior* é seu naturalismo, expresso pela crença de que a Bíblia é o resultado de um processo evolucionário. Evidências dessa crença podem ser vistas em estudos do Antigo Testamento do modo como a teoria documentária do Pentateuco se desenvolveu.

A crença é evidente também na teoria da forma de Bultmann, pois tudo depende da Igreja primitiva, que gradualmente desenvolveu sua compreensão da realidade e preservou-a em vários estágios por meio das tradições orais.

Presume-se que a compreensão antiga e primitiva de Deus e da realidade abriu caminho para concepções posteriores mais desenvolvidas. As chamadas ideias primitivas podem ser rejeitadas em favor de outras mais modernas.

Portanto, relatos de milagres podem ser dispensados. Além disso, de acordo com essa visão, conceitos rígidos como a ira de Deus, o sacrifício e uma segunda vinda visível do Senhor podem ser excluídos da religião do Novo Testamento.

A terceira característica mais importante da *crítica superior* é baseada nas duas primeiras. Se pessoas e suas ideias mudam à medida que hipóteses evolucionárias especulam, em tal caso elas vão continuar a mudar; elas têm mudado desde que os últimos livros da Bíblia foram escritos; como consequência, precisamos ir além da Escritura para entender tanto a humanidade como a religião verdadeira.

Há muitos exemplos dessa atitude, particularmente em sermões populares, nos quais os pontos de vista de pensadores seculares são frequentemente ventilados, enquanto perspectivas contrárias dos escritores bíblicos são esquecidas.

Uma resposta à *crítica superior*

O que é para ser dito em resposta a essa abordagem divulgada e popular? Há duas perspectivas. Por um lado, há uma área neutra na qual qualquer um pode usar pelo menos algumas partes do método crítico. Ele pode ser usado para iluminar o elemento humano nos escritos bíblicos. Atenção pode ser dada às palavras e aos seus vários usos, ao contexto histórico do qual os escritos vieram e às características singulares dos vários livros bíblicos. Além disso, existem questões de arqueologia e história secular paralela que esclareceram os textos.

O uso do método nessas áreas e dessa maneira é valioso. Por outro lado, os mais conhecidos expoentes do método crítico deram seguimento às premissas inaceitáveis para teólogos bíblicos verdadeiros, e o método pode, em vista disso, ser julgado como malsucedido nas mãos deles.

A primeira objeção a esse tipo de crítica é que os que utilizam o método crítico exigem o direito de serem científicos em seu estudo de dados bíblicos. Contudo, eles são vulneráveis não quando são científicos, mas sim quando falham em ser científicos o suficiente.

Os críticos literários negativos pressupõem o direito de examinar a Bíblia de uma maneira idêntica à que usariam para estudar literatura secular. No entanto, é válido abordar a Escritura como nada mais do que uma coleção de escritos seculares? É científico ou sábio negligenciar o fato de que esses livros alegam ser resultado do sopro de Deus?

Uma decisão como essa pode ser adiada enquanto o estudo dos livros prossegue? Se os livros realmente são de Deus, a natureza deles em si não limita as opções críticas?

É não somente inútil como também errôneo negar aos críticos o direito de examinar os textos bíblicos. Eles o farão caso sejam solicitados ou não. Além disso, se as Escrituras são verdadeiras, eles devem submeter-se a qualquer método crítico válido; não podemos cometer o erro dos fundamentalistas do século 19 de reivindicar uma isenção especial para a Bíblia.

Por outro lado, devemos sustentar que qualquer método crítico tem de levar em consideração a natureza do material à sua disposição. No caso da Bíblia, os críticos devem aceitar os argumentos de que ela é a Palavra de Deus ou oferecer razões satisfatórias para rejeitá-los. Se a Bíblia é a Palavra de Deus, como ela afirma ser, então a crítica deve incluir uma compreensão da revelação em seu procedimento metodológico.

O insucesso da crítica ao fazer isso é mais aparente do que sob qualquer outro aspecto quando tenta divorciar o Jesus histórico do Cristo da fé. Se Jesus fosse como qualquer outro ser humano, e a Bíblia, um livro comum, isso poderia ser feito. No entanto, Jesus também é divino e a Bíblia é a Palavra de Deus sobre Ele. Nesse caso é obrigação da crítica reconhecer a natureza dos textos sagrados como uma interpretação divina que relaciona a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, especialmente os Evangelhos.

Com uma avaliação firme da Bíblia como revelação, a crítica literária ficaria livre, por um lado, de todas as acusações de irreverência e abuso e, por outro, de um otimismo fácil e infundado que reconheceria a solução para todos os problemas bíblicos como uma questão de simples compreensão.

A mesma falha é evidente no tratamento que os críticos dão à Bíblia como resultado de um processo de evolução humana, de acordo com o qual uma parte da Escritura pode facilmente contradizer a outra. Se a Bíblia foi

inspirada por Deus, essas não são contradições, mas sim revelações complementares ou progressivas de uma verdade única.

A segunda objeção à *crítica superior* é que, ao falhar em aceitar a Bíblia pelo que ela é, críticos negativos inevitavelmente fracassam quando prosseguem em outros assuntos. Por isso, acabam por mostrar sua fragilidade.

Um exemplo claro é o da velha busca pelo Jesus histórico, a qual, conforme foi ressaltado, com simplicidade moldou o Cristo histórico à própria imagem do intérprete.

Outro exemplo é Bultmann, que, embora tenha gozado de renome quase legendário, é hoje cada vez mais abandonado por seus seguidores.

Eles perguntam: "Se, como declara Bultmann, praticamente tudo o que temos sobre a historicidade da fé cristã é a mera 'experiência' de Jesus Cristo, Sua existência, então por que isso? Por que a encarnação foi necessária? E, se ela não foi necessária ou se é impossível mostrar por que ela foi necessária, o que evita que a fé cristã decaia para o âmbito das ideias abstratas? E o que nesse caso distinguirá sua perspectiva da encarnação do docetismo ou do mito do Redentor gnóstico?".

Ernst Kaesemann, pastor protestante e teólogo, porto seguro de Bultmann, levantou essas questões na famosa referência à reunião de antigos alunos da Universidade de Marburg em 1953. Ele argumentou:

> Não podemos pôr de lado a identidade entre o Senhor exaltado e o terreno sem cair no docetismo[2], e nos privarmos da possibilidade de traçar uma linha entre a fé pascal da comunidade e o mito. (KAESEMANN, 1964, p. 34)

Alguns anos depois Joachim Jeremias, especializado em hebraico e aramaico e uma autoridade no campo do judaísmo rabínico e do ambiente sociocultural de Jesus, expressou uma advertência semelhante à de Kaesemann:

> Corremos o risco de abandonar a afirmação de que *o verbo se fez carne* e de renunciar à história da salvação, a obra de Deus por intermédio de Jesus de Nazaré e Sua mensagem; estamos na iminência perigosa de aproximarmo-nos do docetismo, segundo o qual Cristo é considerado uma ideia. (JEREMIAS, 1957-1958, p. 335)

Até mesmo os partidários de Bultmann devem achar um pouco incongruente que sua *Theology of the New Testament* [Teologia do Novo Testamento] ofereça apenas 30 páginas aos ensinamentos de Jesus, enquanto dedica mais de 100 páginas a um relato imaginário da teologia das chamadas comunidades helenistas, das quais nada sabemos.

Bultmann minimizou ao extremo a preocupação da Igreja primitiva com fatos da vida de Jesus e sua dependência dele como Mestre. Embora seja verdade que, como o erudito argumenta, os documentos bíblicos preocupam-se principalmente com a identidade de Jesus como Messias e com a revelação que Ele trouxe do Pai, não é menos significativa a compreensão deles de que Jesus esteja revelado não em tratados teológicos ou mitologias cósmicas (como no gnosticismo), mas nos Evangelhos. A estrutura destes é histórica.

Além do mais, cada texto dos Evangelhos parece bradar que a origem da fé cristã não está nem em uma iluminação repentina dos cristãos primitivos nem numa experiência religiosa evolucionista, todavia em fatos relacionados a Jesus Cristo: Sua vida, morte e, em particular, Sua ressurreição. Justamente o querigma, o anúncio das boas-novas de Jesus, proclama o evento histórico, que foi Jesus de Nazaré quem morreu por nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, de acordo com as Escrituras (1 Co 15.3,4)[3].

A terceira objeção a esse tipo de *crítica superior* é a mais importante. Tais críticos admitem um deus muito pequeno. Eles não

negam totalmente a existência de Deus, porém com certeza minimizam Sua imutabilidade e Sua presença.

Para esses críticos, Deus pode falar com uma pessoa, entretanto Ele não pode garantir o conteúdo da revelação ou preservá-la numa forma escrita confiável. Ele pode atuar na história, contudo não pode agir de maneira miraculosa.

Milagres são possíveis? Se são, então muito do que os críticos superiores desdenham como mitológico requer uma reivindicação muito justa de ser histórico. Se os milagres acontecem, o Deus dos milagres é capaz de revelá-los com autoridade e de modo infalível.

Com toda a sua alegada objetividade, em última análise, o criticismo moderno não consegue escapar de importantes questões: Existe um Deus? O Deus da Bíblia é o verdadeiro? Deus se manifestou na Bíblia e em Jesus de Nazaré como ponto central da revelação escrita? Se, como foi sugerido, é necessário para o criticismo lidar com a natureza completa do material escrito, em particular com a exigência da Bíblia de ser a Palavra de Deus assim como as palavras registradas por pessoas em particular, nesse caso deve lidar com a questão que envolve ou a negação ou a resposta da fé.

Quando o criticismo enfrenta o fato de que o "retrato" de Jesus que aparece nos Evangelhos torna o homem humilde de Nazaré em Filho de Deus, deve perguntar se essa é ou não a interpretação correta, e, se é, é preciso aceitar esse ensino.

Quando o criticismo confronta as afirmações da Bíblia em relação a sua própria natureza, deve perguntar e responder se a Escritura é verdadeiramente a revelação expressa de Deus. Se a resposta a essa pergunta for sim, um novo tipo de crítica emergirá.

Essa nova crítica tratará as afirmações bíblicas como sendo verdadeiras, buscará afirmações complementares, em vez de contradições, e perceberá a voz de Deus (bem como as vozes de pessoas) em toda parte. Tal crítica será julgada pelas Escrituras, em vez do contrário.

Notas

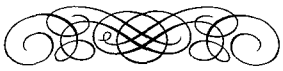
1 Partes do material sobre a busca do Jesus histórico e sobre Bultmann já constaram no artigo pelo autor entitulado *New Vistas in Historical Jesus Research* [Novas visões na pesquisa do Jesus histórico]. *Christianity Today*, 15 de março de 1968, p. 3-6.

2 **Docetismo** (do grego *δοκέω* [dokeō], *para parecer*) é o nome dado a uma doutrina cristã do século 2 considerada herética pela Igreja primitiva. Antecedente do gnosticismo, o docetismo defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão e que Sua crucificação teria sido apenas aparente. Não existiam "docetas" enquanto seita ou religião específica, mas como uma corrente de pensamento que atravessou diversos estratos da Igreja.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Docetismo)

3 Partes dessa crítica a Bultmann também se encontram em *New Vistas in Historical Jesus Research* [Novas visões na pesquisa do Jesus histórico], p. 3-6.

CAPÍTULO 8

COMO INTERPRETAR A BÍBLIA?



> Alguns livros devem ser provados, outros devem ser engolidos, e poucos devem ser mastigados e digeridos. Isso significa que alguns devem ter apenas determinadas partes lidas; outros, porém, devem ser lidos sem curiosidade, e poucos devem ser lidos em sua totalidade, com diligência e atenção. (BACON, 1955, p. 129)

Sir Francis Bacon foi um ensaísta, político e filósofo inglês do século 17 que não estava pensando com exclusividade na Bíblia quando escreveu essas palavras. Contudo, não há dúvida de que, se a advertência for "lida em sua totalidade, com diligência e atenção", poderá ser aplicada inclusive às Escrituras, que são a Palavra de Deus.

A Bíblia é uma das ferramentas graciosas utilizadas por Deus para se revelar a homens e mulheres. Deve ser tida na mais alta conta. O amor a Deus, o desejo de conhecê-lo melhor e de obedecer a Seus mandamentos devem impelir-nos a estudá-la com zelo.

No entanto, nesse caso um problema se desenvolve. Se a Bíblia é o Livro de Deus, revelado a nós num período aproximado de 1.500 anos por mais de 40 escritores humanos, é óbvio que ela é diferente de qualquer outro livro que tenhamos encontrado. Logo, os princípios de estudo seriam diferentes. Quais seriam eles?

A Bíblia deve ser considerada espiritualmente, isto é, num sentido místico ou mágico? Aqueles que seguem essa abordagem aparentam ser conduzidos às crenças estranhas e irracionais. Ou ela deve ser lida de uma maneira natural — da maneira como leríamos qualquer outro livro? Essa última opção parece adequada, entretanto é o propósito confesso da crítica superior naturalista, a qual temos combatido. Sendo assim, qual seria a abordagem do leitor ou do acadêmico cristão?

A resposta é encontrada nas quatro mais importantes verdades sobre a Bíblia, discutidas nos capítulos anteriores: 1. O autor verdadeiro da Bíblia é Deus; 2. A Bíblia foi dada a nós por intermédio de homens; 3. A Bíblia tem um propósito unificador, a saber, levar-nos a um conhecimento profundo e à adoração do Deus verdadeiro; e 4. Entender a Bíblia requer a operação sobrenatural do Espírito Santo, cujo trabalho é iluminar nossa interpretação. Os princípios essenciais do estudo da Palavra de Deus estão contidos nesses quatro pressupostos.

UM LIVRO, UM AUTOR, UM TEMA

A Escritura tem só um autor, e este é Deus. A Bíblia também chegou até nós por intermédio de homens, porém mais importante é o fato de que ela, como um todo e em todas as suas partes, procede de Deus. De maneira superficial, uma pessoa pode ver a Bíblia como uma miscelânea de escritos

reunidos pelos acidentes da história. Contudo, a Palavra de Deus não é apenas uma coleção de textos ao acaso. Ela é, como J. I. Packer afirma, "um único Livro com um único autor (Deus Espírito) e um único tema: Deus Filho e os propósitos salvadores do Pai, os quais se concentram na pessoa de Jesus" (Packer, 1960, p. 84).

A autoria da Bíblia induz a dois princípios de interpretação: o da unidade e o da não contradição. Considerados juntos, eles afirmam que, se a Bíblia procede verdadeiramente de Deus, e se Ele é um Deus genuíno, então: 1. as partes do Livro devem harmonizar-se para contar uma história; e 2. se duas partes parecem estar em oposição ou em contradição, nossa interpretação de uma ou de ambas deve estar errada.

Nesse sentido, é possível concluir que, se um estudioso está despendendo seus esforços para ressaltar contradições no texto bíblico, ele, na verdade, está indicando como podem ser resolvidas; tal pessoa não está demonstrando sua sabedoria ou honestidade tanto quanto está demonstrando seu insucesso como intérprete da Palavra de Deus.

Muitos alegarão que tentar encontrar unidade em textos nos quais declaram não haver nenhuma é desonestidade. Todavia, o problema é mais de interpretação e pressuposições.

Tomemos como exemplo os sacrifícios. Todos reconhecem que os sacrifícios tiveram um papel importante no Antigo Testamento, e que não são enfatizados no Novo Testamento. Por que isso? Como devemos considerá-los? Nesse caso é ventilada a ideia de uma consciência religiosa em evolução, supondo-se que os sacrifícios eram necessários apenas nas mais primitivas formas de religião. Tais práticas podem ser explicadas pelo medo que o homem tinha dos deuses ou de Deus.

Se compreendemos dessa forma, admitimos que Deus seria uma divindade caprichosa e vingativa, e que Seus adoradores, por meio dos sacrifícios, tentavam agradá-lo e desviar Sua ira de sobre eles. Essa parece ser a ideia geral de sacrifício nas religiões pagãs da Antiguidade. Também era aceita pelos antigos povos semitas.

Em seu devido tempo, acredita-se que tal visão primitiva de Deus cedeu lugar a uma concepção mais elevada dele. Deus não foi mais visto como um Deus de extravagâncias, caprichos e ira, mas sim como um Deus de justiça. Daí a Lei começou a destacar-se, substituindo o sacrifício como centro da religião.

Por fim, os adoradores evoluíram em seu entendimento a respeito de Deus, passando a considerá-lo um Deus de amor. Nesse ponto o sacrifício desapareceu. Aquele que pensa dessa forma pode fixar o ponto crítico na vinda de Jesus Cristo e em Seus ensinamentos. Por isso, hoje desconsidera tanto os sacrifícios como a ideia de ira divina, enxergando-os como conceitos ultrapassados.

Em contraste, outra pessoa, como, por exemplo, um evangélico, abordaria o material com pressuposições diferentes e faria uma interpretação completamente distinta. Ele começaria observando que o Antigo Testamento de fato revela muito sobre a ira de Deus. Contudo, ambos concluiriam que esse elemento de maneira alguma é eliminado à medida que se prossegue na leitura da Bíblia, surgindo com mais certeza no Novo Testamento.

A ira do Senhor é um dos temas mais importantes abordados por Paulo. Ela emerge com força no livro de Apocalipse, quando é mencionada sua execução contra os pecados de um povo rebelde e ímpio.

No que tange a sacrifícios, é verdade que estes são detalhados no Antigo Testamento e não são mais realizados no Novo Testamento. Todavia, seu desaparecimento não é devido a uma suposta concepção primitiva de Deus que foi substituída por outra mais avançada, mas sim porque o sacrifício de Jesus

Cristo foi perfeito, definitivo, portanto suplantou todos os demais, como elucida o livro de Hebreus.

Para a pessoa que adquire essa compreensão, a solução não é encontrada numa concepção evolutiva de Deus. Para ela, Deus é sempre o mesmo — um Deus de ira contra o pecado, um Deus de amor pelo pecador.

Isso, na verdade, pode ser observado na revelação progressiva de Deus de si mesmo à humanidade, uma revelação em que os sacrifícios (para os quais o Senhor deu instruções específicas) tinham a intenção de expor de modo claro a natureza do pecado e servir de representação da obra salvífica de Cristo.

João Batista foi capaz de afirmar, referindo-se ao sistema sacrificial da vida judaica antiga que todos compreenderiam: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo* (Jo 1.29).

Pedro escreveu:

> *Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado.*
>
> 1 Pedro 1.18,19

Nesse exemplo concernente a duas formas de percepção dos sacrifícios, como em todos os casos de interpretação bíblica, os dados são os mesmos. A única diferença é que uma recorre à Escritura procurando contradição e desenvolvimento, enquanto outra considera a Escritura como se Deus a tivesse escrito, logo, procura unidade, permitindo que uma passagem esclareça a outra.

A *Confissão de Westminster*[1] declara:

> A regra infalível de interpretação da Escritura é usar a própria Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Bíblia, sentido que não é múltiplo, mas único, esse texto poderá ser estudado e compreendido por outros que falem com mais clareza (Atos 15.15; João 5.46; 2 Pedro 1.20,21). (I, IX)

O COMPONENTE HUMANO

Uma segunda verdade sobre a Bíblia é que ela foi dada a nós por intermédio de homens, embora Deus seja a fonte suprema das Escrituras.

Seu componente humano não significa que a Bíblia esteja sujeita a erros como os livros comuns. Entretanto, todos os princípios sensatos de interpretação devem ser usados ao estudar a Palavra, com a mesma precisão com que têm de ser empregados no estudo de qualquer outro documento antigo.

Deus usou diversos homens para escrever a Bíblia como instrumentos para que, pelas Escrituras, o ser humano o conheça. Por consequência, a única maneira apropriada de interpretar a Bíblia é descobrir, com o auxílio do Espírito Santo, o que os escritores se preocuparam em expressar.

É essencial à interpretação adequada que cada afirmação bíblica seja considerada num contexto, isto é, dentro do contexto do capítulo, do livro e, por fim, da Palavra de Deus como um todo.

Entender o contexto é uma necessidade óbvia na interpretação de qualquer documento. Deslocar uma afirmativa do contexto é quase sempre enganoso. É preciso estar prevenido contra isso ao interpretar a Bíblia em especial, uma vez que pessoas que creem nela consideram com tanta seriedade as palavras da Escritura que às vezes dão mais importância ao texto do que ao contexto.

Frank E. Gaebelein, autor de um livro de grande valia para a interpretação da Bíblia, afirma:

> Percebendo que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, o leitor devoto atribui peculiar

importância a cada afirmação que ela contém. Essa reverência é recomendável; porém, quando ela descende à prática de considerar versos isolados como prova de todo tipo de coisa, torna-se definitivamente perigosa. Se isso fosse um método sensato de interpretação, seria possível encontrar respaldo bíblico para todo tipo de crime, de bebedeira a assassinato e de mentira a engano. (Gaebelein, 1950, p. 134)

A Bíblia por si fala da necessidade de interpretação adequada:

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.
2 Timóteo 2.15

Nesse versículo, a expressão traduzida como *que maneja bem* significa *que corta reto* ou *manipula corretamente.*

Uma segunda necessidade a ser considerada é o estilo do material, para que a interpretação se dê de acordo com sua estrutura. Levar em conta o estilo é importante ao lidar com literatura poética como os livros de Salmos, Provérbios, Jó, e mesmo partes dos profetas.

Os livros poéticos com frequência empregam símbolos e imagens, que são mal interpretados se as metáforas são compreendidas de forma literal.

O livro de Apocalipse não é para ser entendido dessa forma em todas as suas partes, como, por exemplo, na que concerne à visão de João descrita nos versículos 14 e 15 de seu primeiro capítulo.

E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os olhos, como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivesse sido refinado numa fornalha; e a sua voz, como a voz de muitas águas.

O resultado de uma interpretação literal dessa passagem é uma figura deformada.

Por outro lado, quando se descobre que cada uma dessas características é uma imagem associada a Deus no Antigo Testamento, a visão nos proporciona um retrato de Jesus que o concebe como um com Deus Pai em todos os Seus atributos: santo, eterno, onisciente, onipresente, revelador e soberano.

A questão do estilo também deve ser comentada no caso das parábolas do Novo Testamento. O uso de parábolas era um método especial de ensino, e tem de ser reconhecido como tal.

Em geral uma parábola estabelece um ou, no máximo, alguns pontos principais. Por consequência, é um erro tentar aplicar uma interpretação a cada detalhe da história. Por exemplo, a tentativa de atribuir um significado às bolotas, aos porcos e outros detalhes da parábola do filho pródigo é absurda.

Uma terceira necessidade a ser considerada no tocante à interpretação bíblica é imaginar o propósito por que uma passagem em particular foi escrita. Em outras palavras, precisamos levar em conta seu escopo.

Gaebelein escreveu:

A Bíblia tem um único propósito principal. Ela foi escrita para revelar o amor de Deus manifesto na providência divina da salvação por intermédio do nosso Senhor Jesus Cristo. Esse é o objetivo das Escrituras, e uma interpretação sensata nunca deve perder o foco desse objetivo. Como consequência, é um erro sério e enganoso considerar a Bíblia como um livro de referência em ciência, filosofia ou outra área de estudo cujo tema central não seja a divindade em relação à humanidade. Afinal, existe um escopo próprio da Escritura, um âmbito determinado não por escritores individuais, mesmo sendo inspirados, mas pelo Autor divino de todo o Livro. Não se pode responsabilizar a Bíblia por campos do conhecimento fora do escopo delineado para ela. (Gaebelein, 1950, p. 138-139)

Uma aplicação óbvia disso pode dar-se em relação àquelas referências que pareciam tanto incomodar Rudolf Bultmann, nas quais se supõe que o céu esteja em cima e o inferno embaixo.

De novo, uma consideração do propósito ou escopo se aplica às passagens sobre ossos clamando, vísceras desejando, rins esclarecendo e ouvidos julgando. Declara-se com frequência que tais expressões transmitem uma noção equivocada do universo e da fisiologia humana, entretanto isso é absurdo. Todas mostram que os escritores bíblicos lançaram mão da linguagem da época deles, para que fossem compreendidos. O uso de tais expressões não é mais científico do que o uso de frases como "andando nas nuvens", "um nó na garganta", "do fundo do meu coração", entre outras.

Nem sempre é fácil determinar se uma passagem bíblica está escrita em linguagem literal ou figurada. Por isso, devemos ser cuidadosos. O mais importante é ter consciência do problema e, com atenção, buscar o alcance verdadeiro do texto. Ao tentar entender seu propósito, é imprescindível perguntar: Para quem foi escrito? Quem escreveu? Quando foi escrito? O que afirma?

Uma quarta necessidade no que diz respeito à interpretação é atentar para o significado das palavras isoladas. É possível que Deus pense sem precisar de palavras ou outros símbolos, porém nós não conseguimos. Assim, o significado das palavras e o uso isolado delas são de grande importância. Quando falhamos ao levá-las em consideração, é inevitável interpretarmos de maneira errada.

É óbvio que estudiosos da Bíblia não podem deixar de dar atenção minuciosa ao significado preciso das palavras. Estudos desse tipo por si só podem ser recompensadores; palavras como *fé, salvação, justiça, amor, espírito, glória, igreja* e muitas outras são fascinantes.

O resumo dos pontos que têm sido delineados até agora está contido no que veio a ser chamado de método histórico-literal de interpretação bíblica.

O método simplesmente quer mostrar, como Packer coloca, "o sentido natural, adequado, de cada passagem, isto é, o sentido intencional do escritor deve ser considerado como fundamental" (PACKER, 1960, p.102,103). O sentido intencional das palavras em seu próprio contexto e no discurso do escritor é o ponto de partida.

> Em outras palavras, as afirmações da Escritura devem ser interpretadas à luz das regras de gramática e discurso, por um lado, e, por outro, do seu próprio lugar na história. Isso é o que devemos esperar na natureza do caso, percebendo que os livros bíblicos originaram-se como documentos ocasionais direcionados às plateias contemporâneas. Isso é exemplificado na exposição do Antigo Testamento apresentada no Novo Testamento, no qual a extravagante alegorização praticada por Fílon[2] e os Rabinos está espantosamente ausente. (PACKER, 1960, p. 102-103)

O princípio é baseado no fato de que a Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. Significa que a Escritura deve ser interpretada no seu sentido natural, e não se pode permitir que as preferências teológicas ou culturais obscureçam o significado fundamental.

RESPONDENDO À PALAVRA

A terceira verdade sobre a Bíblia é que ela nos foi dada por Deus para provocar em nós uma resposta pessoal. Se não nos dispomos para que isso aconteça, é inevitável usarmos mal a Palavra; mesmo a estudando, interpretamos de modo equivocado.

Certa ocasião Jesus disse aos líderes judeus de Seu tempo:

> *Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para*

terdes vida. Eu não recebo glória dos homens, mas bem vos conheço, que não tendes em vós o amor de Deus. Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros e não buscando a honra que vem só de Deus?

João 5.39-42,44

Ninguém poderia acusar os judeus do tempo de Cristo de desdenhar das Escrituras, pois eles na verdade as tinham na mais alta conta. Também não poderiam ser acusados de falta de estudo meticuloso. Os judeus realmente estudavam as Escrituras.

Contudo, em sua estima pela Bíblia, eles perderam de vista a intenção dela: transformar vidas. Embora tivessem ganhado aclamação humana por seu conhecimento detalhado da Palavra, muitos deles não receberam a salvação.

No Evangelho de João lemos sobre a cura de um homem cego de nascença. A parte mais importante da história está no fato de que, como todo mundo, ele também era espiritualmente cego antes que Cristo o tivesse tocado. Depois disso, o homem adquiriu visão espiritual.

Quando o cego foi curado, ele entrou em conflito com os principais judeus. Estes sabiam sobre Jesus, entretanto não criam nele. Na verdade, não criam nele como deveriam por causa da atitude que tinham em relação à Escritura. Para esses homens, a revelação registrada no Antigo Testamento era um fim em si mesma. Nada poderia ser adicionado e nada era exigido.

Os líderes judeus disseram: *Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é* (Jo 9.29). O homem que havia nascido cego não tentou competir com a mestria deles no Antigo Testamento, no entanto apontou para o fato inquestionável de sua cura. Ele concluiu: *Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer* (v. 33).

Ao tratar o Antigo Testamento como um fim em si mesmo, os judeus, na verdade, perverteram seu verdadeiro significado. Eles não perceberam que é precisamente de Jesus que a Lei do Antigo Testamento, transmitida por intermédio de Moisés, testifica.

A mesma coisa acontece quando as pessoas compram uma Bíblia bonita para colocar num lugar de destaque em casa, porém não a leem. Por que fazem isso? Elas acreditam que a Bíblia é algo especial, por isso a reverenciam. Todavia, sua crença não vai além da superstição. Como resultado, nunca a leem e nunca entram em contato com seu Autor.

Jesus disse que saberemos a verdade sobre Ele apenas se estivermos dispostos a fazer a Sua vontade, ou seja, se nos permitirmos ser transformados pelas verdades encontradas nas Escrituras. Ele afirmou: *Se alguém quiser fazer a vontade dele* [de Deus], *pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo* (Jo 7.17). Não devemos tomar por certo que vamos entender de forma plena qualquer passagem da Palavra de Deus, a não ser que estejamos dispostos a ser modificados por ela.

O testemunho interior do Espírito

Um ponto final na discussão sobre a interpretação bíblica está no testemunho interior do Espírito sobre a verdade da Palavra de Deus. Nesse sentido, a Escritura fala de forma sucinta. O Espírito não apenas foi ativo na confecção dos livros bíblicos, mas também o é ao transmitir a verdade da Bíblia àqueles que a leem.

Paulo escreveu:

Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.

1 Coríntios 2.12,13

A Bíblia lida com temas espirituais, portanto é necessário o auxílio do Espírito Santo

para que possamos entendê-la. Ele é quem nos ensina. É o Espírito que traz vida nova para aqueles que ouvem o evangelho.

Devemos orar quando estudamos as Escrituras, e pedir que o Espírito Santo realize Sua obra de iluminar nosso coração. A presença do Espírito não nos é dada para tornar um estudo diligente e cuidadoso da Palavra de Deus desnecessário. Ela nos é dada para tornar nosso estudo eficaz. Deus fala por meio da Bíblia. Temos de permitir que Ele fale, e temos de ouvi-lo.

No apogeu da Reforma pediram a Martinho Lutero que autografasse a folha em branco no início da Bíblia, como acontecia com frequência após sua própria tradução ter sido publicada. Ele pegou a Bíblia e escreveu João 8.25: *Quem és tu?*[...] *Isso mesmo que já desde o princípio vos disse*. E adicionou:

> Eles [...] desejam conhecer quem Jesus é e não considerar o que Ele afirma, enquanto o Senhor deseja que eles primeiro ouçam; assim, saberão quem Ele é. A regra é: no começo ouça e permita que a Palavra opere; depois o conhecimento se seguirá com tranquilidade. Se, entretanto, vocês não ouvirem, nunca saberão nada. Por isso, é decretado: Deus não será visto, conhecido ou compreendido, exceto pela Palavra. Então, o que quer que alguém dedique à salvação fora da Palavra será em vão. Deus não responderá a isso. Ele não aceitará; não o tolerará de modo algum. Portanto, permita que o Livro dele, pelo qual Ele fala com você, seja recomendado a você, porque o Senhor não fez com que a Bíblia fosse escrita em vão. Ele não queria que a negligenciássemos, como se estivesse falando com camundongos debaixo do banco ou com moscas no púlpito. Devemos ler a Bíblia, pensar e falar sobre ela e estudá-la, certos de que Deus, não um anjo ou uma criatura, está falando conosco nela. (PLASS, 1959, p. 81)

Aquele que lê a Bíblia em oração, de maneira reflexiva e receptiva, descobrirá que de fato ela é a Palavra de Deus, e que *é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra* (2 Tm 3.16,17).

NOTAS

1 A **Confissão de Fé de Westminster** é uma confissão de fé reformada de orientação calvinista. Adotada por muitas igrejas presbiterianas e reformadas em todo o mundo, essa confissão de fé foi produzida pela Assembleia de Westminster e aprovada pelo parlamento inglês em 1643.
(Fonte:http://pt.wikipedia.org/wiki/Confissão_de_Fé_de_Westminster)

2 **Fílon de Alexandria** foi um filósofo judeu (25 a.C.–50 d.C.) que viveu durante o período do helenismo. Tentou uma interpretação do Antigo Testamento à luz das categorias elaboradas pela filosofia grega e da alegoria. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, nas quais expôs sua visão platônica do judaísmo.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org /wiki/Fílon_de_Alexandria)

Parte 3

Os atributos de Deus

E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.

Êxodo 3.14

Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Mateus 28.19

Tua é, SENHOR, a magnificência, e o poder, e a honra, e a vitória, e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu é, SENHOR, o reino, e tu te exaltaste sobre todos como chefe.

1 Crônicas 29.11

E os quatro animais tinham, cada um, respectivamente, seis asas e, ao redor e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir.

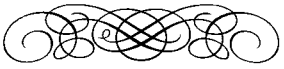
Apocalipse 4.8

Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?

Romanos 11.33,34

CAPÍTULO 9

O Deus verdadeiro



É evidente que precisamos de mais do que um conhecimento teórico sobre Deus. Mas, podemos conhecê-lo apenas quando Ele se revela a nós nas Escrituras, e não podemos compreender as Escrituras até que estejamos dispostos a ser transformados por elas. O conhecimento de Deus só ocorre quando reconhecemos nossa profunda necessidade espiritual e tornamo-nos receptivos à Sua graciosa provisão por meio da obra de Cristo e da aplicação dessa obra em nossa vida pelo Espírito Santo.

Com base nisso, voltamos à questão concernente ao próprio Deus e perguntamos: Quem é Deus? Quem é esse que se revela nas Escrituras na pessoa de Jesus Cristo e na do Espírito Santo? Talvez admitamos que um conhecimento verdadeiro de Deus pode transformar-nos. Talvez até estejamos dispostos a mudar. Todavia, por onde começamos?

Autoexistente

Já que na Bíblia prevalece a unidade, podemos responder a essas questões partindo de qualquer afirmativa constante nela. Podemos começar por Apocalipse 22.21 tanto como por Gênesis 1.1.

Contudo, não há melhor passagem para tomar como base do que a da revelação de Deus de si mesmo na sarça ardente. Mesmo antes desse episódio, Moisés, o grande líder de Israel, já tinha consciência do Deus verdadeiro, pois havia nascido em uma família temente ao Senhor. Ainda assim, quando Deus disse que o enviaria ao Egito e que por intermédio dele livraria o povo de Israel, Moisés respondeu:

> *Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU* [...]. *Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.*
>
> Êxodo 3.13,14

A denominação *EU SOU O QUE SOU* está ligada ao nome antigo de Deus, *Jeová*. Todavia, isso é mais que um nome; é um nome descritivo, apontando para tudo o que Deus é em si mesmo. Em particular, mostra que Ele é aquele que é totalmente autoexistente, autossuficiente e eterno.

Esses são conceitos abstratos, mas importantes, pois tais características, mais do que quaisquer outras, diferenciam Deus de Sua criação e revelam o que Ele é. Deus é perfeito em todos os Seus atributos.

Contudo, há algumas virtudes divinas que nós, criados à imagem e semelhança de Deus, compartilhamos. Por exemplo, Deus é perfeito em Seu amor; porém, por Sua graça, nós também amamos. Ele é totalmente sábio;

entretanto, também temos uma medida de sabedoria. Ele é todo-poderoso; nós exercemos um poder, ainda que limitado.

No entanto, não é assim em relação à autoexistência de Deus, à Sua autossuficiência e eternidade. Só Ele possui essas características. O Senhor existe nele mesmo e por si mesmo; nós não. Ele é autossuficiente; nós não. Ele é eterno, mas nós acabamos de "entrar em cena".

A autoexistência consiste em que Deus não foi criado por outrem e, por consequência, não deve explicações a ninguém.

Matthew Henry declarou em *Commentary on the Whole Bible*:

> O maior e melhor homem do mundo pode dizer 'pela graça de Deus eu sou o que sou', mas Deus declara de forma absoluta — e isso é mais do que qualquer criatura, homem ou anjo possa afirmar — *Eu sou o que sou*. (HENRY, p. 284).

Assim, Deus não tem princípio nem fim; Sua existência não depende de ninguém.

A autoexistência é um conceito difícil para nós entendermos porque significa que Deus, como é em si mesmo, é impossível de ser conhecido. Tudo o que vemos, cheiramos, ouvimos, provamos ou tocamos tem uma causa. Não conseguimos pensar em nenhuma outra categoria.

Qualquer coisa que observemos tem de ter uma causa adequada para explicá-la. Buscamos por isso. Causa e efeito são até mesmo a base para a crença em Deus nutrida por aqueles que não o conhecem.

Tais pessoas acreditam em Deus não porque tiveram uma experiência pessoal com Ele ou porque o descobriram nas Escrituras, porém simplesmente porque inferem Sua existência. Elas raciocinam da seguinte forma: "tudo vem de alguma coisa; portanto, deve haver um grande ser que está por trás de tudo".

Causa e efeito apontam para Deus, entretanto — essa é a questão — apontam para um Deus que está fora do nosso alcance, para aquele que está além de nós em tudo. Eles indicam que Deus não pode ser conhecido ou avaliado como as outras coisas podem.

A. W. Tozer percebeu que essa é uma razão pela qual a filosofia e a ciência nem sempre simpatizaram com a ideia de Deus. Essas disciplinas são dedicadas à tarefa de explicar as coisas como as conhecemos, e são impacientes com tudo o que não se deixa explicar.

Filósofos e cientistas admitem que há muito que eles não sabem. Contudo, diferente disso é admitir que há alguma coisa que nunca poderão conhecer por completo e que, na verdade, não desvendam porque a tecnologia de que dispõem é insuficiente.

Para encontrar Deus, cientistas podem tentar rebaixá-lo ao nível deles, definindo-o como uma lei natural, evolução ou algum princípio desse tipo. No entanto, ainda assim Deus lhes escapa. Há mais sobre Ele do que qualquer desses conceitos é capaz de delinear.

Talvez, também, seja por isso que pessoas que creem na Bíblia parecem passar pouco tempo pensando sobre a pessoa e o caráter de Deus.

Em *Conhecimento do sagrado*, Tozer escreveu:

> Poucos de nós deixam o coração contemplar maravilhado o EU SOU, o Ser autoexistente, que nenhuma criatura pode compreender. Tal entendimento é muito doloroso para nós. Preferimos pensar no que nos trará melhor proveito — como construir uma ratoeira mais eficaz, por exemplo, ou como fazer duas camadas de grama crescerem onde antes só crescia uma. Por isso, estamos pagando um preço alto demais pela secularização de nossa religião e pela decadência de nosso ser interior. (TOZER, 1961, p. 34)

A autoexistência de Deus significa que Ele não deve satisfações a nós nem a ninguém, e

não gostamos disso. Queremos que o Senhor se explique, para justificar Suas ações. Embora Ele às vezes o faça, não tem obrigação, e com frequência não o faz.

Autossuficiente

A segunda qualidade de Deus comunicada a nós pelo nome *Eu sou o que sou* é a autossuficiência. É possível ter pelo menos um senso de significado desse termo abstrato. Ser autossuficiente significa não depender de ninguém.

Nesse caso vamos de encontro a uma ideia difundida e popular: Deus coopera com o homem, e vice-versa; cada um suprindo o que falta no outro. Imagina-se, por exemplo, que Deus sente falta de glória, por isso criou homens e mulheres para supri-la. Deus cuida deles como recompensa. Ou então, imagina-se que Deus precisa de amor, e criou homens e mulheres para amá-lo. Alguns falam da criação como se Deus fosse solitário e nos tivesse criado para lhe fazer companhia.

Em um nível prático vemos o mesmo posicionamento naqueles que imaginam que homens e mulheres são imprescindíveis para executar o plano de Deus de salvação como testemunhas e defensores da fé, esquecendo que Jesus declarou que *até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão* (Lc 3.8).

Deus não precisa de adoradores. Arthur W. Pink, que escreveu sobre esse tema em *The Attributes of God* [Os atributos de Deus], enfatizou:

> Deus não estava sob nenhuma pressão, nenhuma obrigação, nenhuma necessidade para criar. Ele ter escolhido fazê-lo foi puramente um ato soberano de Sua parte, provocado por nada exterior a Ele mesmo, determinado por nada além de Seu bel-prazer, pois Ele *faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade* (Ef 1.11).
> Ele ter criado foi simplesmente para Sua manifesta glória [...]. Deus não tira proveito de nossa adoração. Ele não estava com necessidade da glória externa de Sua graça que advém de Seus redimidos, pois Ele é glorioso o suficiente em si mesmo sem isso. O que o moveu a predestinar Seus eleitos para o louvor da glória de Sua graça?
> Foi como está escrito em Efésios 1.5: *segundo o beneplácito de sua vontade*. A força disso é que é impossível fazer com que o Todo-poderoso fique obrigado com a criatura; Deus não lucra nada conosco. (Pink, p. 2,3)

Tozer ressaltou o mesmo ponto:

> Se toda a humanidade repentinamente se tornasse cega, ainda assim o sol brilharia todos os dias e as estrelas à noite, pois estes não devem nada aos milhões que eles beneficiam com sua luz. Da mesma forma, se todos os homens se tornassem ateus, isso não afetaria Deus de modo algum. Ele é o que é em si mesmo sem dizer respeito a nenhum outro. Crer nele não adiciona nada à Sua perfeição, e duvidar dele não lhe subtrai nada. (Tozer, 1961, p. 40).

Deus também não precisa de ajudadores. Essa verdade é mais difícil ainda para aceitarmos do que qualquer outra. Isso porque imaginamos Deus como a figura de um avô, simpático, porém quase patético, alvoroçado para ver quem Ele pode encontrar para ajudá-lo a administrar o mundo e salvar a humanidade. Que caricatura!

Com certeza, o Senhor confiou a nós um trabalho de administração. Ele disse a Adão e Eva no Éden: *Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra* (Gn 1.28). Deus também deu a todos os que creem uma comissão: *Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura* (Mc 16.15).

A verdade, entretanto, é que nenhum aspecto da disposição de Sua criação tem um

fundamento em si mesmo. Deus escolheu fazer as coisas dessa forma. Ele não precisava fazê-las. Poderia tê-las feito de inúmeras outras maneiras. O Senhor escolheu agir assim porque depende unicamente do exercício livre e soberano de Sua vontade.

Declarar que Deus é autossuficiente também significa que Deus não precisa de defensores. É claro, temos a oportunidade de falar em Seu favor perante aqueles que desonram Seu nome e difamam Seu caráter. Devemos fazer isso. Contudo, mesmo que falhemos, não devemos pensar que Deus é prejudicado por isso. Ele não precisa ser defendido, pois é como é e permanecerá assim a despeito dos ataques arrogantes e pecaminosos de pessoas más. Um Deus que precisa ser defendido não é Deus. Na verdade, o Deus da Bíblia é autoexistente e verdadeiro defensor de Seu povo.

Quando nos damos conta de que Deus é o único verdadeiro e autossuficiente, começamos a entender por que a Bíblia tem tanto a dizer sobre a necessidade da fé somente nele e porque não crer em Deus traz consequências tão graves.

Tozer escreveu:

> De todos os seres criados, nenhum se atreve a confiar em si mesmo. Somente Deus o faz; os outros seres precisam confiar nele. A descrença na verdade é uma fé pervertida, pois coloca sua confiança não no Deus vivo, mas no homem perecível. (TOZER, 1961, p. 42)

Se nos recusamos a ter fé em Deus, o que estamos mostrando é que ou nós ou outra pessoa ou coisa merece mais nossa confiança. Isso é calúnia contra o caráter de Deus, e é vaidade. Nada além dele é autossuficiente. Por outro lado, se começamos a confiar no Senhor, encontramos um fundamento sólido para toda a nossa vida. Deus é suficiente, e podemos confiar em Sua Palavra para tudo o que Ele criou.

Porque Deus é suficiente, podemos descansar nessa suficiência e trabalhar com eficiência para Ele. Deus não precisa de nós. Mas a alegria de vir a conhecê-lo está em aprender que Ele, apesar disso, trabalha naqueles e por meio daqueles que são Seus filhos, portanto crentes e obedientes.

ETERNO

Uma terceira qualidade contida no nome de Deus revelado a Moisés, *Eu sou o que sou,* é a perenidade, perpetuidade ou eternidade. É difícil encerrar tal característica em uma palavra, porém significa simplesmente que Deus sempre foi e sempre será, e que é imutável. Encontramos esse atributo divino em todas as partes da Bíblia.

Abraão chamava Jeová de *Deus eterno* (Gn 21.33). Moisés escreveu:

> *SENHOR, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração. Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus.*
>
> Salmo 90.1,2

O livro de Apocalipse descreve Deus como *o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim* (Ap 1.8; 21.6; 22.13). De acordo com a visão de João, as criaturas diante do Seu trono diziam: *Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir* (Ap 4.8).

O fato de que Deus é eterno traz duas grandes consequências para nós. A primeira é que é possível confiar nele porque Ele permanecerá como revela ser. Em geral a palavra usada para descrever essa característica é *imutabilidade*, que significa invariabilidade. *Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação* (Tg 1.17).

Deus é imutável em Seus atributos. Por isso, não devemos temer, por exemplo, que o

Deus que uma vez nos amou em Cristo de alguma forma mude de ideia e deixe de amar-nos no futuro. O Senhor sempre é amor em relação a Seu povo.

De maneira semelhante, não devemos pensar que Ele talvez mude Sua atitude em relação ao pecado, de modo que comece a classificar como permissível algo que sempre foi proibido. O pecado continuará sendo pecado porque é definido como qualquer transgressão ou falta conforme a Lei de Deus, que é imutável. Deus permanecerá santo, sábio, gracioso, justo e tudo o mais que se revele ser. Nada que possamos fazer mudará o Deus eterno.

Deus também é imutável em Seus desígnios. Ele faz o que predeterminou que faria, e não há variação em Sua vontade. Algumas pessoas tentam mostrar, baseadas em determinados versos da Bíblia, que Deus se arrependeu de um ato, como em Gênesis 6.6: *Então, arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem sobre a terra.*

Nesse exemplo, o verbo *arrepender-se* é usado para indicar o severo desprazer do Senhor com as atividades do homem. No entanto, o conceito que temos de arrependimento não se aplica a Deus, como pode ser constatado nos textos a seguir:

> *Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?*
>
> Números 23.19

> *E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem, para que se arrependa.*
>
> 1 Samuel 15.29

> *Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.*
>
> Romanos 11.29

> *O conselho do SENHOR permanece para sempre; os intentos do seu coração, de geração em geração.*
>
> Salmo 33.11

Tais afirmações proporcionam grande conforto ao povo de Deus. Se o Senhor fosse como nós, não poderíamos confiar nele. Ele mudaria, e, como resultado disso, Sua vontade e Suas promessas mudariam. Não poderíamos depender dele. No entanto, Deus não é como nós. Ele não muda. Como consequência, Seus propósitos permanecem os mesmos de geração a geração.

Arthur Pink declarou em *Atributos de Deus*:

> Aqui, pois, está a rocha sobre a qual podemos fixar nossos pés, enquanto a poderosa torrente varre tudo ao nosso redor. A permanência do caráter de Deus garante o cumprimento de Suas promessas. (Pink, p. 41)

A segunda maior consequência da eternidade de Deus para nós é que Ele é inevitável. Se o Senhor fosse um mero humano, e não gostássemos dele ou do que Ele faz, poderíamos ignorá-lo sabendo que Ele teria a opção de mudar, afastar-se de nós ou morrer.

No entanto, Deus não muda de ideia. Ele não se afasta nem vai morrer. Como consequência, não podemos escapar dele. Mesmo que o ignoremos agora, teremos de prestar-lhe contas de nossos atos no porvir. Se o rejeitarmos hoje, teremos de, por fim, enfrentar Aquele que rejeitamos e experimentar Sua eterna rejeição a nós.

Nenhum outro Deus

Somos levados a uma conclusão natural: devemos buscar e adorar o Deus verdadeiro. Este capítulo é baseado em sua maior parte em Êxodo 3.14, passagem em que Deus revela a Moisés o nome pelo qual Ele deseja ser

conhecido. Tal revelação convergiu para a libertação de Israel do Egito. Após o êxodo, Deus fez uma revelação no monte Sinai que se aplica à revelação anterior dele mesmo como o Deus verdadeiro e à vida religiosa e de adoração da nação liberta.

> *Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos.*
>
> Êxodo 20.2-6

Esses versículos estabelecem três pontos fundamentados na premissa de que o Deus que se revela na Bíblia é o Deus verdadeiro:

1. Devemos louvá-lo e obedecer a Ele.
2. Devemos rejeitar a adoração a qualquer outro deus.
3. Devemos rejeitar a adoração ao Deus verdadeiro por qualquer meio que não seja digno dele, como o uso de retratos ou imagens.

À primeira vista, parece um pouco estranho que uma proibição contra o uso de imagens na adoração tenha ocupado um lugar no início dos Dez Mandamentos. No entanto, percebemos que não é tão estranho quando lembramos que os princípios de uma religião dependem da natureza do deus dessa religião. Se o deus é sem valor, a religião não terá valor também. Se o conceito da divindade é da maior importância, a religião será do mais alto nível.

Assim, Deus nos mostra nesses versículos que qualquer representação física dele é uma desonra. Por quê? Primeiro porque ela obscurece Sua glória, pois nada visível é capaz de sequer representá-lo de maneira adequada. Segundo porque isso desvirtua aqueles que o adoram.

Esse erro pode ser observado no episódio da fabricação do bezerro de ouro por Arão, como J. I. Packer indica em sua discussão sobre idolatria. Para Arão, pelo menos, o bezerro tinha como propósito representar Jeová. Ele pensou que, sem dúvida, a figura de um boi, mesmo que pequeno, simbolizaria a força de Deus. Todavia, é claro, isso não aconteceu. E de maneira nenhuma a estátua comunicou os demais atributos do Senhor: soberania, justiça, misericórdia, amor e retidão. Em vez disso, o bezerro os obscureceu.

Ademais, a figura de ouro desencaminhou os adoradores. Eles de imediato associaram-na com os deuses e deusas da fertilidade do Egito, e o resultado de sua adoração foi uma orgia.

Packer concluiu:

> É certo que, se você tem o hábito de focalizar seus pensamentos numa imagem ou retrato daquele para o qual você vai dirigir sua oração, pensará nele e orará de acordo com o que a imagem representa. Portanto, nesse sentido, você se curvará e adorará sua imagem, deixando de adorar a Deus em verdade. É por isso que Deus nos proíbe de fazer uso de imagens em nossa adoração. (PACKER, 1973, p. 41)

O LOUVOR A DEUS

Contudo, apenas evitar a adoração a imagens ou mesmo o uso destas na adoração ao Deus verdadeiro não é em si adoração. Temos de reconhecer que o Deus verdadeiro é o eterno, autoexistente e autossuficiente Senhor, aquele que está imensuravelmente além de nossos pensamentos mais sublimes.

Temos de humilhar-nos e aprender dele, permitindo que nos ensine como Ele é e o que Ele fez pela nossa salvação. Fazemos o que o Senhor manda? Podemos ter certeza de que em nossa adoração estamos de fato adorando o Deus verdadeiro, que se revelou na Bíblia?

Só há uma maneira de responder a essa questão com honestidade. É perguntando: "Eu realmente conheço a Bíblia e louvo a Deus com base na verdade que encontro nela?".

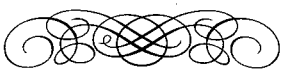
Essa verdade é centrada no Senhor Jesus Cristo. Nas Escrituras, o Deus invisível torna-se visível, o inescrutável torna-se conhecido, o eterno Deus é revelado no tempo e no espaço.

É necessário que nos questionemos: "Eu olho para Cristo no intuito de conhecer Deus? Eu penso nos atributos divinos pelo que Jesus me mostra deles?". Se a resposta é não, estamos adorando uma imagem de Deus, ainda que forjada em nossa própria mente. Se olharmos para Jesus, saberemos que estamos adorando o Deus verdadeiro, como Ele se revelou.

Paulo declarou que, embora alguns conhecessem Deus, eles *não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças* (Rm 1.21). Vamos rogar que isso não aconteça conosco.

CAPÍTULO 10

DEUS EM TRÊS PESSOAS



No capítulo nove foi apontada uma distinção entre os atributos de Deus que parcialmente compartilhamos — amor, sabedoria, poder, entre outros — e os que não compartilhamos. Aqueles conseguimos entender, porém estes não. Podemos compreender o que significa a autoexistência de Deus, Sua autossuficiência e Sua eternidade, mas até certo ponto.

É possível expressá-los de forma negativa, mostrando que Deus não tem origem, não precisa de nada, nunca deixará de existir e não muda. Todavia, é difícil entender o que essas características significam por si mesmas. Logo, as primeiras respostas para quem é Deus e como Ele é são modestas.

O capítulo 11 focará aqueles atributos divinos que conseguimos depreender melhor. Contudo, primeiro, vamos analisar mais uma questão problemática: a Trindade. Deus, embora seja único, subsiste em três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

A Palavra *Trindade* não está na Bíblia. Ela deriva do vocábulo latino *trinitas*, que significa estar em três. Embora o termo não conste nas Escrituras, a ideia trinitária está presente nelas e é de grande importância. Tal relevância se deve ao fato de que não poderá haver uma bênção real sobre nós ou sobre nosso trabalho se negligenciarmos qualquer uma das pessoas da Trindade.

Para alguns, a dificuldade de compreender como Deus pode ser um e três ao mesmo tempo é razão suficiente para rejeitarem a doutrina. Tais pessoas com frequência reclamam que a teologia deveria ser simples, porque a simplicidade é bonita, Deus é belo etc. No entanto, esse é um entendimento errado da realidade e da natureza de Deus reveladas a nós na Bíblia.

Por que a realidade deve ser simples? Na verdade, como C. S. Lewis ressaltou em *Cristianismo puro e simples*, o que acontece em geral é que "a realidade, além de complicada, é quase sempre estranha. Não é precisa, nem óbvia, nem previsível. [...] A realidade, com efeito, é algo que ninguém poderia adivinhar" (LEWIS, 2008, p. 55).

Isso é verdadeiro em relação a coisas triviais — uma mesa e uma cadeira, por exemplo. Elas parecem elementares; contudo, se tivermos de falar sobre sua constituição de átomos e as forças que mantêm esses átomos unidos, percebemos que mesmo essas coisas supostamente simples vão além da nossa compreensão.

Coisas mais complexas transcendem ainda mais nossa percepção. Assim sendo, o fabricante da mesa e da cadeira é mais complicado do que os objetos que ele produziu, e Deus, que criou o fabricante, deve ser o mais complicado e incompreensível de todos.

TRÊS PESSOAS

Deus nos revelou um pouco de Sua complexidade na doutrina da Trindade. O que sabemos sobre ela só sabemos por causa da

revelação de Deus na Bíblia, e mesmo assim não a conhecemos muito bem.

Na verdade, tendemos tanto a cometer erros quando lidamos com esse assunto que precisamos ser extremamente cuidadosos, para não irmos além ou interpretarmos de forma errada o que encontramos na Escritura.

O primeiro ponto a ser destacado é que os cristãos creem, tanto quanto os judeus, que só há um Deus. Os cristãos também creem na Trindade, e foram de modo errôneo acusados de crer em três deuses, o que seria uma forma de politeísmo.

É verdade que os cristãos veem uma pluralidade na manifestação de Deus. No entanto, isso não é politeísmo. Cristãos, assim como judeus, são monoteístas, isto é, creem em um só Deus.

Sendo assim, recitamos, como o judeu:

> *Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.*
>
> Deuteronômio 6.4-9

Nessa passagem, em linguagem mais clara, está o ensinamento de que Deus é um, e que isso deve ser conhecido por Seu povo, falado por ele e ensinado a seus filhos.

A mesma verdade consta no Novo Testamento, que é unicamente cristão. Lemos que *o ídolo nada é no mundo e que não há outro Deus, senão um só* (1 Co 8.4). Somos lembrados do fato de que há *um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos* (Ef 4.6). Tiago declarou: *Tu crês que há um só Deus? Fazes bem* (Tg 2.19).

Tem se argumentado que, já que os versículos 4 a 9 de Deuteronômio 6 começam com *Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR*, a Trindade estaria excluída. Contudo, nesse texto, a palavra para *único* é *echad*, que significa não um em isolamento, porém um em unidade.

De fato, esse termo nunca é usado na Bíblia hebraica referindo-se a uma entidade singular. Ele é empregado para aludir a um cacho de uvas, por exemplo, ou para mostrar que o povo de Israel respondeu como um só povo.

Após Deus ter criado uma esposa para Adão, este disse:

> *Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.*
>
> Gênesis 2.23,24

De novo, a palavra traduzida como *uma* é *echad*. Não se sugere que o homem e a mulher se transformariam em uma única pessoa, mas uma só carne; estariam unidos como um só. De modo semelhante, Deus é um Deus, entretanto se manifesta em três pessoas.

Uma de nossas dificuldades é que não temos uma palavra adequada em nossa língua para expressar a natureza das diferentes existências dentro da Trindade. O melhor termo de que dispomos é *pessoa*, derivado da palavra latina *persona*, que significa a máscara que um ator usava quando representava um personagem num drama grego.

Todavia, quando falamos em máscara, já nos desviamos do sentido que pretendemos, pois não devemos pensar nas três pessoas concernentes a Deus como uma forma pela qual Ele de vez em quando representa a si mesmo para os seres humanos. Esse erro em particular é conhecido como *modalismo* ou

sabelianismo[1], originário do nome do homem que popularizou a ideia na história da Igreja em meados do terceiro século.

A palavra mais usada na língua grega era *homoousios*, que literalmente significa um ser. No entanto, de novo, isso induz ao erro se começamos a pensar que há três seres distintos com naturezas diferentes dentro da Trindade.

Calvino não gostava de nenhuma dessas palavras. Ele preferia o vocábulo *subsistência*. Contudo, mesmo sendo provavelmente bem escolhido, o termo não transmite muito significado à maioria dos leitores do nosso século.

Na verdade, a palavra *pessoa* está adequada, enquanto entendemos o que queremos mostrar com ela. No discurso coloquial, a palavra denota um ser humano, portanto alguém que é um indivíduo único. Temos esse conceito em mente quando falamos de despersonalizar alguém.

Todavia, esse não é o significado da palavra como é usada em teologia. O ser existe independente do corpo carnal. Podemos, por exemplo, perder um braço ou uma perna em um acidente, contudo ainda seremos a mesma pessoa com todas as marcas da personalidade.

Além disso, pelo menos de acordo com o ensinamento cristão, mesmo quando morremos e nosso corpo entra em decomposição ainda somos pessoas, pois o espírito, no qual está a vida, é eterno. Então, estamos falando de um senso de existência que se expressa em conhecimento, sentimento e vontade.

Assim, há três pessoas ou subsistências em Deus, cada uma com conhecimento, sentimento e vontade. Entretanto, mesmo considerando esse entendimento, saímos da percepção adequada, pois, no caso de Deus, conhecimento, sentimento e vontade de cada pessoa que compõe a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — são idênticos.

LUZ, CALOR, AR

Como podemos ilustrar que Deus é um único Deus, se Ele existe em três pessoas? É quase impossível encontrar uma boa ilustração, embora algumas tenham sido sugeridas.

Alguns propõem a ideia de um bolo, constituído de ingredientes, montado em camadas e servido em fatias. O Pai poderia ser comparado aos ingredientes, o Filho às camadas (pelas quais nos achegamos ao Pai) e o Espírito Santo às fatias, pela forma como é distribuído.

Outra ilustração é a do homem que ao mesmo tempo cumpre as funções de pai, filho e marido. Contudo, o problema com essa ilustração é que ele só pode desempenhar cada um desses papéis para uma pessoa, ou, no caso do pai, para um pequeno grupo de pessoas, enquanto Deus é o Pai, o Filho e o Espírito Santo para todos.

Talvez uma ilustração mais eficaz da Trindade seja a da luz, do calor e do ar. Se você estender sua mão e olhar para ela, perceberá que cada um desses três elementos está presente. Você necessita da luz porque só através dela pode ver sua mão. Na verdade, mesmo com a escuridão da noite, ainda há luz. Embora muitas vezes não seja possível vê-la, ela pode ser notada por equipamentos especiais.

Também há calor entre sua cabeça e sua mão. Você consegue provar isso usando um termômetro.

Por fim, existe o ar. Você pode assoprar sua mão e senti-lo. Pode balançá-la e assim se abanar.

O ponto é que cada um desses três elementos — luz, calor e ar — é distinto. Cada um obedece a suas próprias leis e pode ser estudado de forma separada. E ainda assim é impossível, pelo menos em um local normal da terra, ter qualquer um sem os outros. Eles são três e são um. Juntos compõem o ambiente no qual existimos.

O interessante nessa ilustração é que a Bíblia menciona cada um desses elementos em relação a Deus[2].

Luz: *E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma* (1 Jo 1.5).

Calor: *porque o nosso Deus é um fogo consumidor* (Hb 12.29).

Ar, sopro e vento *(o radical de significado da palavra Espírito): O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito* (Jo 3.8).

O ensino da Bíblia

O que importa agora não é se conseguimos entender a Trindade ou não, mesmo com a ajuda de ilustrações, e sim se vamos crer no que a Bíblia tem a declarar sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e sobre o relacionamento entre eles. O que consta nas Escrituras pode ser resumido nas cinco proposições seguintes:

1. Há um só Deus, vivo e verdadeiro, que existe em três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Já analisamos essa verdade de modo geral. Vamos analisá-la com profundidade quando falarmos sobre a divindade plena do Filho e do Espírito Santo nos livros dois e três deste volume.

Observamos, nesse caso, uma pluralidade dentro da Trindade sugerida inclusive nas páginas do Antigo Testamento, antes de Jesus Cristo vir a terra ou de o Espírito Santo ser derramado sobre o povo de Deus. Tal pluralidade pode ser vista, em primeira instância, naquelas passagens em que Deus fala sobre si mesmo no plural.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra.

Gênesis 1.26

Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.

Gênesis 11.7

Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Então, disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.

Isaías 6.8

Em outras passagens um ser celestial denominado *o anjo do Senhor* é, por um lado, identificado com Deus, todavia, por outro lado, também é distinguido dele. Assim, lemos:

E o Anjo do SENHOR a achou [Hagar] *junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur. Disse-lhe mais o Anjo do SENHOR: Multiplicarei sobremaneira a tua semente, que não será contada, por numerosa que será. E ela chamou o nome do SENHOR, que com ela falava: Tu és Deus da vista, porque disse: Não olhei eu também para aquele que me vê?*

Gênesis 16.7,10,13

Um caso ainda mais estranho é a aparição de três anjos a Abraão e Ló. Destes fala-se como se fossem três e às vezes um. Além disso, quando eles falam, é o Senhor que, como ficamos sabendo, fala a Ló e a Abraão (Gn 18).

Provérbios 30.4 é um texto surpreendente. Nele, Agur confessa sua ignorância sobre o poder extraordinário de Deus.

Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem

amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?

Na ocasião, Agur conhecia apenas o nome *Yehowah* [traduzido em muitas versões bíblicas como *Senhor*, numa alusão ao Deus Pai]. Hoje sabemos que este é uma variante do nome do Filho de Deus: Jesus.

2. Jesus Cristo é totalmente divino, sendo a segunda pessoa da Trindade, que se fez homem e habitou entre nós.

É nesse ponto que se encontra o cerne do debate sobre a Trindade. Aqueles que não gostam da doutrina não gostam dela porque não estão dispostos a exaltar Jesus como homem.

Tal relutância é vista primeiro nos ensinamentos de Ário[3] de Alexandria, morto em 336 d.C. Sabélio, mencionado antes, tendia a fundir as pessoas da Trindade, de forma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo seriam apenas manifestações temporárias do Deus uno, assumidas para o propósito da nossa redenção.

Ário, cuja obra principal foi imediatamente posterior à de Sabélio, considerou o outro extremo. Ele dividiu as pessoas da Trindade de modo que o Filho e o Espírito Santo se tornaram inferiores a Deus Pai. De acordo com Ário, o Filho e o Espírito eram seres que Deus determinou que existissem com o propósito de trabalhar como Seus agentes na redenção. Em vista disso, Eles não seriam eternos como Deus, tampouco seriam completamente divinos. Ário usou a palavra *divino* para descrevê-los em um sentido menos valoroso do que quando aplicada ao Pai.

Em séculos mais recentes, o mesmo erro tem sido ratificado por unitarianos[4] e por algumas seitas modernas. Todavia, isso é um grande equívoco, pois, se Cristo não é divino, então nossa salvação não é válida. Nenhum ser menor que o próprio Deus, mesmo que exaltado, poderia levar sobre si a punição pelos pecados do mundo.

A divindade do Senhor Jesus Cristo é ensinada em muitas passagens cruciais. Lemos que *no princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus* (Jo 1.1,2).

João (1.1,2) fala do Senhor Jesus Cristo de acordo com João 1.14, onde ficamos sabendo que o *Verbo se fez carne e habitou entre nós* (v. 1).

De modo semelhante, Paulo escreveu:

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.

Filipenses 2.5-8

A declaração *sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo* não significa que Jesus deixou de ser divino na encarnação, como alguns sustentam, mas apenas que Ele temporariamente abriu mão de Sua glória divina para viver entre nós. Lembramos que durante os dias de Sua vida na terra Jesus declarou: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10.30) e *quem me vê a mim vê o Pai* (Jo 14.9). (PACKER, 1973, p. 51-55)

3. O Espírito Santo é totalmente divino.

Foi o Senhor Jesus Cristo quem de forma mais clara descreveu o ministério do Espírito Santo. No Evangelho de João, Jesus comparou o ministério do Espírito Santo com Seu próprio ministério:

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis.

João 14.16,17

Esse entendimento do Espírito Santo é apoiado pelo fato de que atributos divinos são imputados a Ele: eternidade (Hb 9.14), onipresença (Sl 139.7-10), onisciência (1 Co 2.10,11), onipotência (Lc 1.35), entre outros.

4. Embora todas as pessoas da Trindade tenham atributos divinos comuns, elas tem papéis diferentes na salvação do homem.

Por consequência, em geral se afirma, com base na Escritura, que o Pai, não o Espírito, enviou o Filho ao mundo (Mc 9.37; Mt 10.40; Gl 4.4), mas que ambos, o Pai e o Filho, enviaram o Espírito (Jo 14.26; 15.26; 16.7).

Não sabemos o que tal descrição dos relacionamentos na Trindade significa. Contudo, via de regra, declara-se que o Filho é sujeito ao Pai porque o Pai o enviou, e que o Espírito é sujeito a ambos, Pai e Filho, porque Ele foi enviado ao mundo pelos dois. Devemos lembrar, porém, que quando falamos de sujeição não nos referimos à desigualdade. Embora relacionados um ao outro dessa forma, os membros da Trindade são, não obstante, "da mesma substância, do mesmo poder e da mesma eternidade"[5], como mostra a *Confissão de Fé de Westminster* (p. 6).

5. Na obra de Deus, as pessoas da Trindade trabalham juntas.

É comum os cristãos dividirem a obra de Deus entre as três pessoas da Trindade, atribuindo a criação ao Pai, a expiação ao Filho e a santificação ao Espírito Santo. A maneira mais correta é mostrar que cada pessoa coopera em cada obra.

Um exemplo é a obra da criação.

Sobre Deus Pai, está escrito: *Desde a antiguidade fundaste a terra; e os céus são obra das tuas mãos* (Sl 102.25); e *no princípio, criou Deus os céus e a terra* (Gn 1.1).

Lê-se acerca do Filho: *porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis* (Cl 1.16); e *todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez* (Jo 1.3).

Em relação ao Espírito Santo, consta o seguinte: *O Espírito de Deus me fez* (Jó 33.4).

Da mesma forma, a vinda de Cristo é mostrada como tendo sido realizada pelas três pessoas da Trindade trabalhando em unidade, embora só o Filho tenha se tornado carne (Lc 1.35).

No batismo de Jesus, as três pessoas estavam presentes: o Filho emergiu das águas, o Espírito desceu sob a aparência de uma pomba e a voz do Pai foi ouvida do céu declarando: *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (Mt 3.17b).

As três pessoas da Trindade participaram do sacrifício de Jesus, como Hebreus 9.14 declara: *Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus.* A ressurreição de Cristo é do mesmo modo atribuída às vezes ao Pai (At 2.32), às vezes ao Filho (Jo 10.17,18) e às vezes ao Espírito Santo (Rm 1.4).

Não devemos surpreender-nos, portanto, que nossa salvação como um todo seja também atribuída a cada uma das três pessoas: *eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo* (1 Pe 1.2). Nem nos surpreender quando somos enviados ao mundo para ensinar *todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo* (Mt 28.19).

Redenção tripla

É necessário novamente observar que, embora possamos fazer declarações significativas sobre a Trindade, baseadas na revelação

de Deus sobre as pessoas que a compõem, a Trindade ainda é inescrutável.

Devemos ser humildes no que concerne ao conhecimento acerca da Trindade. Certa vez perguntaram a Daniel Webster, importante orador americano, como um homem de seu intelecto podia acreditar na Trindade. "Como um homem com tamanha capacidade intelectual acredita que três é igual a um?", repreendeu o crítico. Ele respondeu: "Não tenho a intenção de entender a aritmética do céu".

A doutrina da Trindade não se traduz em três é igual a um, é claro, e o orador sabia disso. Na verdade, consiste em que Deus é três em um sentido e um no outro. No entanto, a resposta de Daniel Webster mostrou um grau adequado de humildade da criatura em relação ao Criador. Cremos na doutrina da Trindade não porque a entendemos, mas porque está registrada na Bíblia e porque o próprio Espírito testemunha em nosso coração que assim é.

NOTAS

1 Sabelianismo (também conhecido como modalismo) é a crença estabelecida no século 3 de que a Trindade não se configura em três pessoas, mas em modos, ou atributos, de Deus. Tal crença é atribuída a Sabélio, que difundiu uma vertente dessa doutrina em Roma. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sabelianismo.

2 A ilustração da Trindade como luz, calor e ar é antiga, mas extraí essa peculiar expressão dela de Donald Grey Barnhouse, em *Man's Ruin* [A ruína do homem], publicado pela Eerdmans, em 1952, p. 64-65.

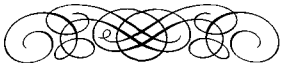
3 Ário ou Arius (n.256 f.336), presbítero cristão de Alexandria, foi o fundador da doutrina cristã denominada arianismo. Ele defendia a doutrina da Cristologia, segundo a qual: a) O Logos e o Pai não são da mesma essência; b) O Filho é uma criação do Pai; e c) Houve um tempo em que o Filho ainda não existia. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ário.

4 O unitarismo (ou unitarianismo) é uma corrente de pensamento teológico que afirma a unidade absoluta de Deus. Há dois ramos principais do unitarismo: os unitários bíblicos, que consideram a Bíblia como única regra de fé e prática, assemelhando as demais religiões cristãs evangélicas, exceto, claro, pela concepção unitária de Deus, e os unitários universalistas, surgidos recentemente nos Estados Unidos, que pregam a liberdade de cada ser humano de buscar sua própria verdade, e a necessidade de cada um buscar o crescimento espiritual sem recorrer a religiões, dogmas e doutrinas. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Unitarismo.

5 Trecho extraído da *Confissão de Fé de Westminster*, Igreja Presbiteriana do Brasil, p. 3.

CAPÍTULO 11

Nosso Deus soberano



Há qualidades de Deus que nunca iremos entender por completo. Podemos falar sobre Sua autoexistência, Sua autossuficiência, Sua eternidade e Sua natureza trina. Todavia, temos sempre de reconhecer que não as compreendemos plenamente, pois não somos como Deus em nenhuma dessas características. Devemos com humildade confessar que Ele é o Criador e que nós somos Suas criaturas.

O infinito está além de nossa compreensão. Por outro lado, há atributos de Deus que conseguimos entender porque compartilhamos deles até certo ponto. Isso procede com a maioria das virtudes: sabedoria, verdade, misericórdia, graça, justiça, ira, benignidade, fidelidade, entre outras. É com essa categoria que nos ocuparemos agora.

Comecemos pela soberania de Deus. Ele tem autoridade absoluta e governa sobre a criação. Ser soberano é saber tudo, ter todo o poder, além de ser livre. Se o Senhor fosse limitado em qualquer um desses predicativos, não seria soberano. Contudo, a soberania de Deus é maior do que todos os atributos que ela engloba.

Outras virtudes parecem ser mais importantes para nós, como, por exemplo, o amor. Todavia, um pouco de reflexão mostrará que o exercício de qualquer uma delas só é tornado possível pela soberania de Deus. O Senhor poderia amar, mas, se Ele não fosse soberano, talvez circunstâncias impedissem Seu amor, tornando-o inútil para nós. O mesmo se dá com a justiça divina. Deus poderia desejar estabelecer justiça entre os seres humanos, porém, se Ele não fosse soberano, a justiça seria frustrada e a injustiça prevaleceria.

Portanto, a doutrina da soberania de Deus não é um dogma filosófico destituído de valor prático. Antes, é uma doutrina que dá significado e substância às outras doutrinas.

Como Arthur Pink observou, a soberania de Deus "é o fundamento da teologia cristã [...], o centro de gravidade do sistema da verdade cristã — o sol ao redor do qual todas as órbitas menores estão agrupadas" (Pink, 1969, p. 263). É também, como veremos, a força e o conforto do cristão em meio às tempestades da vida.

Questionamentos intelectuais

É claro que há problemas em afirmar o governo de Deus em relação a um mundo que seguiu seu próprio caminho. Podemos concordar que Deus governe os céus. Contudo, a terra é um lugar corrompido. Aqui a autoridade divina é burlada, e o pecado com frequência prevalece.

Podemos com clareza declarar que Deus é soberano sobre tal mundo? Se olharmos para o mundo de modo isolado, acharemos que não. No entanto, se considerarmos a Escritura, como devemos fazer para conhecer Deus, poderemos afirmar isso, pois a Bíblia aponta em diversas passagens que Ele é soberano.

Podemos não entender essa doutrina relativa à soberania. Podemos ainda nos perguntar como Deus tolera o pecado. Contudo, mesmo assim não vamos duvidar da doutrina nem nos esquivar de suas consequências.

Na Escritura, a soberania divina é um conceito tão difundido e importante que é impossível tratá-la de modo abrangente. Observe alguns textos que a abordam:

> *Tua é, SENHOR, a magnificência, e o poder, e a honra, e a vitória, e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu é, SENHOR, o reino, e tu te exaltaste sobre todos como chefe* [...] *e tu dominas sobre tudo.*
>
> 1 Crônicas 29.11,12

> *Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.*
>
> Salmo 24.1

> *Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus; serei exaltado entre as nações; serei exaltado sobre a terra.*
>
> Salmo 46.10

> *Pois Deus é o Rei de toda a terra.*
>
> Salmo 47.7a

A doutrina da soberania de Deus é o fundamento de todas as exortações para confiar nele, louvá-lo e entregar seu caminho a Ele.

Além desses textos e muitos outros, há exemplos do governo de Deus sobre a matéria. O mundo material obedece às regras que Ele estabeleceu, ou seja, às leis da natureza ou da ciência. Não devemos pensar que as leis são absolutas e que Deus de alguma forma é controlado ou limitado por elas, pois o Senhor age de modo sobrenatural para realizar o que chamamos de milagre.

Deus mostrou Sua soberania sobre a natureza ao dividir o mar Vermelho para que Israel passasse do Egito para o deserto, e depois fez com que as águas voltassem ao seu curso e destruíssem os soldados egípcios que perseguiam o povo. O Senhor expressou Sua soberania ao enviar o maná para alimentar os israelitas enquanto estavam no deserto.

Em outra ocasião Ele enviou codornizes ao campo como provisão para Israel. Deus dividiu as águas do rio Jordão para que o povo atravessasse para Canaã. Ele fez com que as muralhas de Jericó caíssem, e "parou o sol" nos dias de Josué em Gibeão, a fim de que Israel conquistasse a vitória completa sobre seus inimigos em fuga.

No tempo de Jesus, a soberania divina manifestou-se quando Ele alimentou quase cinco mil homens multiplicando poucos pãezinhos e peixes, curou doentes e ressuscitou mortos. Por fim, a soberania de Deus foi vista nos eventos relacionados à crucificação de Cristo e Sua ressurreição.

Outros textos mostram que a soberania de Deus atua sobre a vontade do ser humano e, por isso, influencia suas atitudes. Assim, o Senhor endureceu o coração do faraó para que ele se recusasse a deixar o povo de Israel partir. Por outro lado, Deus quebranta o coração de alguns para que respondam ao Seu amor e obedeçam a Ele.

Pode-se argumentar que os homens, não obstante, desafiam Deus e desobedecem aos Seus princípios. No entanto, essa observação não pode subverter o ensino da Bíblia em relação ao governo de Deus sobre Sua criação, a não ser que a Escritura se contradiga, o que não ocorre.

A explicação para essa aparente contradição é a rebelião humana. Embora em oposição à expressa ordem de Deus, encaixa-se em Seu propósito eterno. Significa que o Senhor permite o pecado por Suas próprias razões, sabendo de antemão que Ele o julgará no dia de Sua ira, e que nesse ínterim o pecado não ultrapassará os limites que Deus estabeleceu para ele.

Em nossa perspectiva, muitas coisas trabalham contra a soberania de Deus. Contudo, na perspectiva de Deus, Seus decretos sempre são estabelecidos. Eles são, na verdade, como o *Breve Catecismo de Westminster* os descreve:

> Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, todavia de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas. (*Confissão de Fé de Westminster*, Igreja Presbiteriana do Brasil, p. 4)

Questionamentos humanos

O verdadeiro problema com a soberania de Deus, sob uma perspectiva humana, não é que a doutrina pareça falsa, embora haja problemas em entendê-la, mas sim que os homens não gostam desse aspecto do caráter divino, visto que os perturba e humilha.

Poderíamos pensar, se olhássemos para esse assunto com superficialidade, que homens e mulheres vivendo em meio a uma cultura caótica seriam receptivos à soberania divina. Afinal, o que poderia ser melhor do que saber que as coisas estão sob controle, apesar das aparências, e que Deus é capaz de fazer com que todos os eventos concorram para o bem do ser humano? Essa constatação, contudo, falha ao não reconhecer a rebelião da humanidade contra Deus em busca de autonomia.

A rebeldia tem sido característica da humanidade desde a queda. No entanto, ela é patente na cultura contemporânea, como R. C. Sproul aponta em *The Psychology of Atheism* [A psicologia do ateísmo]. Nosso sistema democrático, por exemplo, rejeita toda a autoridade monárquica. *Não servimos a nenhum soberano aqui* foi o *slogan* da Guerra de Independência americana.

Hoje, embora mais de 200 anos tenham se passado, o lema permanece. Assim, o governo do povo na verdade significa ser governado por si mesmo ou por aqueles que compartilham dos mesmos ideais. Deus, o Senhor de direito sobre todas as nações e todos os indivíduos, é sutilmente excluído das instituições decisórias de nossa vida nacional.

Nem a igreja está melhor, como indica Sproul. Com frequência ouvimos as características de Deus como Salvador serem ressaltadas — Seu amor, Sua misericórdia, Sua bondade, entre outras —, todavia a soberania dificilmente é mencionada. Essa distorção é clara no evangelismo.

Na prática moderna, o chamado ao arrependimento é em geral denominado de *apelo*, o qual alguém pode aceitar ou recusar. É oferecido com educação. É raro ouvirmos que o arrependimento é uma exigência soberana de Deus, e que é requerida de nós total submissão à autoridade do Rei nomeado por Ele, Cristo Jesus.

Hoje, a ênfase da mensagem da Igreja é na libertação. No entanto, às vezes é pregado que o ser humano tem de libertar-se não só das *estruturas sociais opressivas*, como os proponentes da teologia da libertação denominam, mas também do próprio Deus. Sproul declarou: "A libertação moderna envolve uma revolta contra a autoridade soberana de Deus enquanto membros da Igreja e do Estado unem forças em um ato mútuo de traição cósmica" (Sproul, 1974, p. 139).

A razão básica pela qual os homens não gostam da doutrina da soberania de Deus é porque não querem um Deus soberano. Eles desejam ser autônomos. Logo, ora negam a existência de Deus por completo, ora simplesmente o ignoram em todos os propósitos práticos.

O principal motivo do colapso atual do respeito à autoridade é o impacto do existencialismo europeu pela obra de homens como

Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre, Albert Camus e Martin Heidegger. Em suas obras a autonomia do indivíduo é um ideal filosófico dominante diante do qual todos os outros conceitos, incluindo a existência de Deus, devem ser eliminados.

Nós apenas nos encontramos quando as restrições externas são lançadas fora. Apenas quando Deus é descartado podemos ser autênticos humanos. Mas, isso funciona? Na obra de Nietzsche, a figura ideal é o super-homem ou o *Üebermensch*, aquele que cria seus próprios valores e que não deve satisfações a ninguém, a não ser a si mesmo.

Todavia, Nietzsche, o formulador dessa filosofia, morreu não como uma pessoa livre, mas como prisioneiro de sua própria mente pela insanidade. A filosofia da autonomia existencial é uma rua sem saída — pior que isso, um desastre. Ainda assim, é a filosofia dominante de nossa era. Deus é restritivo, por isso deve ser rejeitado. Esse é o ponto de vista.

Perguntas devem ser respondidas não com base em um princípio divino revelado do certo contra o errado, porém com base no que um indivíduo ou a maioria dos indivíduos deseja. Às vezes, a maioria dentro de um segmento da sociedade se coloca em oposição aos que fazem parte de outros segmentos. Entretanto, o problema não começou com o existencialismo.

A questão teve início muito antes disso, quando Satanás confrontou a primeira mulher no jardim do Éden ao fazer a Eva a pergunta diabólica: *Deus disse?* E depois sugerindo que, ao desobedecer ao que Deus disse, ela e seu marido se tornariam como o Senhor, conhecendo o bem e o mal. *Como Deus* é a expressão crucial, pois ela significa tornar-se autônomo. Foi a tentação de tentar substituir Deus no tocante à soberania, como o próprio Satanás havia tentado fazer.

Os resultados prometidos pela serpente se cumpriram? De maneira alguma. É verdade que o homem e a mulher aprenderam a diferença entre o bem e o mal, mas de uma forma pervertida. Eles aprenderam fazendo o mal. No entanto, não ganharam a liberdade que desejavam. Em vez disso, foram escravizados pelo pecado, do qual apenas o Senhor Jesus Cristo, por Sua obediência ao Pai, foi capaz de livrar tanto eles como nós.

A autonomia humana atingiu seu ápice com a crucificação de Cristo.

> *Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o SENHOR e contra o seu ungido, dizendo: Rompamos as suas ataduras e sacudamos de nós as suas cordas.*
>
> Salmo 2.2,3

A verdadeira liberdade é consequência da crucificação com Cristo, como o apóstolo Paulo indicou:

> *Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.*
>
> Gálatas 2.20

Isso é um paradoxo, é claro, como Agostinho, Lutero, Edwards, Pascal e outros ressaltaram. Quando indivíduos se rebelam contra Deus, eles não conquistam a liberdade; ao contrário, passam a viver em escravidão, porque a rebelião é pecado, e o pecado é um tirano.

Por outro lado, quando os homens se submetem ao Senhor, colocando-se como servos dele, tornam-se livres de verdade. Eles conquistam a capacidade de transformarem-se em seres plenos, especiais e únicos, como Deus os criou para ser.

BÊNÇÃOS DA SOBERANIA

Encontramos a genuína liberdade quando nos dispomos a aceitar a realidade como ela é,

inclusive a justa e efetiva soberania de Deus sobre toda a Sua criação, e quando permitimos que Ele nos transforme em tudo o que pode fazer de nós. A questão da soberania divina, longe de continuar a ser uma ofensa para nós, pode tornar-se uma doutrina maravilhosa da qual obtemos grandes bênçãos.

Quais são essas bênçãos? Primeiro, o entendimento de que a soberania de Deus inevitavelmente aprofunda nossa adoração ao Deus vivo e verdadeiro. Sem a compreensão e apreciação dessas verdades, é questionável se em absoluto conhecemos o Deus do Antigo e do Novo Testamento ou não, pois o que é um Deus cujo poder é frustrado pelos planos das pessoas e de Satanás? Que tipo de Deus é esse cuja soberania tem de ser cada vez mais restringida, para que não pensemos nele como um invasor da fortaleza do nosso livre-arbítrio?

Quem pode adorar uma divindade tão incompleta e digna de pena? Em *Soberania de Deus,* Pink afirmou o seguinte:

> Um deus cuja vontade é resistida, cujos planos são frustrados, cujo propósito é questionado, não pode ser considerado uma divindade, e está muito longe de ser um objeto adequado de adoração; ele não merece nada, a não ser desprezo. (Pink, 1969, p. 28)

Por outro lado, um Deus que verdadeiramente reina sobre Seu universo é um Deus que se deve buscar com alegria, adorar, e a que se deve obedecer. É o Deus contemplado por Isaías em sua visão:

> *No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam o rosto, e com duas cobriam os pés, e com duas voavam. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.*
>
> Isaías 6.1-3

O Deus das Escrituras é grande. Foi uma visão dele, não de um deus menor, que transformou o ministério de Isaías.

A segunda bênção que um conhecimento de Deus em Sua soberania proporciona é conforto em meio às provações, tentações e à dor. Tentações e dor atingem cristãos e não cristãos da mesma forma. A pergunta é: como as enfrentaremos?

Sem dúvida, se tivermos de enfrentá-las sem a convicção de que estão sob o controle de Deus e são permitidas pelo Seu bom propósito, elas não terão significado, o que nos levará a concluir que a vida é uma tragédia. Isso é o que muitos existencialistas afirmam. Mas, se crermos que Deus ainda está no controle, saberemos que tais circunstâncias são conhecidas dele e têm um propósito.

É claro que não conhecemos todos os propósitos de Deus. Para tal, teríamos de ser Deus. Contudo, podemos conhecer alguns deles porque o Senhor os revela a nós. Por exemplo, o apóstolo Pedro, já idoso, escreveu para alguns que passavam por grandes provações, lembrando-os de que ainda não seria o fim — Jesus voltaria; enquanto isso, Deus os fortaleceria e purificaria por meio de suas lutas:

> *Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo.*
>
> 1 Pedro 1.6,7

De forma semelhante, Paulo escreveu aos cristãos em Tessalônica que tinham perdido

seus entes queridos por morte, lembrando-os de que o Senhor Jesus Cristo voltaria, e de que naquele momento reuniria todos os que estivessem vivos e seus queridos. Paulo concluiu: *Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras* (1 Ts 4.18).

A terceira bênção proveniente da compreensão da soberania de Deus é o encorajamento e a alegria no evangelismo. Como pode alguém evangelizar sem tamanha confiança? Como alguém pode propor-se a pregar a mensagem que é tão desagradável ao homem natural e ter qualquer esperança de movê-lo a aceitá-la, a não ser que Deus seja capaz de quebrantar pecadores e mudá-los?

Se Deus não consegue fazer isso, como pode qualquer ser humano são ter esperança em si mesmo de fazê-lo? Ele tem de ser alheio ao problema ou, de forma ridícula, autoconfiante. No entanto, se Deus é soberano nesses e em todos os outros assuntos — se Deus chama quem Ele quer e o faz com efetividade —, então podemos ser audaciosos no evangelismo, sabendo que o Senhor, pela graça, pode usar-nos como canais para a Sua bênção. Na verdade, temos consciência de que Ele vai usar-nos, pois é pelo nosso testemunho que Deus atrai os outros para si.

Por último, um conhecimento da soberania de Deus nos dará um profundo sentimento de segurança. Se olharmos para nós mesmos, não encontraremos segurança alguma. As cobiças da carne e dos olhos e o orgulho da vida são mais fortes do que nós. Todavia, quando olhamos para a força do nosso Deus, podemos ter confiança.

Paulo escreveu:

> *Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!*
>
> Romanos 8.31,35,37-39

DEUS PODE

Do começo ao fim a Bíblia é cheia de afirmações sobre o que Deus é capaz de fazer e fará por Seu povo. A seguir constam sete versículos que, quando analisados juntos, aludem a quase todas as doutrinas fundamentais do cristianismo.

1. Hebreus 7.25, em certo sentido, engloba os textos restantes. Ele nos mostra que Jesus Cristo *pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.*
   Mel Trotter, um evangelista da geração anterior que Deus havia resgatado do alcoolismo, disse que esse era seu versículo. Ele falou sobre a habilidade de Deus de salvar uma pessoa "da terrível sarjeta para a total liberdade". Essa é nossa história também. Ela envolve o passado, o presente e o futuro de nossa salvação.

2. Em 2 Timóteo 1.12 Paulo escreveu: *Porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia.* A metáfora é bancária, e o versículo literal quer mostrar que Deus tem o poder de cuidar de nossos depósitos espirituais. Ele não nos desapontará.

3. Em seguida, em 2 Coríntios 9.8, Paulo afirmou: *E Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra.* Alguns cristãos pensam que a salvação de um homem ou de uma mulher por Deus é apenas para o futuro, mais ou menos como uma filosofia *pie in the sky* [torta no céu][1]. Não é assim. Na Bíblia vemos que a graça de Deus está disponível para nos ajudar em toda boa obra agora. É nesta vida que devemos transbordar na suficiência dele.

4. Também nos é dito que Deus pode ajudar-nos nos momentos de tentação. A Bíblia declara de Jesus: *Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados* (Hb 2.18). O melhor comentário para esse versículo se encontra nas Escrituras. Depreendemos de outras passagens que, embora a tentação seja comum ao homem, Deus não permite que sejamos tentados além de nossa capacidade de resistir. Além disso, Ele provê o escape mesmo antes que a tentação nos confronte (1 Co 10.13).

5. Efésios 3.20 nos mostra que Deus pode ajudar-nos a crescer espiritualmente. Isso está registrado em forma de ação de graças:

   Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém!

6. O poder do Senhor de salvar não atua somente em nosso espírito, mas também se estende ao nosso corpo. Jesus Cristo *transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas* (Fp 3.21).

7. Por fim, em Judas 1.24,25, Deus é exaltado por Seu poder:

   Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém!

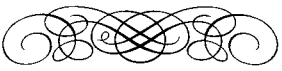
Esses versículos declaram que Deus, além de salvar-nos, pode guardar-nos da tentação e da queda, conduzindo-nos à eternidade. Pode, também, proporcionar-nos ótimas experiências e satisfazer-nos por completo. Essas afirmações são verdadeiras? Sim, porque é o plano eterno e imutável do Deus que é soberano.

Nota

1 A expressão *Pie in the Sky* [torta no céu], usada por Joe Hill em 1911 na canção *The Preacher and the Slave* [o pregador e o escravo], é uma paródia ao hino *In the Sweet By and By*, do Exército da Salvação, que foi incorporado à Harpa cristã sob o título *O dia do triunfo de Jesus*, hino 48. A canção de Joe Hill caçoa da promessa do céu, que, para ele, é uma ilusão, negação da realidade, ou tentativa de fuga do sofrimento na terra.
(Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/The_Preacher_and_the_Slave)

CAPÍTULO 12

SANTO, SANTO, SANTO



> Do ponto de vista da revelação, a primeira coisa que tem de ser considerada sobre Deus é Sua soberania. Mas, esse primeiro atributo está ligado com um segundo. Na verdade, ambos estão tão próximos que poderíamos até mesmo perguntar se o segundo não deveria ter vindo primeiro: Deus é Aquele que é Santo. (BRUNNER, 1950, p. 157)

Essas palavras do notável teólogo suíço Emil Brunner refletem a importância da santidade de Deus. A própria Bíblia com diligência confirma a visão de Brunner, já que nela Deus é inúmeras vezes chamado de Santo. Este é o epíteto mais frequente relacionado ao Seu nome. Também lemos que só o Senhor é santo.

> *Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos.*
>
> Apocalipse 15.4

Em Êxodo 15.11 está escrito que Deus é glorioso em santidade:

> *Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em louvores, operando maravilhas?*

A santidade de Deus é celebrada sem cessar pelos serafins diante de Seu trono. Isaías os ouviu cantar:

> *E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.*
>
> Isaías 6.3

O apóstolo João ouviu os quatro seres no meio e ao redor do trono do Senhor dizerem: *Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir* (Ap 4.8).

O povo de Deus também é chamado a conclamar louvores a Ele: *Cantai ao SENHOR, vós que sois seus santos, e celebrai a memória da sua santidade* (Sl 30.4). Por causa disso, a Igreja ora: *santificado seja o teu nome* (Mt 6.9c).

SEPARADO

Declarar que a santidade é um atributo importante não é afirmar que o entendemos. De todos os atributos de Deus, esse é o mais mal interpretado. Pensar nele com base em concepções humanas é um equívoco. Imaginamos que a santidade ou retidão é algo que possa ser graduado para mais ou para menos. Por exemplo, quando olhamos ao nosso redor, vemos homens que se encontram num nível muito baixo nessa escala: criminosos, pervertidos, entre outros.

Se adotássemos uma pontuação para classificar o grau de retidão, e o seu máximo fosse 100, poderíamos concluir que tais pessoas merecem menos que 10. Acima delas se enquadram os indivíduos medianos de nossa sociedade, pontuados entre 30 ou 40. Depois estão as pessoas muito boas, os juízes, filantropos e outros humanitários; podemos imaginar que seriam avaliados entre 60 e 70. Logo, se considerarmos 100 pontos ou mais, chegamos à bondade de Deus.

Muitas pessoas concebem algo assim quando pensam sobre a santidade de Deus. Para elas, trata-se apenas de um aperfeiçoamento da boa índole do ser humano. Todavia, de acordo com a Bíblia, a santidade divina não pode ser colocada na mesma categoria que a benignidade do homem.

Constatamos a veracidade do conceito bíblico quando estudamos um texto como Romanos 10.3, no qual o apóstolo Paulo escreveu sobre dois tipos de justiça. Ele declarou sobre Israel: *Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.*

Esse versículo distingue com clareza a justiça de Deus da nossa justiça. Assim, mesmo que pudéssemos reunir toda a justiça que os homens são capazes de exercer, ela sequer se aproximaria da justiça divina, que se enquadra em uma categoria diferente.

O que queremos mostrar sobre a santidade de Deus? Para responder a essa questão, não devemos começar pela ética. Ela está envolvida, como veremos. Contudo, em seu sentido original, *santo* não é um conceito ético. Na verdade, é um atributo que define a própria natureza de Deus e o que o distingue de tudo o mais. É o que separa Deus de Sua criação. Tem a ver com Sua transcendência.

O significado fundamental da palavra *santo* é preservado no significado da palavra *santificar*, que é idêntica a ela. Todavia, o sentido do radical de *santo* e *santificar* é o mesmo.

De acordo com o conceito bíblico, um santo não é uma pessoa que atingiu certo nível de bondade, porém alguém separado por Deus. Santos são os chamados que compõem a Igreja. A mesma ideia está presente quando, em Êxodo 40, a Bíblia se refere à santificação dos objetos.

Nesse capítulo de Êxodo, Moisés é instruído a santificar o altar e a pia no meio do tabernáculo. O capítulo não menciona nenhuma mudança na natureza das pedras, elas não se tornam justas. Apenas indica que os objetos deveriam ser separados para um uso especial. De forma semelhante, Jesus orou declarando: *E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade* (Jo 17.19).

O versículo de João não quer mostrar que Jesus se fez mais justo, pois Ele já o era, mas que Ele se separou para uma tarefa especial: trazer a salvação à humanidade por Sua morte.

A santidade é a característica de Deus que o distingue das coisas e seres criados. Sendo assim, ela engloba pelo menos quatro elementos.

O primeiro é a *majestade*. Majestade implica honra, dignidade, autoridade e poder soberano, bem como imponência ou grandiosidade. É a característica própria aos monarcas e, é claro, é o atributo supremo daquele que é monarca sobre todos. A majestade é o elemento dominante nas visões de Deus em Sua glória, vistas tanto no Antigo Testamento como no Novo. O elemento da majestade liga a ideia de santidade à soberania.

Um segundo elemento na ideia de santidade é a *vontade soberana*, o que implica personalidade. Sem isso, a ideia de santidade se torna abstrata, impessoal, é estática, em vez de concreta, pessoal e ativa.

Além disso, se perguntarmos em que a vontade de Deus predomina, a resposta é que

ela está estabelecida em proclamar Ele mesmo como o *totalmente Outro*[1], cuja glória não deve de forma alguma ser diminuída por causa da arrogância e da rebelião deliberada do homem. No elemento da vontade a ideia de santidade se aproxima bem do ciúme de Deus, que o homem moderno acha tão repugnante.

Eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso.[2]
Êxodo 20.5

Bem entendida, a ideia de *ciúme* é central em qualquer conceito verdadeiro sobre Deus. É como Brunner ressaltou na analogia ao ciúme apropriado dentro do casamento. Uma pessoa casada não deve permitir que uma terceira pessoa entre em seu relacionamento íntimo. De forma semelhante, Deus rejeita qualquer ataque a Seus direitos exclusivos como Senhor da criação.

> A santidade de Deus é, portanto, não apenas uma diferença absoluta de natureza, porém é uma autodiferenciação ativa, a energia volitiva com a qual Deus assevera e sustenta o fato de que Ele é o *Totalmente Outro* contra tudo o mais. A incondicionalidade dessa diferença se torna sem restrições de Sua santa vontade, que é suprema e única. (BRUNNER, 1950, p. 160)

Em termos mais simples, a santidade de Deus significa que Deus não é indiferente como o homem o considera. Ele não segue um caminho solitário sem prestar atenção à rejeição das pessoas a Ele. Em vez disso, o Senhor delibera e age para que Sua glória seja reconhecida. O reconhecimento vem na hora, em cada caso individual, ou se realizará para cada um no dia do julgamento de Deus.

Um terceiro elemento na ideia de santidade é a *ira*, que é uma parte essencial da santidade de Deus, porém não devemos compará-la a uma reação emocional, uma reação que em geral consideramos como raiva. A ira de Deus não é de jeito nenhum igual a qualquer emoção que conhecemos na experiência humana.

Ela é, na verdade, um exemplo necessário e apropriado do Deus santo a tudo que se opõe a Ele. Significa que o Senhor leva a sério a questão de ser Deus, tão a sério que Ele não permitirá que qualquer coisa ou pessoa almeje Seu lugar.

Quando Satanás buscou isso, foi julgado e será julgado ainda. Quando o homem se recusa a ocupar o lugar que Deus designou para ele, ele também será julgado.

Um elemento final na ideia de santidade é um que mencionamos antes: *justiça*. A justiça está envolvida na santidade não porque é a melhor categoria pela qual a santidade pode ser compreendida, porque, ao falar sobre a vontade de Deus, de imediato começamos a ver que o que Deus requer é justiça e santidade em seu sentido ético.

Em outras palavras, quando perguntamos o que é certo, o que é moral, respondemos à questão não apelando para algum padrão moral independente, como se pudesse haver um padrão para qualquer coisa separado de Deus, e sim apelando para a vontade e natureza do próprio Deus. O certo é o que Deus é e revela para nós.

A natureza de Deus é um fundamento essencial para qualquer moralidade verdadeira e que perdura. Como consequência, onde Deus não é reconhecido, não importa o quanto se fale sobre a moralidade, pois ela declina, como tem sido na civilização ocidental contemporânea. É o desejo de obedecer a Deus que em última instância torna o comportamento ético possível.

O TABERNÁCULO

Temos uma dramatização da santidade de Deus nas leis dadas na construção do tabernáculo judeu. Sob um aspecto, o tabernáculo foi construído para ensinar a imanência de Deus, a verdade de que Deus está sempre presente

com Seu povo. No entanto, por outro lado, ele também ensinou que Deus é separado de Seu povo por causa de Sua santidade e dos pecados do povo, e só pode ser abordado da maneira como Ele determina.

Não devemos pensar que o povo judeu tinha uma maior compreensão da vontade de Deus do que nós, pois não tinha. Era necessário para Deus ensiná-lo sobre isso. O ponto principal do tabernáculo era que um homem pecador não poderia entrar sem pedir licença Àquele que é Santo.

Entendia-se que Deus simbolicamente habitava na câmara mais interior do tabernáculo, conhecida como o Santo dos Santos. As pessoas não podiam entrar lá. Um grego poderia entrar em qualquer um dos templos da Grécia e rezar diante de um deus ou deusa pagãos. Um romano poderia entrar em qualquer um dos templos de Roma. No entanto, um judeu não poderia entrar no Santo dos Santos.

Na verdade, só uma pessoa poderia entrar; essa pessoa era o sumo sacerdote de Israel; e mesmo ele só podia entrar uma vez por ano e apenas após ter feito sacrifícios por ele mesmo e pelas pessoas no pátio exterior. O Santo dos Santos, a câmara mais interior do tabernáculo, era separado do Lugar Santo, a câmara exterior do tabernáculo, por um espesso véu.

Aquilo não era tudo. Assim como havia um véu entre o Santo dos Santos e o Lugar Santo, que dividia aquelas duas câmaras dentro do tabernáculo, havia também outro véu espesso separando o Lugar Santo do pátio anterior. E também havia um terceiro véu fechando a entrada do pátio do circundante arraial dos israelitas.

O significado da palavra *véu* é *separar*, e posterior *esconder*. Assim, o significado dos véus foi que Deus, embora tivesse escolhido habitar com Seu povo, estava, não obstante, separado ou escondido dele por causa de Sua santidade e do pecado do povo. A comunhão com Deus só acontecia dentro do Santo dos Santos.

No entanto, a fim de entrar, três cortinas deveriam ser atravessadas, cada uma contribuindo com o enorme abismo que existia entre Deus e a humanidade: primeiro, a cortina entre o arraial e o pátio; segundo, a que cobria a entrada do Lugar Santo; terceiro, a cortina separando o Lugar Santo da câmara mais interior.

Da mesma forma, a fim de entrar no Santo dos Santos, o sumo sacerdote tinha de realizar um sacrifício no altar de bronze do pátio, lavar-se na pia do pátio, e então passar pelo Lugar Santo à luz do castiçal de ouro de sete braços e por meio do incenso que estava sempre queimando sobre um altar dentro daquela sala.

O que aconteceria se um homem ignorasse essas barreiras? A resposta é que ele seria de imediato consumido, como alguns que entraram lá. A ira de Deus se inflamaria contra aquele pecado que tencionava daquela forma invadir ou comprometer Sua santidade. Ao reconhecer a santidade de Deus, começamos a entender um pouco do pecado humano e da necessidade da morte propiciatória de Cristo na cruz.

Atração e terror

A santidade de Deus é outro atributo que o faz indesejável e até mesmo ameaçador para muitos. Já ressaltamos que os homens não gostam da soberania de Deus porque ela lhes parece uma ameaça ao seu desejo por autonomia. Eles não gostam de um Deus soberano e agradável. Reações negativas são ainda mais aparentes em relação à santidade divina.

Aqui somos assistidos com profundidade por uma cuidadosa análise da ideia de *sagrado* pelo teólogo alemão Rudolf Otto. Ele escreveu um livro que em alemão se chama *Das Heilige*, e, em inglês, *The Idea of the Holy* [A ideia do sagrado], no qual busca entender a

natureza específica, não racional ou super-racional da experiência religiosa a partir de uma perspectiva fenomenológica. Otto chama o elemento super-racional de *o numinoso*[3] ou *o sagrado*.

Há muita diferença entre o *numinoso* ou *sagrado* como um conceito abstrato nas religiões não cristãs e o sagrado como pessoal dentro do judaísmo e do cristianismo. Todavia, quanto a isso, a análise ajuda muito, pois mostra que os homens acham o Deus verdadeiro ameaçador.

Em sua análise, o autor distingue três elementos no sagrado. O primeiro é ser tremendo, pelo que queremos afirmar *aquilo que faz tremer em profundidade*. Usamos a palavra *tremendo* para significar muito ruim ou terrível, essa é uma ideia diferente. O elemento tremendo do sagrado é que é tão estarrecedor que produz medo ou tremor no adorador. O segundo elemento é a majestade.

O poder supremo e majestoso inevitavelmente engendra uma sensação de impotência e de total debilidade no adorador. O elemento final é a energia, pela qual Rudolf Otto fala do elemento dinâmico presente no encontro.

O ponto é que a experiência de confrontar o sagrado é suprema e ameaçadora. O adorador é atraído pelo sagrado, todavia ao mesmo tempo é aterrorizado por ele. A energia admirável e dominadora do sagrado ameaça destruí-lo.

Devemos também observar que encontramos o mesmo fenômeno na Bíblia, embora a Escritura o explique, já que não cristãos não o fazem. O relato de Jó é um exemplo. Jó havia sofrido a perda de suas posses, família e saúde.

Quando seus amigos foram convencê-lo de que sua perda era por causa de algum pecado, admitido ou escondido, Jó, resoluto, defendia-se das acusações deles. Jó estava certo ao fazê-lo, pois estava sofrendo sendo um homem justo.

> *Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero, e reto, e temente a Deus, e desviando-se do mal.*
>
> Jó 1.8

É óbvio, se alguém pudesse ter ficado diante da santidade de Deus, esse seria Jó. Chegando ao final do livro, após Deus ter colocado para Jó uma série de questões e declarações planejadas para ensinar um pouco da Sua verdadeira majestade àquele servo sofredor, Jó ficou quase sem fala e em situação de colapso. Ele respondeu a Deus:

> *Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.*
>
> Jó 40.4; 42.6

Vemos o mesmo fenômeno em Isaías, que recebeu uma visão do Senhor *assentado sobre um alto e sublime trono*. Ele ouviu o louvor dos serafins. No entanto, o efeito da visão sobre Isaías, longe de ser uma causa de autossatisfação ou orgulho de que tal visão tivesse sido concedida a ele, na verdade foi devastador. Ele respondeu:

> *Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o rei, o SENHOR dos Exércitos!*
>
> Isaías 6.5

Isaías se viu como arruinado ou inacabado. Só quando uma brasa viva foi tirada do altar e usada para purificar seus lábios ele foi capaz de colocar-se de pé de novo e responder de forma afirmativa ao chamado para o serviço de Deus.

Habacuque também teve uma visão de Deus. Ele havia ficado angustiado com a

impiedade do mundo ao seu redor e perguntara a si mesmo como o ímpio poderia de certo triunfar sobre a pessoa que era mais justa. O profeta então entrou em sua torre de vigia e esperou pela resposta de Deus. Quando Deus respondeu, Habacuque foi dominado pelo medo.

> *Ouvindo-o eu, o meu ventre se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e estremeci dentro de mim.*
>
> Habacuque 3.16

Habacuque era um profeta. No entanto, mesmo assim, um confronto com Deus era estarrecedor.

De forma semelhante, embora a glória de Deus estivesse velada na pessoa de Jesus Cristo, de vez em quando aqueles que eram Seus discípulos percebiam de maneira sutil quem Ele era, e tinham reações semelhantes.

Assim, após Pedro ter reconhecido a glória de Deus no milagre de Cristo ao conceder uma grande pesca na Galileia, Pedro respondeu: *Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador* (Lc 5.8c).

Quando o apóstolo João recebeu a revelação da glória de Cristo, vendo o Senhor ressurreto de pé em meio aos sete castiçais de ouro, ele caiu aos pés dele como morto e levantou-se apenas depois que o Senhor o tocara e lhe dera a comissão de escrever o livro de Apocalipse. João só pôde ficar diante do Senhor após ter experimentado algo como uma ressurreição.

É isso que significa estar face a face com o sagrado. Não é uma experiência agradável. É profunda e ameaçadora, pois o sagrado não pode coexistir no mesmo espaço com o que não é santo. Deus deve destruir o que não é santo ou purificar o pecado.

Além disso, se é verdade para aqueles que Deus escolheu para serem profetas e que Ele até mesmo chama de *justos*, como seria para aqueles que antagonizam com Deus? Para eles, a experiência seria esmagadora.

Como resultado eles resistem, tentam fazer pouco ou fugir de Deus.

Tozer escreveu:

> O choque moral sofrido por nós por meio do forte rompimento com o desejo superior do céu nos deixou com um trauma permanente que afeta todas as partes de nossa natureza. (Tozer, 1961, p. 110)

Ele está certo. Como consequência, os homens não irão a Deus, e aquilo que deveria ser a sua grande alegria é detestável para eles.

Um povo santo

Então o que faremos, nós que somos pecadores e que ainda assim somos confrontados pelo Deus santo? Vamos continuar nosso caminho? Fazer o melhor que pudermos? Virar as costas ao Sagrado? Se não fosse pelo fato de que Deus escolheu fazer alguma coisa por nossa difícil situação, seria tudo o que poderíamos fazer.

A glória do cristianismo é a mensagem de que o santo Deus fez o que precisava ser feito para nos salvar. Ele preparou para nós um caminho de acesso — o Senhor Jesus Cristo — à Sua presença. Como resultado, o que não é santo é santificado e recebe permissão para habitar com o Eterno.

Aqui podemos voltar à ilustração proporcionada pelo tabernáculo no deserto. O tabernáculo foi planejado para ensinar sobre o grande abismo que existia entre o homem em sua santidade e a humanidade em seu pecado.

Todavia, também ensinava o caminho por meio do qual o abismo poderia ser atravessado. Nos tempos do Antigo Testamento esse caminho era simbólico. Era pelo sacrifício de animais que o pecado das pessoas era transferido para a vítima inocente, que então morria no local de adoração. Por isso se exigia do

sumo sacerdote que realizasse primeiro um sacrifício por si mesmo e depois pelo povo, antes que ele pudesse entrar no Santo dos Santos no Dia da Expiação.

Embora o simbolismo fosse importante e vívido, não era a morte dos animais, não importa quantos, que purificava dos pecados. A verdadeira e única expiação estava para ser providenciada pelo Senhor Jesus Cristo, como o verdadeiro Cordeiro de Deus, morto no lugar de pecadores.

Além disso, não foram apenas os sacrifícios que prefiguraram Sua obra. Estava em cada parte do tabernáculo, o altar, a pia, o castiçal, o incenso, o pão da proposição dentro do Lugar Santo e tudo o mais.

Em outras palavras, Jesus Cristo é aquele pelo qual somos lavados do pecado; Ele é a luz do mundo, o pão da vida; Ele é a base da adoração por meio da oração, assim como o nosso sacrifício suficiente e definitivo.

E Cristo é verdadeiro e suficiente. No momento em que Ele levou sobre si nosso pecado e foi separado da presença do Pai em nosso lugar, o próprio Deus rasgou o véu do templo em dois, de cima a baixo, assim indicando que o caminho para Sua presença, para o Santo dos Santos, estava agora aberto a todos que iriam a Ele pela fé em Cristo, como Ele exige.

Nunca seremos santos no sentido do *Totalmente Outro*, como Ele é. Mas somos primeiro separados para Ele por Jesus Cristo, como Seus santos, e depois santificados de maneira prática e cada vez maior à medida que a natureza dele transforma nosso ser.

Haverá várias consequências para aqueles que chegam ao conhecimento do sagrado. Primeiro, aprenderão a odiar o pecado. Não odiamos o pecado com naturalidade. De fato, o contrário é verdade. Em geral amamos o pecado e relutamos em abandoná-lo. No entanto, precisamos aprender a odiar o pecado, senão aprenderemos a odiar Deus, que exige uma vida santa daqueles que são seguidores de Cristo.

Vemos uma grande tensão durante a vida do Senhor Jesus Cristo. Alguns viram a santidade dele, vieram a odiar o pecado e tornaram-se Seus seguidores. Outros o viram, vieram a odiá-lo e, por fim, crucificaram-no.

Segundo, aqueles que chegaram ao conhecimento do Santo pela fé em Jesus Cristo aprenderão a amar a justiça e a lutar por ela. Tais pessoas com frequência precisam de exortação.

O apóstolo Pedro escreveu a estas em sua época mostrando o seguinte:

> *Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.*
>
> 1 Pedro 1.15,16

O versículo não declara: "Sejam santos *como* eu sou santo". Nenhum de nós poderia fazer isso. Não podemos ser santos no mesmo sentido em que Deus o é. Todavia, podemos ser santos no sentido de uma caminhada justa e reta diante dele.

Terceiro, precisamos aguardar pelo dia em que Deus será plenamente conhecido em Sua santidade pelos homens, e poderemos regozijar-nos em antecipação àquele dia. Se não tivéssemos conhecido Deus pela fé em Cristo, aquele dia seria terrível. Significaria a exposição do nosso pecado e nosso julgamento.

Ao chegar, significará na verdade a finalização de nossa salvação para que possamos ser feitos como Jesus. Seremos como Ele, em santidade e em todas as outras formas: *seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos* (1 Jo 3.2d).

Notas

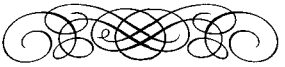
1 De acordo com Karl Barth, o homem nada pode saber e dizer a respeito de Deus por si mesmo. A pessoa que pretende falar de Deus a partir de seus sentimentos e seu raciocínio está na verdade falando de um ídolo. O verdadeiro Deus é *totalmente Outro* em relação ao ser humano, em tudo o que Ele pensa, sente, deseja, elabora e compreende. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_de_Karl_Barth)

2 A maioria das traduções da Bíblia em português emprega a palavra *zelo* no lugar da palavra *ciúme*, que é a tradução literal de *jealous*.

3 Rudolf Otto trabalha em seu livro o sagrado em direção ao aspecto não racional, sem deixar de lado os aspectos do racional, já que sua intenção é fazer uma interação entre o não racional e o racional. Para identificar o sagrado no seu aspecto não racional, ele cunha a palavra *numinoso*. (In: OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do Elemento não racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. Trad. Prócoro Velasquez Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.)

CAPÍTULO 13

O Deus onisciente



O atributo divino da *onisciência*, termo teológico próprio para definir o conhecimento de Deus sobre todas as coisas, é o que caracteriza Sua perfeição. A onisciência envolve não apenas o conhecimento de Deus sobre nós, mas também Seu conhecimento sobre a natureza, o passado, o presente e o futuro. Envolve tudo que podemos imaginar e muito mais. É um conhecimento que o Senhor tem e sempre terá.

Na verdade, se analisarmos o conhecimento divino em sua totalidade, perceberemos que Deus nunca aprendeu nada e não tem necessidade de aprender, pois já sabe e sempre soube de tudo.

A onisciência de Deus é mencionada no questionamento de Isaías a uma nação rebelde:

> *Quem guiou o Espírito do SENHOR? E que conselheiro o ensinou? Com quem tomou conselho, para que lhe desse entendimento, e lhe mostrasse as veredas do juízo, e lhe ensinasse sabedoria, e lhe fizesse notório o caminho da ciência?*
>
> Isaías 40.13,14

A resposta clara é: ninguém. Deus é infinito e está acima de Sua criação em todo o conhecimento e compreensão. De forma semelhante, o próprio Senhor falou a Jó de um redemoinho:

> *Quem é este que escurece o conselho com palavras sem conhecimento? Agora cinge os teus lombos como homem; e perguntar-te-ei, e, tu, responde-me. Onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?*
>
> Jó 38.2-7

Mais uma vez, a resposta é que, comparado ao conhecimento de Deus, que é perfeito, o conhecimento humano é quase nulo. O conhecimento do Senhor alcança o mais íntimo conhecimento do indivíduo: *Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos!* (Is 66.18).

Davi declarou:

> *SENHOR, tu me sondaste e me conheces. Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar; e conheces todos os meus caminhos. Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó SENHOR, tudo conheces.*
>
> Salmo 139.1-4

O autor de Hebreus escreveu: *E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar* (Hb 4.13).

A "ameaça" da onisciência

Poderíamos pensar que a onisciência de Deus é confortante para nós em nosso estado natural, pois a crença de que existe um conhecimento perfeito, embora não o detenhamos, deveria tornar o mundo menos ameaçador. Na realidade, o contrário é o que ocorre.

Reconhecer que há um Deus que sabe tudo sobre todas as coisas é também reconhecer que tal Deus nos conhece. E porque não queremos que certas coisas sobre nós sejam conhecidas, nós as escondemos — não apenas dos outros, mas também de nós mesmos. Um Deus que nos conhece por completo é perturbador.

Arthur W. Pink, em *Atributos de Deus,* afirmou que a ideia da onisciência divina "enche-nos de inquietação"(Pink, p.13). A. W. Tozer, em *Conhecimento do sagrado*, ponderou:

> Na divina onisciência vemos demonstrados contra cada um o terror e a fascinação da divindade. Que Deus conhece cada pessoa em sua plenitude pode ser a causa do grande medo do homem que tem algo a esconder — algum pecado oculto ou crime secreto cometido contra o homem ou contra Deus. (Tozer, 1961, p. 63)

Tozer está falando da humanidade, portanto de nós. Todos se rebelaram contra Deus, por isso temem a exposição.

Ninguém documentou nosso medo de sermos expostos com mais cuidado do que R. C. Sproul em *The Psychology of Atheism* [A psicologia do ateísmo]. O autor dedicou um capítulo ao tema *God and Nakedness* [Deus e a nudez] e analisou o medo que o homem moderno tem de ser revelado, primeiro a outros, depois a Deus.

O primeiro objeto de sua análise é Jean-Paul Sartre, filósofo francês, escritor e crítico. Sartre falou do medo de estar sob o olhar de alguém. Não nos importamos em fixar o olhar em alguém, por exemplo. Contudo, no momento em que temos consciência de que alguém está olhando para nós, ficamos com vergonha, confusos e amedrontados, e nosso comportamento se altera. Odiamos a experiência e fazemos qualquer coisa para evitá-la. Se não podemos evitá-la, a experiência se torna intolerável.

No que é talvez o trabalho mais conhecido de Sartre, a peça *Entre quatro paredes*, quatro personagens estão confinados em um quarto sem nada para fazer a não ser falar e olhar uns para os outros. É um símbolo do inferno. Nas linhas finais da peça, isso se torna bem claro quando Garcin fica em pé próximo à lareira afagando o busto de bronze e declara:

> Pois bem, é agora! O bronze aí está; eu o contemplo e compreendo que estou no inferno. Digo a vocês que tudo estava previsto. Eles previram que eu pararia em frente a este bronze, tocando-o, com todos esses olhares sobre mim, todos esses olhares que me comem! *(Volta-se bruscamente).* Ah, vocês são só duas? Pensei que fossem muitas, muitas mais! *(Ri).* Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei [...] Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha [...]. Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno [...]. O inferno é os outros! (Sartre, 1949, p. 47)

As instruções finais de palco são para os personagens caírem sentados, cada qual sobre um sofá, deixarem de rir e entreolharem-se.

Na filosofia de Sartre esse medo de estar sob o olhar do outro é a razão para pôr Deus de lado, pois debaixo do olhar de Deus somos reduzidos a objetos, e nossa humanidade é destruída. O ponto de interesse aqui, entretanto, é o medo da exposição. De onde ele vem, senão de uma culpa real e merecida

resultante de nossa rebelião contra o único santo e soberano Deus do universo?

A seguir Sproul analisa a obra *Linguagem corporal*, de Julius Fast. Esse livro é um estudo de como os seres humanos comunicam-se de forma não verbal por várias posições corporais, gestos, ao balançar a cabeça, levantar as sobrancelhas, e assim por diante.

Fast ressalta que alguém pode encarar um objeto por um longo período. Alguém pode encarar animais. Mas, o olhar fixo para outra pessoa é um comportamento social inaceitável porque, se o olhar for mantido por muito tempo, provoca embaraço, hostilidade, ou os dois. O fato é que temos portas, cortinas nas janelas, roupas e cortina no chuveiro, para demonstrar nosso desejo e nossa necessidade de privacidade.

O terceiro objeto de análise de Sproul é o livro *O macaco nu*, outra obra popular, de Desmond Morris. Sproul afirma que o livro é uma visão singular do ser humano. Ele ressalta que o macaco nu é, óbvio, o ser humano. O título do livro e seu conteúdo realçam a singularidade do homem em sua nudez. Para o autor, seríamos animais nus, sem pelos para cobrir-nos, entretanto temos vergonha em nossa nudez e buscamos esconder-nos do olhar de outras pessoas.

Sproul, no quarto objeto de seu estudo, menciona o filósofo e escritor dinamarquês Søren Kierkegaard, observando que ele:

> É um crítico aguçado da pessoa que vive totalmente no plano estético ou espectador da vida, funcionando dentro do contexto de um encobrimento com máscaras, enquanto ele mesmo preservou uma ilha de encobrimento para si e para todos os homens. Ele sabia que a solidão permite um lugar secreto que é necessário para o sujeito. (SPROUL, 1974, p. 114-116)

O que emerge dessas expressões modernas é uma estranha ambivalência. Por um lado, o homem anseia por ser conhecido. Prova disso é a popularidade dos grupos de encontro, da psiquiatria, dos *talk-shows* e dos filmes para adultos. Contudo, de maneira muito mais profunda o homem teme tal exposição, pois tem vergonha do que está para ser visto por outras pessoas e por Deus. Com os outros sempre há formas de conseguir um disfarce. Usamos roupas, por exemplo.

No âmbito psicológico, vigiamos o que dizemos para que só aquelas coisas sobre nós que desejamos que se tornem públicas sejam conhecidas. Às vezes, usamos uma fachada. No entanto, o que podemos fazer em relação a Deus, diante de quem todos os corações estão abertos, todos os desejos são conhecidos? Não há nada que possamos fazer, pois isso é a onisciência de Deus, bem como Sua soberania e santidade, que produzem ansiedade e causam medo ao ser humano decaído.

COBERTOS POR TRAJES DE JUSTIÇA

O temor da onisciência de Deus é normal para os cristãos. No entanto, antes de vermos o que isso significa para eles, precisamos determinar por que esse atributo divino deixou de causar medo. Nesse ponto, a experiência de Adão e Eva é esclarecedora. Adão e Eva pecaram; quando o fizeram, reconheceram que estavam nus. Até então, eles estiveram nus no sentido puramente físico. Contudo, como ainda não haviam pecado, não se envergonhavam (Gn 2.25).

Depois que desobedeceram ao Senhor, sua nudez se tornou algo mais do que apenas físico; tornou-se uma nudez psicológica, ligada à sua culpa moral. O casal passou a apresentar-se culpado diante um do outro e também de Deus.

O que aconteceu? Deus veio passeando pelo jardim para confrontá-los em sua nudez. Ele expôs o pecado de Adão e Eva, pois o pecado não pode ficar escondido em Sua presença. Contudo, o Senhor fez algo tremendo:

Ele os vestiu com túnicas de peles de animais que Ele mesmo sacrificou.

Essa é a mensagem do cristianismo: que não podemos ser conhecidos e estar vestidos ao mesmo tempo. Todavia, estar vestido não significa lançar mão de "peles de animais". A vestimenta de Adão e Eva era apenas um símbolo do que estava por vir para todos quando Deus enviasse Jesus Cristo, o qual morreria carregando nossos pecados e, assim, removendo nossa culpa.

Na base de Seu perfeito e propiciatório sacrifício, Deus "vestiria" com Sua própria justiça todos que cressem em Cristo. Por causa da obra de Jesus, Deus não nos olha mais como pecadores, e sim como aqueles que se tornaram justificados por Seu Filho unigênito. Agora podemos colocar-nos diante dele ao invés de esconder-nos, não porque o Senhor não conhece o nosso pecado ou não se importa com ele, mas porque sabe de tudo e já lidou com o pecado de modo definitivo.

Agora podemos declarar como Isaías:

> *Regozijar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegra no meu Deus, porque me vestiu de vestes de salvação, me cobriu com o manto de justiça, como um noivo que se adorna com atavios e como noiva que se enfeita com as suas jóias.*
>
> Isaías 61.10

Razões para alegrar-se

A onisciência de Deus é causa de desconforto e mesmo de medo para aqueles que não tiveram seus pecados cobertos pela justiça de Cristo. Todavia, por três razões Sua onisciência é uma grande bênção e um motivo de alegria entre os cristãos.

Primeiro, porque Deus sabe de todas as coisas, Ele conhece o pior de nós e ainda assim nos amou e salvou. Em nossos relacionamentos, com frequência tememos que algo em nós possa vir à luz para nos separar das pessoas. Se não é assim, por que somos tão cuidadosos em mostrar nosso melhor aos outros? Entretanto, Deus já conhece o pior de nós e mesmo assim continua a demonstrar Seu amor. *Ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó* (Sl 103.14).

Não precisamos temer que algo dentro de nós surja e surpreenda Deus, que algum esqueleto saia de nosso armário para expor nosso passado constrangedor, ou que algum informante fale com clareza contra nós, para nos envergonhar. Não pode acontecer nada que já não seja conhecido por Deus.

Donald Barnhouse relaciona o senso de segurança ao ministério do Espírito Santo em nós.

> Confortemo-nos de que o Espírito Santo não habita em nós como um espião, a fim de descobrir nossas fraquezas e contá-las a Deus para nossa condenação. O Espírito Santo sabe que Cristo foi condenado em nosso lugar, e veio habitar em nós como "contador" e "caixa do banco" de Deus, para sempre nos lembrar de nosso saldo de crédito, e dar-nos os frutos de nossa herança, a fim de que possamos viver no triunfo que Ele adquiriu para nós. (Barnhouse, 1963, p. 145-146)

A segunda razão por que a onisciência de Deus é uma grande bênção é porque o Senhor não apenas conhece o pior de nós, como também conhece o melhor, mesmo que esse melhor não seja conhecido por nenhuma outra pessoa. Há momentos em que agimos muito bem em alguma situação e ainda assim achamos que passamos despercebidos; ou fazemos o melhor possível, mas falhamos, pois nosso ato é mal interpretado.

Às vezes as coisas acontecem de uma forma que não planejamos, daí as pessoas questionam (mesmo nossos amigos): "Como o fulano pode fazer uma coisa dessas? Eu tinha um conceito muito melhor dele". Elas não

sabem da situação nem conhecem nosso coração. Mostram-se críticas, e nada que fazemos ou dizemos parece mudar a opinião delas.

E então? Há conforto em saber que Deus, que sabe de todas as coisas, também nos conhece e sabe que na realidade demos o melhor de que fomos capazes. O Senhor não nos julga nem nos condena.

Um pai está ensinando sua filha de um ano a andar. Ela está tentando, mas cai. Ele a coloca de pé, e ela cai de novo. Ele se zanga, grita e esbraveja: "Você é uma criança burra! Eu sou um professor bom, porém você não está aprendendo!". Quando ela cai pela terceira vez, ele bate nela por causa disso. É óbvio que faríamos uma ideia ruim de um pai desse tipo.

Por outro lado, veríamos com bons olhos um pai que afirmasse: "Não se preocupe com isso. Você caiu, mas um dia vai andar. Sei que você está fazendo o melhor que pode". Nosso Deus é como este segundo pai. Ele conhece nossas fraquezas e pecados, no entanto também reconhece quando estamos tentando, e Ele é paciente.

A terceira razão por que a onisciência divina é uma bênção é porque Deus sabe o que vai fazer conosco, isto é, Ele estabeleceu o propósito para o qual fomos criados, e com certeza nos conduzirá ao cumprimento de nosso desígnio em seu devido tempo.

Esse objetivo está descrito em Romanos 8.29. A maioria dos cristãos conhece o versículo anterior. É uma promessa reconfortante:

> *E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto.*

No entanto, é uma pena que poucos tenham tentado aprender o versículo seguinte, porque ele mostra qual é o *decreto* mencionado no versículo 28:

> *Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.*

Deus está determinado a tornar-nos como Jesus Cristo. Esse é o Seu propósito com a redenção, e foi nesse contexto que Romanos 8.28 foi escrito. A redenção começa com o pré-conhecimento eletivo de Deus de Seu próprio povo, Sua predestinação para que seja conformado à imagem de Cristo. Além disso, a redenção inclui o chamado desses eleitos por Deus para a salvação, a justificação pela obra de Cristo e, por fim, a glorificação, como resultado de que os propósitos do Senhor para eles são totalmente atingidos.

Por vezes, ficamos desanimados na vida cristã, e por boas razões. Damos um passo à frente e recuamos meio. Somos bem-sucedidos uma vez, porém depois falhamos duas vezes. Vencemos a tentação, mas também caímos em muitas outras e várias vezes. Declaramos: "Não estou progredindo nem um pouco. Estou sendo pior este ano do que ano passado. Deus deve estar desanimado comigo". No entanto, Deus não desiste de nós.

Esse é o ponto. Deus sabe de tudo. Por isso, ainda que seja verdade que Ele tem total conhecimento de nossos fracassos e vitórias, ainda que as vitórias sejam poucas, o Senhor tem conhecimento de muito mais do que isso. Ele sabe o que seremos um dia, quando, pela Sua graça, ficarmos semelhantes à imagem de Jesus Cristo. Isso é certo. Portanto, devemos pôr nossa confiança nessa verdade, embora os desalentos sejam muitos.

Temos um grande destino; em vista disso, todas as realizações pomposas de nossa era e nossas realizações pessoais diminuem à quase insignificância.

Há outras áreas em que a onisciência de Deus afeta nossa vida. Se Deus é o Deus de todo o conhecimento, logo devemos ter consciência

da importância de conhecê-lo. Somos feitos à Sua imagem.

Isso significa que podemos aprender a pensar de acordo com a Palavra de Deus e compartilhar o conhecimento que Ele possui. Podemos ter o conhecimento verdadeiro, embora não no mesmo grau do conhecimento de Deus.

A hipocrisia é tolice. Talvez tentemos enganar os outros sobre quem realmente somos, e tenhamos êxito até certo ponto. No entanto, não conseguiremos enganar o Senhor.

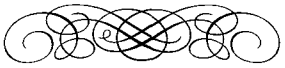
Sendo assim, quando estamos diante do Pai, com nossos pecados expostos, mas justificados por Cristo, ficamos perante qualquer um sem temer que nos conheça como somos de verdade. E podemos ter a ousadia de fazer o que é certo, mesmo que isso seja mal interpretado ou ridicularizado. Podemos ser pessoas de palavra porque Deus nos conhece. Não temos de fingir ser algo que não somos.

Por fim, tornamo-nos capazes de permanecer animados nas dificuldades. Jó passou por inúmeras tribulações, porém ainda assim declarou: *Mas ele sabe o meu caminho; prove-me, e sairei como o ouro* (Jó 23.10). Porque Deus sabe de tudo, os cristãos podem descansar. Podemos orar com confiança, pois temos certeza de que nenhuma oração, nenhum grito por socorro, nem mesmo um soluço ou lágrima escapam ao conhecimento daquele que vê com profundidade nosso coração.

Às vezes, talvez nem consigamos orar. No entanto, como está escrito em Isaías 65.24, *e será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei.* Tudo o que é preciso é que tiremos essas verdades da prateleira alta da teologia e as coloquemos para funcionar enquanto vivemos.

CAPÍTULO 14

O Deus que não muda



A imutabilidade de Deus está ligada à Sua eternidade, que foi analisada de forma resumida no capítulo nove, mas elas não são idênticas. A eternidade de Deus significa que Ele sempre existiu e sempre existirá; nada veio antes dele, nada depois. A imutabilidade do Senhor denota que Ele é sempre o mesmo em Seu ser eterno.

Podemos entender isso de imediato. Contudo, essa qualidade é a que separa o Criador até mesmo da mais superior de Suas criaturas. Deus é imutável, enquanto nenhuma outra parte de Sua criação o é. Tudo o que conhecemos muda. O mundo material muda, e não no sentido circular, como os gregos entendiam — de modo que todas as coisas no final voltam a ser o que eram —, mas sim no sentido de desgastar-se, como a ciência indica.

Por exemplo, elementos com elevados complexos e ativos, tais como materiais radioativos, decaem para menos ativos. Os recursos variados e abundantes da terra são extinguíveis. Espécies de vida podem tornar-se extintas, e muitas já se tornaram. De forma individual, homens e mulheres nascem, crescem, envelhecem e morrem. Nada que conhecemos dura para sempre.

Na humanidade, a mutabilidade se deve ao fato de que somos criaturas decaídas e estamos separados de Deus. A Bíblia fala dos ímpios como sendo *o mar bravo que se não pode aquietar* (Is 57.20). Judas fala deles como *nuvens sem água, levadas pelos ventos* (1.12c), e como *estrelas errantes* (1.13c), sem uma órbita certa.

Com certeza não há melhor lugar para demonstrar a dimensão moral da variabilidade humana do que na reação das pessoas ao Senhor Jesus Cristo. Em uma semana elas clamavam: *Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!* (Jo 12.13). Na semana seguinte, gritavam: *Crucifica-o! Crucifica-o!* (Lc 23.21b).

Não se pode confiar na natureza humana, todavia podemos confiar em Deus. Ele é imutável. Sua natureza é sempre a mesma. Sua vontade é invariável. Seus propósitos são seguros. Deus é o ponto fixo num universo conturbado e decaído para aqueles que em verdade o conhecem.

Após Tiago ter falado sobre o pecado e os erros humanos, ele também afirmou que *toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação* (Tg 1.17).

A mesma perspectiva é compartilhada pelo profeta Malaquias, que observa em um versículo que já se aproxima do final do Antigo Testamento: *Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos* (Ml 3.6).

Sem mudanças

Cada um dos versículos anteriores fala da imutabilidade de Deus na Sua essência. Sendo perfeito, Ele nunca fica diferente de si mesmo. Para um ser moral mudar, seria necessário mudar em uma ou duas direções. Ou a mudança é de alguma coisa pior para uma coisa melhor, ou de algo melhor para algo pior.

É evidente que Deus não pode mudar para melhor, porque isso significaria que outrora Ele havia sido imperfeito. Se estivéssemos falando sobre justiça, por exemplo, significaria que Ele não havia sido em Sua totalidade justo, e, por isso, teria sido pecador. Se estivéssemos falando sobre conhecimento, significaria que Ele não sabe de tudo, e seria ignorante.

Por outro lado, Deus não pode mudar para pior. Nesse caso, Ele se tornaria menos do que havia sido em algum momento, tornando-se pecaminoso ou imperfeito.

A imutabilidade de Deus, de acordo com a Escritura, não é a mesma coisa que a imutabilidade de *deus* descrita pelos filósofos gregos. No pensamento grego, a imutabilidade significava não apenas nunca mudar, porém também a falta de habilidade de ser afetado por qualquer coisa de alguma forma. A palavra grega para isso, a característica primária de *deus*, era *apatheia*, da qual deriva a palavra em português *apatia*, que significa indiferença.

Contudo, o termo grego vai além dessa ideia. Significa uma total inabilidade de sentir qualquer emoção. Os gregos acreditavam que *deus* tinha essa qualidade porque de outro modo teríamos poder sobre ele a ponto de poder fazê-lo sentir raiva, alegria ou pesar. Ele deixaria de ser absoluto e soberano.

Assim o *deus* dos filósofos, embora não das mitologias mais populares, seria solitário, isolado e sem compaixão.

Isso estabelece uma boa filosofia. Tem lógica. No entanto, não é o que Deus revela sobre si mesmo na Escritura, e devemos rejeitar tal filosofia, tão lógica quanto possa parecer. A Bíblia nos mostra que Deus é de fato imutável, porém Ele percebe e é afetado pela obediência, pelo empenho ou pelo pecado de Suas criaturas.

Brunner, em *Herdeiros de Deus*, escreveu:

> Se for verdade que realmente há tais coisas como a misericórdia de Deus e a ira de Deus, então Deus, também, é afetado pelo que acontece a Suas criaturas. Ele não é como aquela divindade do platonismo, que é despreocupada e que, portanto, não se comove com todas as coisas que acontecem na terra, mas segue sua vida no céu sem olhar ao seu redor, sem considerar o que está acontecendo aqui. Deus decidiu "olhar ao redor"; Ele em definitivo importa-se com o que acontece ao homem. Ele se preocupa com as mudanças na terra. (Brunner, 1950, p. 268)

Um exemplo primário é visto no Senhor Jesus Cristo, que, apesar de ser Deus, chorou pela cidade de Jerusalém e no túmulo de Lázaro.

Uma verdade perturbadora e confortante

A imutabilidade de Deus também se aplica a Seus atributos. O *Breve Catecismo de Westminster*[1] define Deus como sendo *espírito, infinito, eterno e imutável em Seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade.*

Deus tem todo o conhecimento e a sabedoria, e Ele sempre terá toda a sabedoria. Ele é soberano e sempre o será. Ele é santo e sempre será santo. Ele é justo e sempre será justo, bom, verdadeiro. Nada que acontece jamais diminuirá Deus nesses ou em qualquer de Seus atributos.

Essa verdade tem dois lados: é perturbadora para aqueles que estão em rebelião contra Deus e é confortante para aqueles que vieram a conhecê-lo por intermédio de Cristo. O primeiro é evidente no que dissemos

nos três capítulos anteriores. Se for verdade que a soberania, santidade e onisciência de Deus são conceitos improváveis para o homem natural, o fato de que Deus não mudará em nenhuma dessas áreas é ainda mais perturbador.

A pessoa que não está salva não se sentiria tão incomodada pela soberania de Deus se pudesse pensar que um dia Deus se tornaria menos soberano, e o indivíduo mais autônomo. Seria concebível que ela, ou a humanidade, poderia substituir Deus um dia.

De novo, esse indivíduo não ficaria tão perturbado pelos pensamentos sobre a santidade de Deus se fosse possível imaginar que com o tempo Deus se tornaria menos santo, chamando o que Ele hoje considera como pecado de não pecado, e ignoraria a culpa. Ou, se Deus pudesse esquecer, logo o mal não seria tão problemático; se fosse dado tempo, ele poderia desvanecer-se na memória de Deus.

Todavia, a imutabilidade de Deus significa que Ele será sempre soberano, sempre santo, sempre onisciente. Por consequência, todas as coisas devem ser trazidas à luz e julgadas diante dele.

Outro lado dessa doutrina diz respeito ao cristão. Para nós é um grande conforto. Neste mundo as pessoas nos esquecem, mesmo quando trabalhamos duro e as servimos. Elas mudam de atitude em relação a nós à medida que suas próprias necessidades e circunstâncias determinam. Com frequência são injustas, como nós somos também. Contudo, Deus não é assim.

Na verdade, a atitude dele em relação a nós agora é a mesma que era na distância mais remota da eternidade passada e será a mesma na distância mais longínqua da eternidade que está por vir. O Pai nos amará até o fim, como foi dito sobre Jesus:

> *Sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.*
>
> João 13.1

Tozer escreveu sobre o conforto encontrado na imutabilidade de Deus:

> Que paz traz ao coração do cristão entender que o Pai celestial nunca fica diferente de si mesmo. Ao aproximar-nos dele em qualquer momento não precisamos perguntar-nos se o encontraremos numa disposição receptiva. Ele sempre é receptivo à tristeza e à necessidade, assim como ao amor e à fé. Ele não segue um horário comercial nem reserva períodos em que não verá ninguém. Ele também não muda de opinião a respeito de nada. Hoje, neste momento, Ele está voltado para Suas criaturas, para os bebês, para os doentes, para os decaídos, para os ímpios, com exatidão como fazia quando enviou Seu único Filho ao mundo para morrer pela humanidade. Deus nunca muda Seu humor, esfria em Suas afeições ou perde Seu entusiasmo. (TOZER, 1961, p. 59)

Assim, temos grande conforto aqui. Se Deus variasse como Suas criaturas variam, se Ele quisesse uma coisa hoje e outra amanhã, quem confiaria nele ou seria encorajado por Ele? Ninguém. No entanto, Deus é sempre o mesmo. Sempre o encontraremos como Ele se revelou ser em Cristo Jesus.

PLANOS IMUTÁVEIS

Deus também é imutável em Seus propósitos e planos. Nós com frequência mudamos de planos. Em geral temos uma visão falha para antecipar tudo o que pode acontecer, ou falta-nos o poder para executar o que nos propomos. Deus não é como nós a esse respeito. "Infinito em sabedoria, não pode haver erro na concepção de Seus planos; infinito em poder, não pode haver falha na Sua realização" (HODGE, 1960, p. 390).

Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura, diria Ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?

Números 23.19

Arrependimento significa revisar o plano de ação de alguém, entretanto Deus nunca faz assim. Seus planos são feitos com base no perfeito conhecimento, e Seu poder perfeito providencia sua realização.

O conselho do SENHOR permanece para sempre; os intentos do seu coração, de geração em geração.

Salmo 33.11

O SENHOR dos Exércitos jurou, dizendo: Como pensei, assim sucederá; e, como determinei, assim se efetuará.

Isaías 14.24

Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade.

Isaías 46.9,10

Salomão escreveu: *Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá* (Pv 19.21).

Quais são as consequências da imutabilidade de Deus? Primeiro, se os propósitos de Deus não mudam, então os propósitos de Deus para Cristo também não mudarão. Seu propósito é glorificar Cristo.

Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

Filipenses 2.9-11

É tolice resistir à glória de Cristo. Podemos fazer isso agora, como muitos o fazem, contudo está chegando o dia quando Jesus terá de ser confessado como Senhor mesmo por aqueles que não o aceitaram como Senhor nesta vida. Nesses versículos a palavra que é traduzida como *confesse, exhomologeo*, significa *reconhecer com ação de graças.*

Por exemplo, é usada como um reconhecimento ou uma confissão de pecado e da concordância de Judas com os príncipes dos sacerdotes para trair seu Mestre. É nesse sentido de reconhecimento que a palavra é usada sobre aqueles que se rebelaram contra a autoridade de Cristo e a glória de Sua vida. Eles o rejeitaram aqui, mas vão reconhecê-lo na eternidade. Eles não vão confessar com alegria que Jesus Cristo é o Senhor, no entanto vão confessá-lo enquanto estão sendo banidos de Sua presença para sempre.

Segundo, o propósito de Deus para Seu povo redimido não mudará. Ele pretende transformá-lo à imagem de Jesus Cristo, como vimos no capítulo 13, e trazê-lo em segurança para Sua presença ao final de sua peregrinação terrena.

Na epístola aos Hebreus, considera-se que as promessas de Deus a Abraão revelam a natureza de Sua promessa para nós.

Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente, abençoando, te abençoarei e, multiplicando, te multiplicarei. E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa. Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda contenda. Pelo que, querendo Deus

mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento, para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta.

Hebreus 6.13-18

O propósito de Deus é trazer os Seus para o desfrutar pleno de Sua prometida herança. Ele o confirma por meio de um juramento imutável. Nesse propósito cada filho redimido de Deus deve ter ânimo.

Por fim, o propósito de Deus para os ímpios não mudará. É Seu propósito julgá-los, e Ele irá fazê-lo. Deus *ao culpado não tem por inocente* (Êx 34.7c). Muitas outras passagens declaram com frequência o julgamento em si.

A imutabilidade do julgamento divino deve ser uma advertência para qualquer um que não se voltou para o Senhor Jesus como Salvador, e deve impeli-lo a Cristo enquanto ainda há esperança.

A imutabilidade de Deus também significa que a verdade de Deus não muda.

Os homens, às vezes, fazem afirmativas que não sentem porque não conhecem sua própria mente; também porque suas perspectivas mudam, eles com frequência descobrem que não podem mais ficar firmes em relação ao que disseram no passado. Todos nós, às vezes, temos de revogar nossas palavras, porque fatos duros as refutam. As palavras dos homens são instáveis.

Todavia, não é assim com a Palavra de Deus. Ela fica para sempre. Nenhuma circunstância vai induzi-lo a revogá-la; nenhuma mudança em Seu próprio pensamento exige que Ele a corrija. Isaías escreveu: *Toda carne é erva* [...]. *Seca-se a erva,* [...] *mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente* (Is 40.6-8). (PACKER, 1973, p. 70)

Os cristãos devem ficar firmes nas palavras e promessas do Deus imutável. As promessas do Senhor não são "relíquias de eras passadas", como Packer observa, mas sim a revelação inalterável e válida da vontade do nosso Pai celestial. Suas promessas não se alterarão. Um homem e uma mulher sábios confiam nessa verdade.

NOTA

1 O *Breve Catecismo de Westminster* foi formulado por teólogos ingleses e escoceses da Assembleia de Westminster, no séc. 17. É um catecismo resumido, de orientação calvinista, composto de 107 questões. Ao lado da *Confissão de Fé de Westminster* e do *Catecismo Maior de Westminster*, compõe os símbolos de fé das igrejas presbiterianas ao redor do mundo. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Breve_Catecismo_de_Westminster)

Parte 4

A Criação de Deus

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

Gênesis 1.26,27

No princípio, criou Deus os céus e a terra.

Gênesis 1.1

E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças.

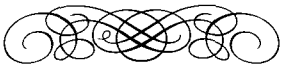
Apocalipse 5.11,12

Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá.

Provérbios 19.21

CAPÍTULO 15

A CRIAÇÃO DO HOMEM



Há três razões pelas quais a criação do homem deve ser estudada quando estamos tratando do conhecimento de Deus: uma geral, uma específica e uma teológica.

A razão geral é que a criação como um todo revela algo do seu Criador, de modo que, como visto no capítulo dois, embora o homem não adore nem sirva a Deus, o que é revelado sobre Deus na natureza se insurgirá para confundir e condenar aquela pessoa.

A razão específica é que o homem, como parte singular da criação, foi feito à imagem de Deus, de acordo com a Bíblia. Assim, a humanidade revela aspectos de Deus que não são vistos no restante da criação.

Do ponto de vista teológico, uma vez que não podemos ter um conhecimento direto de Deus, se quisermos conhecê-lo melhor e reverenciar nosso Criador, teremos de, ao menos, investigar a imagem dele em nós, pois embora tenhamos decaído ao pecar, fomos redimidos por Cristo [tendo essa imagem restaurada].

O início do estudo sobre a criação de Deus é a partir da humanidade, pois o homem é a parte mais importante da criação. Declarar que a humanidade é a parte mais importante da criação poderia ser considerado como uma afirmação ingênua ou exacerbada, quer dizer, se fôssemos peixes, sem dúvida nenhuma, diríamos que os peixes foram os mais importantes.

Todavia, o homem na verdade é e considera-se superior à criação ao redor dele. Ele governa sobre a criação, e não por força bruta, pois muitos animais são mais fortes. Em vez disso, ele domina pelo poder de sua mente e personalidade. Além disso, o homem tem a consciência de Deus, que os animais não têm.

A consciência de Deus faz com que as pessoas se tornem culpadas aos olhos dele ao recusar-se a adorá-lo. Nenhum animal é culpado de pecado moral ou espiritual. Por outro lado, a consciência de Deus é também nossa glória, pois nenhuma outra criatura pode da mesma forma, em verdade, glorificar Deus e regozijar-se nele eternamente.

A Bíblia ressalta nossa alta posição quando declara no final do primeiro relato sobre a criação:

> *E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.*
>
> Gênesis 1.26,27

Nesses versículos nossa singularidade e superioridade em relação ao restante da criação são expressas de três formas. Primeiro, é

dito que fomos criados à imagem de Deus, o que não é dito sobre as coisas nem sobre os animais. Segundo, nos é dado domínio sobre peixes, pássaros, animais e mesmo sobre a terra. Terceiro, temos a repetição do verbo *criou*.

O mesmo verbo é usado em apenas três pontos da narrativa da criação: Primeiro, quando Deus criou matéria do nada (v. 1); segundo, quando Deus criou vida consciente (v. 21); e terceiro, quando Deus criou a humanidade (v. 27).

A progressão é do corpo ou matéria para a alma, a personalidade, e para o espírito ou vida com consciência de Deus. Por isso, a humanidade está situada no ápice da criação.

Como Francis Schaeffer[1] escreveu, ao repetir o verbo *criou*, "é como se Deus pusesse pontos de exclamação aqui para indicar que há algo especial sobre a criação do homem" (SCHAEFFER, 1972, p. 33).

À IMAGEM DE DEUS

Vamos observar de forma mais específica o que significa ser criado à imagem de Deus. Uma coisa que isso significa é que o homem tem certos aspectos de personalidade de Deus, mas os animais, as plantas e a matéria não.

Para ter personalidade alguém deve ter conhecimento, sentimentos, inclusive sentimentos religiosos e vontade. Deus tem uma personalidade, e nós também.

Afirmar que um animal tem alguma coisa semelhante à personalidade humana faz sentido até certo ponto. Personalidade, no sentido em que estamos falando aqui, é uma coisa que liga a humanidade a Deus, porém não liga nem a humanidade nem Deus ao resto da criação.

Um segundo elemento ao ser criado à imagem de Deus é a moralidade. A moralidade inclui os elementos adicionais de liberdade e responsabilidade. Com certeza, a liberdade que o homem tem não é absoluta. Mesmo nos primórdios o primeiro homem, Adão, não era autônomo. Ele era criatura, e era responsável por reconhecer seu *status* pela obediência.

A partir da Queda a liberdade foi ainda mais restringida, tanto que, como disse Agostinho, o original *posse non peccare* [capacidade para não pecar] tornou-se um *non posse non peccare* [não consigo não pecar]. Ainda assim, há uma liberdade limitada para homens e mulheres mesmo em seu estado decaído, e com isso vem a responsabilidade moral.

Em suma, não precisamos estar em pecado ou pecando, como ocorre com frequência. E mesmo quando pecamos por compulsão, como pode ser o caso, sabemos que é errado. Em vista disso, confessamos inadvertidamente nossa semelhança com Deus, ainda que decaídos em moralidade como em outras áreas.

O terceiro elemento no ser feito à imagem de Deus é a espiritualidade. A humanidade existe para comunhão com Deus, que é Espírito (Jo 4.24a). Essa comunhão é planejada para ser eterna, como Deus é eterno.

Aqui poderíamos declarar que, embora tenhamos corpo físico, como as plantas, e alma, como os animais, só humanos têm espírito. E só por termos espírito que podemos ter consciência de Deus e estar em comunhão com Ele.

Há um debate contínuo entre aqueles que acreditam em uma construção de três partes de nosso ser e aqueles que acreditam que o homem pode ser considerado só em duas partes. O debate não deve preocupar-nos excessivamente.

Todas as partes do debate reconhecem que os seres humanos consistem pelo menos da parte física, que morre e precisa da ressurreição, e de uma parte imaterial, que vive além da morte, a parte que chamamos de a pessoa em si. A única questão é se a parte imaterial pode ser ainda mais distinguida por conter o que o homem tem em comum com os animais (corpo e alma) e o espírito, que o relaciona a Deus.

Aqui os dados linguísticos devem ser determinantes, contudo não são tão claros como se poderia desejar. Às vezes, em particular

nos fragmentos iniciais do Antigo Testamento, alma, *nephesh*, e espírito, *ruach*, são usados de forma intercambiada, o que suscitou confusão.

Todavia, com o passar do tempo, *ruach* cada vez mais veio a designar o elemento pelo qual o homem se relaciona com Deus, em distinção a *nephesh*, que significava apenas o princípio de vida. Em conformidade com essa distinção, *alma* é com frequência usada em referência a animais, entretanto *espírito* não é.

De modo inverso, dos profetas, que ouviram a voz de Deus e tiveram comunhão com Ele em sentido especial, declara-se sempre que são movidos pelo *espírito*, não pela *alma* de Deus.

No Novo Testamento os dados linguísticos são semelhantes. Por isso, enquanto alma, *psyche*, e espírito, *pneuma*, são às vezes livremente trocados um pelo outro, como no Antigo Testamento, *pneuma* não obstante também expressa aquela capacidade particular de relacionar-se com Deus, que é a glória da pessoa redimida, em oposição à *psyche*, que mesmo os não salvos e os indiferentes têm (1 Co 2.9-16).

É possível, embora não exato, que nos escritos paulinos o espírito de um homem seja considerado como estando perdido ou morto como resultado da Queda, e como sendo restaurado apenas naqueles que foram regenerados (Niebuhr, 1941, p. 151-152).

Contudo, não podemos sair do ponto principal aqui, pois, quer falemos de duas ou de três partes do ser humano, um indivíduo de qualquer maneira é uma unidade. A salvação dele consiste na redenção do todo, não meramente da alma ou do espírito, assim como de modo paralelo cada parte é afetada pelo pecado.

Nessa área as palavras que foram usadas em particular são menos importantes do que as verdades que elas devem transmitir. Mesmo aqueles que insistiriam com mais força na unidade do homem creem que ele é mais do que matéria.

Ou, se eles aderem à ideia das duas partes, mesmo assim reconhecem que há algo sobre o homem que o separa dos animais. Isso é o que a distinção entre espírito e alma no sistema de três partes significa. Espírito, alma e corpo são simplesmente bons termos para usar ao falar sobre o que realmente significa ser humano.

O corpo é a parte da pessoa que vemos, a parte que tem vida física. À primeira vista, tendemos a pensar que isso é o que nos diferencia de Deus, e em certo sentido é. Temos um corpo, Ele não. No entanto, sob considerações posteriores, essa distinção não é tão óbvia quanto parece.

Como exemplo, temos a encarnação do Senhor Jesus Cristo. Ou ainda, o que veio primeiro à mente de Deus, o corpo de Cristo ou o corpo de Adão? Cristo se tornou como nós por meio da encarnação ou nós nos tornamos como Ele por meio do ato criativo de Deus?

Calvino, que discute essa questão de maneira breve em *As Institutas*, não acredita que Adão foi moldado ao padrão do Messias que viria. O teólogo desconsidera a ideia de que Cristo teria vindo mesmo que Adão não tivesse pecado (Calvino, 1960, p. 186-189; 470-474). Contudo, as duas ideias não estão necessariamente em conflito. Alguém poderia até mesmo especular que, quando Deus andou pelo jardim com Adão e Eva antes da Queda, Ele o fez como segunda pessoa da Trindade, numa forma pré-encarnada, mas não corpórea.

O ponto da discussão é que nosso corpo tem grande valor e deve ser honrado pela maneira como o tratamos. Como homens e mulheres redimidos, devemos entender que nosso corpo é *templo* de Deus (veja 1 Co 6.19).

A alma é a parte do corpo que chamamos de *personalidade*. Esse também não é um assunto fácil de discutir. A alma está ligada ao corpo pelo cérebro, e é uma parte do corpo. Também é difícil pensar nela sem as qualidades que associamos ao espírito.

No entanto, em termos gerais, a alma está relacionada pelo menos ao que torna o indivíduo uma pessoa única. Poderíamos esclarecer que a alma se centraliza na mente e inclui as preferências e os desagrados, habilidades especiais ou fraquezas, emoções, aspirações e qualquer outra coisa que torne o indivíduo diferente de todos os outros. Porque temos alma podemos ter comunhão, amor, e comunicar-nos uns com os outros.

Todavia, a humanidade não tem comunhão, amor, nem se comunica apenas entre si. Também temos amor por Deus e comunhão com Ele para o que precisamos de um *espírito*. O espírito é, em vista disso, a parte da natureza humana que se relaciona com Deus e partilha em certa medida da própria essência de Deus.

Não é dito em nenhum lugar que Deus é corpo ou alma, embora Ele possa ter cada um desses aspectos nos sentidos indicados antes. No entanto, Deus é definido como espírito. *Deus é Espírito*, disse Jesus. Logo, *importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade* (Jo 4.24). Porque o homem tem espírito e torna-se uma nova criatura por meio do novo nascimento, ele pode ter comunhão com Deus e amá-lo.

Nisso está nosso verdadeiro valor. Somos feitos à imagem de Deus e somos, por isso, valiosos para Deus e para os outros. Deus ama o homem muito além do Seu amor pelos animais, plantas ou matéria inanimada. Além disso, Ele tem compaixão do homem, identifica-se com ele em Cristo, sofre por ele e intervém na história para transformar cada um de nós no que Ele determinou que deveríamos ser.

Podemos ter uma ideia da natureza especial desse relacionamento quando lembramos que, de maneira semelhante, a mulher, Eva, foi feita à imagem do homem. Por consequência, ainda que diferente, Adão se via nela e a amava como sua companheira. O homem e a mulher são a única e valiosa companhia para Deus. Apoiados nessa ideia, precisamos apenas pensar no ensino do Novo Testamento em relação a Cristo como noivo, e à Igreja como Sua noiva.

AGENTES MORAIS

O homem foi feito à imagem de Deus, e é por isso que somos agentes morais responsáveis no universo de Deus. A responsabilidade moral está implícita nas faculdades de nosso ser — conhecimento, sentimento, vontade, consciência de Deus — e no teste de obediência a Deus apresentado depois (Gn 2.16,17).

Contudo, o conceito está presente mesmo no relato da criação. O mesmo versículo que fala da decisão de Deus de fazer o homem à Sua própria imagem também nos declara o que se esperava dele: *E domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra* (Gn 1.26). O domínio de qualquer uma dessas coisas, entretanto, com particularidade dessa amplitude, envolve a capacidade de agir com responsabilidade.

Hoje no mundo ocidental há uma forte tendência de negar a responsabilidade moral humana com base em certo tipo de determinismo. A Bíblia não permite tal possibilidade. O determinismo de hoje em geral toma uma ou duas formas. Pode ser um determinismo físico, mecânico — os seres humanos são produto dos seus genes e de química corporal —, ou pode ser um determinismo psicológico — os seres humanos são produto do seu ambiente e da sua história passada.

Em qualquer um dos casos o indivíduo é eximido de responsabilidade pelo que faz. Por consequência, passamos por um período no qual o comportamento criminoso foi cada vez mais denominado de doença, e o criminoso era mais considerado uma vítima de seu ambiente do que vitimador.

Recentemente tem havido uma tendência de pelo menos reconsiderar esse assunto. Apesar de menos escancarados, atos não menos moralmente repreensíveis ainda são justificados com afirmações do tipo: "Eu acho que ele não tinha como evitar isso".

A visão bíblica não poderia ser mais diferente. Schaeffer observa: "Uma vez que Deus fez o homem à Sua própria imagem, o homem não é apanhado pelas rodas do determinismo. Na verdade, o homem é tão grandioso que pode influenciar a história para si mesmo e para outros, nesta vida e na vida que está por vir" (Schaeffer, 1969, p. 80).

No entanto, somos decaídos, mas mesmo em nosso estado decaído temos responsabilidade. Podemos fazer grandes coisas ou podemos fazer coisas terríveis, pelas quais teremos de responder diante de Deus.

Há quatro áreas nas quais nossa responsabilidade deve ser exercida. Primeiro, ela deve ser exercida em relação a Deus. Deus é aquele que criou o homem e a mulher e deu a eles domínio sobre a natureza criada. Como consequência, seriam responsáveis em relação a Deus pelo que fizessem com ela. Quando o homem pecou, como o relato de Gênesis mostra, foi Deus que exigiu uma satisfação:

> *Onde estás? Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?* [...] *Por que fizeste isso?*
> Gênesis 3.9,11,13

Nas centenas de anos desde o Éden, muitos se convenceram de que não devem satisfação a ninguém.

Contudo, o testemunho das Escrituras é que essa área de responsabilidade ainda permanece, e que todos irão um dia responder a Deus no julgamento do grande trono branco. *E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras* (Ap 20.12d).

Segundo, as pessoas são responsáveis por seus atos em relação às outras pessoas. Essa é a razão de todas as declarações bíblicas instituindo a pena de morte como uma resposta apropriada ao assassinato, como, por exemplo, está escrito em Gênesis 9.6: *Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado.*

Tais versículos não estão na Bíblia como relíquias de uma era mais bárbara ou porque na perspectiva bíblica as pessoas não têm valor. Em vez disso, eles estão lá pela razão contrária: porque as pessoas são valiosas demais para serem de forma arbitrária destruídas, e, em vista disso, as penas mais severas são reservadas para aqueles que cometem tamanha destruição.

De maneira semelhante, em Tiago 3.9,10, é proibido o uso da língua para amaldiçoar outros pela simples razão de que todos os outros também são feitos à imagem de Deus: *Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus* [...] *Meus irmãos, não convém que isto se faça assim.*

Nesses textos, matar ou amaldiçoar alguém está proibido com base em que a outra pessoa, mesmo após a Queda, retém alguma coisa da imagem de Deus e deve, por isso, ser valorizada por nós, assim como Deus também a valoriza.

Terceiro, temos uma responsabilidade em relação à natureza, que será discutida em mais detalhes nos próximos capítulos. Precisamos entender que a maneira como nos comportamos em relação à natureza, seja se a cultivamos e aprimoramos ou se a usamos ou destruímos, não deixa de ter implicações morais. Nem é um assunto indiferente para Deus.

A profundidade dessa responsabilidade é vista pela maneira como o próprio Deus fala da natureza, observando que *a criação ficou sujeita à vaidade*, devido à vontade do homem; no entanto, ela ainda será *libertada da*

servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus no momento da ressurreição final e consumação de todas as coisas (Rm 8.20,21).

A quarta área de responsabilidade de um indivíduo é em relação a si mesmo. Da maneira como a Bíblia os descreve, o homem e a mulher foram feitos *pouco menores do que os anjos* (Sl 8.5), isto é, foram colocados entre os seres mais superiores e os mais inferiores, entre anjos e bestas[2].

É significativo que sejamos descritos como estando um pouco abaixo dos anjos, mas um pouco acima das bestas. Nosso privilégio é sermos uma figura mediadora, todavia também sermos alguém que olha para cima mais do que para baixo.

Quando rompemos o laço que nos une a Deus e tentamos lançar fora os Seus mandamentos, não nos levantamos para tomar o lugar do Senhor, como desejamos, porém nos rebaixamos ao nível mais bestial. Na verdade, chegamos a pensar em nós mesmos como animais, O *macaco nu*, ou, pior ainda, como máquinas.

Em contraste, o homem redimido, que tem o laço com Deus restaurado, deve olhar para o Pai e exercer com responsabilidade cada parte de seu ser. Cada um de nós tem um corpo, e devemos usá-lo como o que ele realmente é: o templo do Espírito de Deus. Não podemos permitir que ele seja corrompido por preguiça física, por comer em excesso, pelo uso de drogas, que causam dependência, pelo uso de álcool ou qualquer outra prática debilitante.

Cada um de nós tem uma alma, e devemos usá-la em sua plenitude, permitindo que nossa mente e personalidade se desenvolvam à medida que Deus nos abençoa e instrui. Cada um de nós tem um espírito, que devemos exercitar ao adorar e servir ao Deus verdadeiro.

Os cristãos em particular precisam usar e desenvolver sua mente. Hoje há uma forte tendência em direção a uma forma não reflexiva ou anti-intelectual de cristianismo, como John Stott ressalta em *Your Mind Matters* [Sua mente é importante].

Esse anti-intelectualismo é malsucedido porque é pela mente que Deus fala conosco enquanto estudamos Sua Palavra e refletimos sobre ela, que faz com que cresçamos em graça *pela renovação do* [nosso] *entendimento* (Rm 12.2b), e permite-nos ganhar outros ao fazermos uma defesa da nossa esperança cristã (ver 1 Pe 3.15).

> A posição atual cultivada em alguns círculos cristãos de anti-intelectualismo [...] não é absolutamente uma crença verdadeira, mas parte da moda do mundo, portanto é uma forma de mundanismo. Denegrir a mente é menosprezar doutrinas cristãs fundamentais. Deus nos criou como seres racionais, e devemos negar a humanidade que Ele nos deu? Deus tem falado conosco, e não devemos ouvir Suas palavras? Deus não renovou nossa mente por intermédio de Cristo, para que pensemos com ela? Deus nos permite julgar por Sua Palavra, e não devemos ser sábios e construir nossa casa sobre essa Rocha? (STOTT, 1972, p. 26)

Certamente, os cristãos devem permitir que Deus os desenvolva intelectualmente, tornando-se conhecidos como homens pensantes. Assim como Stott continua demonstrando, "sem respeito à mente não há adoração verdadeira, fé, santidade, orientação, evangelismo ou ministério cristão".

IMAGEM DESPEDAÇADA

Neste capítulo estudamos o homem como Deus o fez e pretende que ele seja, isto é, antes da Queda ou como ele vai tornar-se em Cristo. Contudo, não seria certo ignorar o fato de que, embora o homem tenha sido feito à imagem de Deus, essa imagem tem sido manchada ou despedaçada como resultado do pecado. É verdade, vestígios da imagem

permanecem. No entanto, hoje não somos o que Deus planejou. Somos seres decaídos, e os efeitos da Queda são vistos em cada nível do nosso ser: corpo, alma e espírito.

Quando o Senhor deu a Adão e Eva o teste da árvore proibida, que era para ser uma medida de sua obediência e responsabilidade para com o Deus que os havia criado, Ele disse: *De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás* (Gn 2.16b,17).

Adão e Eva comeram da árvore proibida, e de fato morreram. Seu espírito, aquela parte deles que tinha comunhão com Deus, morreu num instante. Sua morte espiritual é clara a partir do fato de que eles fugiram de Deus quando Deus os procurou no jardim.

Desde então o homem tem fugido e se escondido da presença do Senhor. Além disso, a alma, a sede do intelecto, com sentimentos e identidade, começou a morrer. Assim, o homem começou a perder o senso de sua própria identidade, a dar vazão a sentimentos ruins e a sofrer a decadência do intelecto.

Ao descrever esse tipo de decadência, Paulo afirmou que, ao rejeitar Deus, as pessoas, de forma inevitável,

> *Em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis.*
>
> Romanos 1.21-23

Por fim, até mesmo o corpo morre. Por isso, Deus declara: *porquanto és pó e em pó te tornarás* (Gn 3.19c).

Donald Grey Barnhouse comparou o resultado da Queda do homem a uma casa de três andares que foi bombardeada durante a guerra e severamente danificada. A bomba destruiu o andar de cima por inteiro. Escombros caíram no segundo andar, danificando-o. O peso dos dois andares arruinados mais o choque produziram rachaduras nas paredes do primeiro andar, de modo que ele está condenado a desabar em algum momento. Assim foi com Adão. Seu corpo era a habitação da alma, e seu espírito estava acima dela. Quando ele caiu, o espírito foi completamente destruído, a alma arruinada, e o corpo destinado ao colapso e à ruína finais (Barnhouse, 1966, p. 36-37).

No entanto, a glória e a plenitude do evangelho de Cristo são vistas com precisão nesse ponto, pois quando Deus salva alguém Ele salva a pessoa por inteiro, começando pelo espírito, continuando com a alma e terminando pelo corpo. A salvação do espírito vem primeiro, Deus estabelece contato com aquele que se rebelou contra Ele. Essa é a regeneração, ou o novo nascimento.

Deus começa a trabalhar na alma, renovando-a até a imagem do homem perfeito, o Senhor Jesus Cristo. Esse trabalho é a santificação. Por fim, temos a ressurreição na qual até o corpo é redimido da destruição.

Além disso, Deus transforma a pessoa redimida em uma nova criatura como Paulo afirma em 2 Coríntios 5.17. Ele não remenda o espírito antigo, a alma antiga e o corpo antigo, como se a casa que está para desabar esteja apenas sendo reformada e recebendo uma nova demão.

Na verdade Deus cria um novo espírito, conhecido como o novo homem. Hoje somos salvos como cristãos, porém também estamos no processo de santificação, o que significa que o presente é importante.

Além disso, temos um olhar para o futuro, pois só no momento futuro da ressurreição a redenção que começou nesta vida será completada, e nos colocaremos de modo perfeito diante de nosso grande Deus e Salvador, o próprio Jesus Cristo.

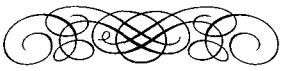
NOTAS

1 Teólogo cristão evangélico norte-americano, filósofo e pastor presbiteriano. (In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Schaeffer).

2 A referência de ter sido feito *pouco menor do que os anjos* aplica-se em primeira instância à pessoa do Messias que viria, o Senhor Jesus Cristo. Mas é em referência apenas à Sua encarnação que é dito isso. Portanto, a expressão e, sem dúvida, todo o Salmo são corretamente entendidos como fazendo referência a homens e mulheres em geral. Os versículos subsequentes referem-se ao passado, ao papel de domínio dado a Adão e Eva em Gênesis: *Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés* (Sl 8.6).

CAPÍTULO 16

A NATUREZA



Não é suficiente estudar a natureza humana para aprender sobre Deus por meio da criação, pois a humanidade não representa o todo da ordem criada. A natureza foi criada primeiro, embora tenha menos importância que o ser humano, que foi a última obra na criação de Deus, tendo sido feito no sexto dia.

Quando o homem e a mulher foram criados já havia um lindo e variado universo estabelecido por Deus para recebê-los. Assim, concluímos que a natureza deve ser estudada mesmo que não haja outra razão senão por ela estar aqui, ter estado aqui primeiro e por ela fazer parte do nosso meio ambiente.

Todavia, há razões mais importantes. Por um lado, a natureza também revela Deus, até por si mesma. É uma revelação limitada, como já foi ressaltado várias vezes. Contudo, ainda assim é uma revelação, e ela se torna uma revelação mais completa para aqueles que estão redimidos. Esse pensamento é a base do Salmo 19.1: *Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.*

Existe uma distinção clara entre a humanidade e as demais coisas criadas. Apenas o homem foi criado à imagem de Deus. Contudo, os propósitos do Criador para a humanidade serão revelados plenamente quando Seus propósitos para a natureza também tiverem se cumprido no plano de redenção.

A ORIGEM DO UNIVERSO

A grande questão em relação à natureza é: De onde vem o universo? Algo está lá — alguma coisa imensa, intrincada e regular. Ele estava lá antes de nós. Não podemos sequer imaginar nossa existência sem ele. Mas como ele chegou lá? E como ele veio a ser da forma como o percebemos? Como em todas as grandes questões, apenas algumas respostas são possíveis.

A primeira perspectiva é que o universo não teve origem. Isto é, não há origem para o universo porque de alguma forma o universo sempre existiu; a matéria existiu. A segunda, tudo veio de alguma coisa pessoal, e essa coisa pessoal era boa, o que corresponde à visão cristã. A terceira, todas as coisas vieram de alguma coisa pessoal, e essa coisa era ruim. Por fim, a quarta: existe e sempre existirá um dualismo. Essa última perspectiva assume variadas formas, dependendo se pensamos em dualismo pessoal ou impessoal, moral ou amoral, as perspectivas estão relacionadas.

Algumas possibilidades podem ser reduzidas. A número três, que prevê uma origem pessoal, maligna, do universo, não precisa ser analisada a fundo, pois, embora seja uma possibilidade filosófica, praticamente ninguém a consideraria com seriedade.

Ainda que seja possível pensar no mal como uma corrupção do bem, não é realmente possível pensar no bem como tendo emergido do mal. O mal pode ser um uso desvirtuado

de habilidades ou características outrora boas. Contudo, não há nada que possa originar o bem se apenas o mal existe.

A quarta possibilidade também não é satisfatória desde que suas deficiências não sejam evidentes à primeira vista. A crença no dualismo tem sido bem popular e perdurou por longos períodos da história, entretanto ela não se sustenta sob uma análise mais detalhada.

Isso porque, ao afirmar o dualismo, de imediato queremos passar dele para algum tipo de unidade que o inclua. Senão, escolhemos uma parte do dualismo e a fazemos mais proeminente do que a outra; nesse caso, estamos na verdade dando preferência a uma entre outras possibilidades.

C. S. Lewis apontou para a armadilha desse sistema. De acordo com o dualismo, os dois poderes, espíritos ou deuses, um bom e o outro mau, são supostamente independentes e eternos. Um não é responsável pelo outro, e cada um tem o mesmo direito de chamar a si mesmo de Deus. Cada um com presunção pensa que é bom e o outro é mau.

No entanto, o que temos em mente quando dizemos que um poder é benigno e o outro é maligno? Queremos pura e simplesmente afirmar que preferimos um ao outro? Se for isso o que queremos dizer, temos de desistir de qualquer discussão verdadeira sobre o bem e o mal. E, se o fizermos, a dimensão moral do universo desaparece por completo, e não nos resta nada mais do que a matéria, operando de determinadas maneiras. Não podemos dizer isso e defender o dualismo.

Se, do contrário, queremos afirmar que um poder é benigno e o outro é maligno, na verdade estamos apresentando um terceiro fator no universo, uma lei, ou padrão, ou regra geral do bem à qual o primeiro poder se submete, e o outro, não. E esse fator, mais do que os outros, se mostrará como sendo Deus.

Lewis, em *Cristianismo puro e simples*, conclui:

> Se os dois poderes são julgados por esse padrão, então o próprio padrão ou o Ser que o criou está além e acima de qualquer um dos poderes. É Ele o Deus verdadeiro. Na realidade, quando dizemos que um poder é bom e o outro é mau, entendemos que um está em relação harmoniosa com o Deus verdadeiro e supremo, e o outro, não. (LEWIS, 2008, p. 57)

De novo, podemos declarar que para que o poder maligno seja maligno ele deve ter os atributos de inteligência e vontade. Todavia, já que esses atributos são em si mesmo bons, ele com certeza os obtém do poder benigno e, portanto, é dele dependente. Nem uma origem maligna para o universo, do qual o bem surgiu, nem o dualismo de forma adequada dão conta da realidade da maneira como a conhecemos.

Assim, a alternativa verdadeira está entre a visão que propõe uma eternidade da matéria ou a visão que entende que todas as coisas vieram a existir pela vontade de um Deus pessoal, moral e eterno.

A primeira visão é a filosofia dominante da atual civilização ocidental. Essa visão em geral não nega que haja algo como uma personalidade no mundo hoje, ela a concebe como tendo surgido de uma substância impessoal. Ela não nega a complexidade do universo, entretanto supõe que a complexidade veio do que era menos complexo, e este, por sua vez, veio de algo ainda menos complexo, até que por fim chega-se ao que é o mais simples de todos, isto é, a matéria. A matéria, supõe-se, sempre existiu — porque não há outra informação além dessa. Essa visão é a base filosófica da ciência moderna, e é o que baseia a maior parte das ideias da Evolução.

No entanto, tal descrição da origem do universo já apresentou problemas que a própria teoria aparentemente não consegue resolver. Primeiro, falamos de uma forma para a matéria e depois de formas mais complexas. Porém, de onde vem essa forma?

Forma significa organização e talvez propósito. Mas como organização e propósito podem surgir da matéria? Alguns insistiriam que organização e propósito seriam inerentes à matéria, como genes em um óvulo ou espermatozoide.

Contudo, além de fazer com que a teoria não faça sentido — tais matérias não são mais que mera matéria —, a questão básica permanece sem resposta, pois o problema é como a organização e o propósito chegaram até lá. Em certo ponto, mais cedo ou mais tarde, temos de dar conta da forma; logo, nos encontramos procurando por aquele que deu a forma, a organização ou propósito.

Além disso, também apresentamos a ideia do pessoal; se começamos com um universo impessoal, não temos uma explicação crível para o surgimento do ser humano.

Francis Schaeffer escreveu:

> A hipótese de um começo impessoal nunca pode de forma adequada explicar os seres pessoais que vemos ao nosso redor, e quando tentamos explicar o homem com base no original impessoal, ele logo "desaparece". (Schaeffer, 1972, p. 21)

O cristianismo começa pela pergunta pendente. A doutrina cristã afirma que o universo existe com *forma* e *personalidade*, porque foi trazido à existência por um Deus pessoal e metódico. Em outras palavras, o Deus pessoal estava lá antes que o universo viesse a existir pela vontade dele. Ele criou tudo o que conhecemos, incluindo a nós. Como consequência, o universo com naturalidade traz essas marcas de Sua personalidade.

No princípio

O que encontramos quando nos voltamos para o capítulo de abertura de Gênesis? Aqui a visão cristã é estabelecida pela primeira vez e de forma definitiva. É uma declaração teológica, entretanto temos de reconhecer isso porque, se não o fizermos, vamos de forma inevitável encontrar-nos procurando explicações científicas para as coisas, e nos desviaremos.

Não que o registro de Gênesis se oponha a qualquer dado científico estabelecido; a verdade em uma área, se de fato é verdade, nunca irá contradizer a verdade de outra área.

Ainda assim, Gênesis 1 não é uma forma de descrição na qual podemos ter expectativa de encontrar respostas a questões puramente científicas. Na verdade, é uma declaração das origens no campo dos significados, propósito e relacionamento de todas as coisas com Deus.

O capítulo apresenta mais três pontos. O primeiro e mais óbvio: ele ensina que Deus estava no princípio de todas as coisas, e Ele mesmo é aquele a partir de quem todas as coisas vieram a existir. O capítulo resgata isso de modo eloquente nas primeiras quatro palavras: *No princípio criou Deus...* Bem no começo, desse modo, nosso pensamento é direcionado para a existência e a natureza desse Deus.

Na língua hebraica o nome para Deus nesse versículo é *Elohim*, um plural majestático. Por ser plural, sugere que há dimensões em Seu ser. No capítulo 10, discuti como isso e outras evidências bíblicas sugerem três membros da Trindade como estando presentes no princípio, tendo existido antes de qualquer outra coisa. Os elementos que associamos à Trindade — amor, personalidade e comunicação — são, portanto, eternos e têm valor. Essa é a resposta cristã para o medo do homem de estar perdido em um universo impessoal e carente de amor.

O segundo ponto mais importante de Gênesis 1 é que a criação estava de acordo com um desdobramento ordenado da mente e dos propósitos de Deus. Isto é, foi uma progressão, marcada por uma sequência de seis dias significativos.

Lemos esse relato e de imediato pensamos em questões em consonância com uma linha científica que gostaríamos que fosse respondida: A sequência dos dias de Gênesis deve ser comparada à sequência dos chamados períodos geológicos? Os fósseis substanciam essa narrativa? Qual era a duração dos dias — períodos de 24 horas ou épocas indefinidas? E, talvez o mais importante, o relato de Gênesis dá lugar ao desenvolvimento evolucionário guiado por Deus, ou ele requer uma intervenção divina e a criação instantânea em cada caso?

O capítulo não responde a nossas perguntas. Observei que o relato de Gênesis é uma declaração teológica mais do que um tratado científico, e precisamos ter isso em mente aqui. É verdade que o capítulo nos fornece base para especulação construtiva, e em alguns pontos até bem explícita. Todavia, não foi escrito para responder a tais questões; precisamos reconhecer isso.

Na verdade, não há razões bíblicas sólidas para rejeitarmos algumas formas da teoria evolucionista, contanto que ela seja com cuidado classificada em pontos-chave. Não há razão, por exemplo, para negar que uma forma de peixe possa ter evoluído de outra forma, ou mesmo que uma forma de animal terrestre possa ter evoluído de uma criatura marinha. O termo hebraico *bara,* traduzido para o nosso idioma como o verbo *haja*, que aparece por todo o relato da criação, permitiria tal possibilidade.

Há, entretanto, três pontos significativos nos quais uma única ação de Deus para criar em sentido especial parece ter sido assinalada pelo poderoso verbo hebraico *bara*, que significa *criou*. *Bara* em geral significa criar do nada, o que sugere que a ação que o verbo descreve é por isso uma prerrogativa de Deus.

E, como ressaltei no capítulo 15, esse verbo é usado em Gênesis 1 para marcar a criação da matéria, da personalidade e da consciência sobre Deus. Isso significa que, embora possa ter havido algo como um desenvolvimento evolutivo acontecendo nos períodos entre o uso do verbo *bara*, não é o que acontece pelo menos nesses três pontos. Além disso, o capítulo ensina que toda a criação não foi um desenvolvimento aleatório, mas sim o resultado da orientação direta de Deus.

Deve ser observado que o mundo científico de hoje pode estar presenciando o começo de um movimento que se afasta de alguma forma da evolução naturalista, em particular do darwinismo, como uma explicação para o universo.

Para dar um exemplo, a edição de 1976 da *Harper's Magazine* contém um importante artigo de Thomas Bethell, editor do *The Washington Monthly*, intitulado *Darwin's Mistake* [O erro de Darwin].

O artigo é essencialmente uma resenha sobre estudos recentes da questão da evolução, e o ponto principal é que os cientistas estão em vias de silenciar e abandonar a teoria de Darwin. Por quê? Porque, de acordo com Bethell, a teoria de Darwin não consegue dar conta da coisa mais importante que a evolução deveria explicar, que são as espécies de plantas, peixes e demais animais e outras formas de vida.

Na abordagem de Darwin, o elemento chave é a seleção natural, que supostamente deveria explicar como as variadas formas vieram a existir. Todavia, quando os cientistas voltam a examinar sua teoria, entendem que a seleção natural explica apenas como alguns organismos geravam mais prole que outros e sobreviviam, mas não como aconteceu para que vários organismos, alguns dos quais sobreviviam e outros que não sobreviviam, viessem a existir primeiro.

Bethell, em *O erro de Darwin,* observou:

> Não há, então, nenhuma seleção na natureza, nem a natureza age como se afirma com tanta frequência em livros de biologia. Um organismo

pode de fato ser mais apto do que outro, do ponto de vista evolucionista, porém o único evento que determina essa habilidade é a morte ou a infertilidade. Isso, é claro, não é algo que ajuda a criar o organismo, mas é algo que o extermina.

Parece-me que Darwin está em processo de ser descartado, porém, talvez em deferência ao respeitável senhor, que repousa confortavelmente na Abadia de Westminster ao lado de Sir Isaac Newton, isso está sendo feito tão discreta e delicadamente, com um mínimo de publicidade. (Bethell, 1976, p. 70-75)

O terceiro ponto no relato da criação em Gênesis é o pronunciamento moral de Deus sobre o que Ele havia feito, traduzido na expressão repetida: *E viu Deus que era bom.* Esse pronunciamento não é feito com referência a algum objeto para o qual nós podemos apontar e declarar de forma pragmática: "Esse objeto é útil para mim".

O pronunciamento de Deus sobre a benignidade do restante da criação veio antes mesmo que nós tivéssemos sido feitos. E isso quer mostrar que uma árvore, para dar um exemplo, não é boa só porque podemos cortá-la e fazer uma casa com ela ou porque podemos queimá-la para nos aquecermos. Ela é boa porque Deus a fez e declarou que ela era boa. Ela é boa porque, como tudo o mais na criação, ela está de acordo com a natureza de Deus.

Schaeffer escreveu sobre essa bênção divina:

Este não é um julgamento relativo, porém um julgamento do Santo Deus, que tem um caráter, e cujo caráter é a lei do universo.

Cada passo e cada esfera da criação, e todas as coisas colocadas juntas — o próprio homem e seu ambiente na totalidade, os céus e a terra — estão de acordo com Ele. (Schaeffer, 1972, p. 55)

A avaliação de Deus em Gênesis 1 é confirmada pela aliança dele com a humanidade e a terra feita na época de Noé — após a Queda. Naquele momento Deus declarou:

E eu, eis que estabeleço o meu concerto convosco, e com a vossa semente depois de vós, e com toda alma vivente, que convosco está, de aves, de reses, e de todo animal da terra convosco; desde todos que saíram da arca [...] *O meu arco tenho posto na nuvem; este será por sinal do concerto entre mim e a terra.*

Gênesis 9.9,10,13

Aqui o cuidado de Deus é expresso não por Noé e pelos homens que estavam com ele na arca, todavia pelas aves, pelo gado e até mesmo pela própria terra. Toda a Sua criação é *boa.* De forma semelhante, Romanos 8 expressa o valor de tudo o que Deus criou. Ele pretende redimir toda a terra afligida pela Queda.

A mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.

Romanos 8.21-23

A resposta da natureza

O valor da criação nos leva a uma conclusão natural: se Deus considera o universo bom em cada parte e como um todo, em tal caso precisamos considerá-lo assim também. Isso não quer dizer que nos recusaremos a ver que a natureza foi corrompida pelo pecado.

De fato, os versículos de Gênesis 9 e Romanos 8 não têm explicação sem a percepção de que a natureza sofreu em consequência da Queda da humanidade. Ela foi estragada por

espinhos, ervas daninhas, doenças e pela morte. Contudo, mesmo em seu estado corrompido ela tem valor, assim como a humanidade decaída. Por isso, devemos ser gratos pelo mundo que Deus criou e louvá-lo.

Em algumas expressões de crenças e pensamentos cristãos, apenas a alma tem valor. Essa visão nem é correta nem é cristã. Na verdade, a elevação do valor da alma e a degradação do corpo e de outras coisas materiais é uma ideia pagã grega, baseada numa falsa compreensão da criação.

Se Deus tivesse feito só a alma ou espírito, e se o mundo material tivesse vindo de uma origem menos importante ou maligna, em tal caso os gregos estariam certos. Contudo, a visão cristã é que Deus fez tudo o que há e que, portanto, tudo tem valor e deve ser valorizado por causa de sua origem.

Devemos deleitar-nos na criação. Deleitar-se está intimamente ligado a ser grato, entretanto é um passo além. É um passo que muitos cristãos nunca deram. Muitas vezes os cristãos olham para a natureza apenas como uma das provas clássicas da existência de Deus. Em vez disso, eles deveriam na verdade apreciar o que veem. Devemos apreciar a beleza natural. Além disso, devemos exultar nela mais do que não cristãos por causa da revelação de Deus que está por trás da natureza.

Os cristãos devem demonstrar uma responsabilidade em relação à natureza. Não devemos destruí-la, mas sim buscar elevá-la a seu mais pleno potencial.

Há um paralelo aqui entre a responsabilidade de homens e mulheres em relação à criação e a responsabilidade do marido em relação a sua esposa no casamento. Nos dois casos, a responsabilidade é baseada em um domínio dado por Deus ainda que os dois não sejam idênticos.

> *Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.*
>
> Efésios 5.25-27

De modo semelhante, homens e mulheres, juntos, devem de maneira apropriada buscar santificar e purificar a terra, para que ela seja mais como Deus a criou, em antecipação a sua redenção final.

Com certeza nosso planeta deve ser usado pelas pessoas de modo sustentável. Onde há árvores em abundância, algumas podem ser cortadas para fazer madeira para uma casa. No entanto, não devem ser cortadas simplesmente pelo prazer de cortá-las ou porque é a maneira mais fácil de aumentar o valor de um terreno. Em cada área deve-se pensar com cuidado no valor e propósito de cada coisa, e deve haver uma abordagem cristã, em vez de uma abordagem puramente utilitária para ela.

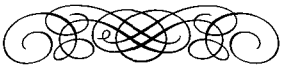
Por fim, após ter contemplado a natureza e chegado a valorizá-la, os cristãos devem voltar-se para o Deus que a fez e a sustenta a cada momento e aprender a confiar nele. Deus se preocupa com a natureza, apesar do abuso que ela sofre pelos nossos pecados.

Contudo, se Ele se importa com a natureza, podemos confiar nele para cuidar de nós também. Tal argumento aparece no meio do Sermão do Monte, quando Cristo chama a nossa atenção para o cuidado de Deus com as aves, a vida animal, os lírios e a vida vegetal. O Senhor Jesus pergunta:

> *Não tendes vós muito mais valor do que elas?* [...] *Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé?*
>
> Mateus 6.26c-30

CAPÍTULO 17

O MUNDO ESPIRITUAL



Antes que homens e mulheres fossem criados, Deus já havia criado um universo belo e variado para recebê-los, como vimos no capítulo anterior.

Todavia, se Jó 38.7 é para ser entendido como se referindo a anjos, como há todas as razões para crer que assim o é, mesmo antes da criação do universo material havia um vasto mundo de seres espirituais.

Não sabemos quando foram criados. Na verdade, sabemos pouco sobre eles. Contudo, sabemos que eles existiram antes de tudo o que podemos ver que foi criado e que existe hoje. Como Deus disse a Jó:

> *Onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?*
>
> Jó 38.4-7

É interessante, à vista do testemunho da Bíblia sobre a existência de espíritos, que as mitologias de civilizações antigas também reivindicam sua existência. A mitologia babilônica retratava os espíritos como deuses que traziam mensagens do mundo dos deuses, acima, a terra, abaixo. As mitologias grega e romana falavam de deuses e semideuses visitando a terra.

Assim é com praticamente todas as civilizações da Antiguidade. Críticos da Bíblia às vezes consideram sua referência ao mundo espiritual como evidência de que a Bíblia também é mitologia, isto é, como não tendo nenhuma base factual, pelo menos nessa área.

No entanto, é igualmente possível que as mitologias na verdade preservem uma memória distorcida de uma experiência primitiva da civilização. Essa possibilidade é acentuada, mesmo para não cristãos, pela impressionante renovação de interesse atual pelo mundo dos espíritos.

Tais seres existem? Anjos e demônios de fato existem? Eles visitam a terra? A Bíblia dá respostas fidedignas a tais questões. Embora seja verdade que a Bíblia não nos mostra tudo o que gostaríamos de saber — muito sobre a origem e função do mundo espiritual é envolto em mistério —, ela com certeza nos afirma o que é preciso saber e expõe-nos de modo verdadeiro.

Os anjos

Anjos são mencionados mais de 100 vezes no Antigo Testamento e mais de 160 vezes no Novo. Sabemos que eles são mensageiros de Deus — esse é o significado da palavra *anjo*. Eles foram criados e, por isso, não são eternos. Existem em vasto número.

E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares.

Apocalipse 5.11

Os anjos têm personalidade; eles rendem louvor inteligente a Deus: *Com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças* (Ap 5.12).

Algumas dessas qualidades também são indicadas pelos termos usados para nos referirmos a eles nas Escrituras. São chamados de *exércitos celestiais* (Lc 2.13), por exemplo. Isso sugere que, como as tropas de um imperador o cercam e servem a ele, assim esses seres servem a Deus e tornam Sua glória visível.

Também são chamados de *principados, poderes, potestades, domínios, autoridades* e *tronos* (Ef 1.21; Cl 1.16) porque são aqueles por meio de quem Deus administra Sua autoridade no mundo.

A Bíblia também revela algo dentro da hierarquia angelical; algumas classes ou ordens de anjos são mencionadas.

Na primeira classe está o anjo mais mencionado na Bíblia: Miguel. Os nomes de apenas dois anjos estão registrados. Ele é descrito como sendo *o arcanjo*, que é o cabeça de todos os santos anjos. Seu nome significa *aquele que é como Deus* (Dn 10.21; 12.1; 1 Ts 4.16; Jd 1.9; Ap 12.7-10).

Uma segunda categoria contém aqueles que são como mensageiros especiais de Deus. O segundo anjo mencionado pelo nome, Gabriel, estaria nessa categoria, pois foi incumbido de uma revelação especial para Daniel, a mensagem de Zacarias sobre o nascimento de João Batista, e o anúncio do nascimento de Jesus à virgem Maria (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.18,19,26-38).

Uma terceira categoria engloba aqueles anjos chamados de querubins. São descritos como criaturas magníficas que rodeiam o trono de Deus e protegem Sua santidade de qualquer contaminação pelo pecado (Gn 3.24; Êx 25.18,20; Ez 1.1-18). Deus instruiu que querubins de ouro fossem colocados sobre o propiciatório da arca da aliança dentro do Santo dos Santos do tabernáculo judeu. O querubim pode ser idêntico ao *serafim* descrito em Isaías 6.2-7.

Por fim, há um vasto número de hostes angelicais para as quais não é dado nenhum nome especial. São descritas como os *anjos eleitos*, para distingui-las daqueles anjos que pecaram com Satanás e caíram (1 Tm 5.21).

A grandeza e a complexidade do mundo angelical são suficientes para despertar em nós o desejo de estudá-lo. Mas, além disso, tal estudo aumenta nosso senso da glória de Deus. Calvino observou: "se ansiamos conhecer as obras de Deus, de modo algum se deve omitir tão preclaro e nobre exemplar como Seus anjos" (CALVINO, 1960, p. 162).

O MINISTÉRIO DOS ANJOS

O primeiro e mais óbvio trabalho dos anjos é a adoração e o louvor ao Senhor, que vemos em muitas passagens da Bíblia. Por exemplo, Isaías escreveu que os serafins, que estavam acima do trono de Jeová, *clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória* (Is 6.3).

Daniel descreveu a cena como envolvendo uma quantidade maior de anjos.

Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça, como a limpa lã; o seu trono, chamas de fogo, e as rodas dele, fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.

Daniel 7.9,10

Em Apocalipse, os anjos — descritos como as quatro criaturas viventes, os 24 anciãos, que poderiam ser seres humanos redimidos, e os milhares de milhares de seres espirituais — *não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir* (Ap 4.8).

O fato de que anjos adoram a Deus em tão grande número deveria tanto nos humilhar como nos encorajar em nossa adoração. Deveria humilhar-nos porque Deus não ficaria privado de adoração mesmo se deixássemos de honrá-lo. Os anjos já fazem isso. Por outro lado, deveria encorajar-nos porque nossa voz um dia será unida às vozes do grande coro angelical (Ap 7.9-12; 19.1-6).

Segundo, os anjos servem a Deus como agentes de Suas muitas obras. Lemos que os anjos estavam presentes na criação (Jó 38.7) e na entrega da Lei; é dito que a Lei foi dada por *ordenação dos anjos* (At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2). Um anjo foi o veículo da revelação de Deus a Daniel; muitos foram usados para revelar eventos futuros ao apóstolo João (Dn 10.10-15; Ap 17.1; 21.9; 22.16). Gabriel anunciou o nascimento tanto de João Batista como de Jesus Cristo (Lc 1.11-38; 2.9-12; Mt 1.19-23). Muitos anjos cantaram por esse evento na presença dos pastores (Lc 2.13,14).

De forma semelhante, após a tentação de Cristo, anjos se fizeram presentes para ministrar a Ele (Mt 4.11), assim como no jardim do Getsêmani (Lc 22.43), na ressurreição, para anunciar a vitória de Cristo sobre a morte às mulheres que tinham ido ao sepulcro (Mt 28.2-7), e em Sua ascensão (At 1.10,11). Eles aparecerão de novo em grande número na segunda vinda de Cristo (Mt 24.31; 25.31; 2 Ts 1.7).

Terceiro, os anjos são servos espirituais enviados para ajudar e defender o povo de Deus. Portanto, lemos primeiro em referência a Cristo, porém agora em referência a nós mesmos como Seu povo:

> *Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.*
> Salmo 91.11,12

> *O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra.*
> Salmo 34.7

Sob um ponto de vista prático, se os cristãos pensassem com mais frequência nessa proteção angelical, sentiriam menos medo das circunstâncias e dos inimigos. Ao mesmo tempo, nosso esquecimento é compreensível, pois em geral anjos não são visíveis para nós.

Somos como o servo de Eliseu em Dotã diante de sua visão do exército de Deus. Eliseu revelara os planos de Ben-Hadade da Síria, inimigo de Israel, ao rei de Israel, e Ben-Hadade havia retaliado tentando capturar Eliseu. Assim, à noite, ele havia cercado Dotã, onde Eliseu e seu servo estavam hospedados. Ele estava presente com toda a sua força, quando o servo de Eliseu saiu da cidade para buscar água na manhã seguinte.

O relato mostra que o servo descobriu um *exército* ao redor da cidade, *com cavalos e carros*. Ele ficou aterrorizado! Então, correu para Eliseu dizendo: *Ai! Meu senhor! Que faremos?* (2 Rs 6.15).

Eliseu respondeu: *Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles* (2 Rs 6.16). Depois ele orou para que os olhos do jovem fossem abertos para ver os anjos do Senhor.

> *E o SENHOR abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.*
> 2 Reis 6.17

Os anjos feriram os exércitos de Ben-Hadade com cegueira, para que Eliseu

pudesse levá-los cativos até a capital israelita de Samaria.

De modo semelhante, lemos que um anjo de Deus matou 185 mil soldados da Assíria para livrar Jerusalém dos exércitos de Senaqueribe nos dias do rei Ezequias.

Um quarto ministério especial dos anjos é servir ao povo de Deus no momento de sua morte. Não há muitos textos para argumentar sobre esse ponto, entretanto, deve ser observado que, de acordo com Jesus, anjos carregaram Lázaro para o seio de Abraão (Lc 16.22).

Por fim, anjos serão agentes de Deus nos julgamentos finais profetizados para os homens, os demônios e este mundo. A extensão desses julgamentos é descrita de modo mais detalhado no livro de Apocalipse do que em qualquer outro lugar.

Primeiro, haverá uma série de julgamentos parciais contra a terra que será revelada pela abertura dos selos (Ap 6.1—8.1), pelas trombetas que serão tocadas (Ap 8.2—11.19) e pelas sete salvas de ouro cheias da ira divina que serão derramadas (Ap 15.1—16.21). Esses julgamentos ocupam a parte principal do livro, e os anjos estão associados a cada um.

Segundo, haverá um julgamento contra a grande cidade da Babilônia, talvez um símbolo de Roma e daqueles associados a ela em seus pecados. Os anjos também farão parte desse julgamento (Ap 17.1—18.24).

Terceiro, haverá o julgamento contra a besta, provavelmente o anticristo, e contra Satanás e o falso profeta (Ap 19.17—20.3,10). Enfim, ocorrerá o julgamento do grande trono branco, no qual os mortos serão julgados de acordo com suas obras (Ap 20.11-15).

ANJOS DECAÍDOS

A menção do julgamento, incluindo a sentença contra Satanás, alude a um segundo aspecto desse assunto. De acordo com a Bíblia, há legiões de anjos decaídos que, sob o domínio de Satanás, estão determinados a opor-se ao domínio de Deus e a prejudicar Seu povo. Eles compõem uma força grande e terrível, como a Bíblia os descreve.

No entanto, não nos são descritos para nos induzir ao pavor, mas para nos alertar do perigo, a fim de que nos aproximemos de Deus como aquele que pode proteger-nos. O número de anjos decaídos pode, de certa forma, ser mensurado, como lemos na passagem que registra que Maria Madalena foi liberta de sete deles (Mc 16.9; Lc 8.2), e no texto em que denominaram a si mesmos de Legião, quando possuíram o homem que Cristo encontrou no território dos gadarenos defronte à Galileia (Lc 8.26-33).

Qual é o propósito de Deus ao contar-nos sobre esse exército?

> Por essa razão, prevenidos também de que incessantemente nos ameaça o inimigo, e um inimigo prestíssimo em audácia, vigoroso em forças, astuto em estratagemas, infatigável em diligência e presteza, munido de todos os apetrechos bélicos, com habilidade na arte de guerrear, conduzamos tudo a este fim: que não nos deixemos sobrepujar por inércia ou pusilanimidade, mas, em contraposição, tendo o ânimo soerguido e despertado, finquemos pé a resistir; e uma vez que essa beligerância não se finda senão com a morte, exortemo-nos à perseverança. Sobretudo, porém, cônscios de nossa insuficiência e obtusidade, invoquemos a assistência de Deus a nosso favor, nem tentemos coisa alguma, senão apoiados nele, visto que só a Ele pertence o ministrar conselho, força, coragem e armas. (CALVINO, 1960, p. 173)

O ponto para começarmos a colocar-nos contra Satanás e seus exércitos é no conhecimento do próprio diabo, tanto de suas forças como de suas fraquezas. E o ponto para começarmos a conhecer Lúcifer é o fato de que ele é real e pessoal. Ele é real no sentido de que não é fruto da imaginação humana, e é

pessoal no sentido de que não é uma vaga personificação do mal. Jesus deu testemunho dessas verdades quando se referiu a Satanás pelo nome (Mt 4.10; 16.23; Lc 22.31) e quando o venceu no momento de Sua tentação no deserto (Mt 4.1-11).

A ideia de um demônio pessoal tem sido negada por grandes segmentos da Igreja cristã, e para alguns já se tornou quase motivo de piada. Por causa do revivescimento da bruxaria e do satanismo nos dias atuais, talvez não seja motivo de piada como antes. Contudo, muitos considerariam pensamentos sobre a existência de um demônio real algo duvidoso. Para o imaginário popular, o diabo é uma criatura vermelha com chifres e rabo. Essa não é a imagem de Satanás retratada na Bíblia.

O apóstolo Paulo observou que não éramos ignorantes dos *ardis* de Satanás (2 Co 2.11). A palavra *ardil* significa *truque, armadilha, sagacidade, estratagema*. Em vista disso, o ponto é que os cristãos sabem, ou deveriam saber, das armadilhas do diabo, que buscam enganar as pessoas e ganhá-las para ele. Uma delas, a qual ele usa em momentos da história, é fazer as pessoas acreditarem que ele não existe.

A figura de um pequeno ser com chifres teve um desenvolvimento interessante, a ponto de surgirem suposições de que estivesse de forma errada ligada à Bíblia.

Na Idade Média, quando a maioria das pessoas era analfabeta e a Igreja utilizava "milagres"[1] para ensinar princípios bíblicos básicos, havia uma necessidade de fazer com que qualquer personagem representando o diabo fosse de imediato reconhecido no palco. A convenção escolhida era baseada na ideia pagã em voga, de acordo com a qual Satanás seria de alguma forma um monstro com chifres. Acreditava-se que essa caricatura tinha respaldo na Bíblia.

Em Isaías 13, em uma profecia contra a Babilônia, há menção de uma criatura que iria um dia, afirma-se, perambular pela cidade destruída e deserta. A palavra hebraica para esse animal ou criatura é *sair*, que traduzida significa *um bode selvagem*. Contudo, poucos sabiam o que essa palavra significava. Assim, em algumas traduções antigas da Bíblia, ela é chamada de *sátiro*, que era uma das figuras da mitologia metade humana metade besta.

Considerava-se, portanto, que a Bíblia descrevia uma criatura idêntica à popular figura de Satanás, e a prática medieval parecia justificada. Em tempos modernos, devido a uma falta de suporte semelhante, o diabo tem sido concebido como o tentador sofisticado da *Lenda de Fausto*[2] ou da popular peça teatral e filme *Damn Yankees*[3].

Já que o diabo da ficção é tão inacreditável, não é de se admirar que milhões não o levem em conta. Todavia, isso é um erro. De acordo com Jesus, não só o diabo existe, como também aqueles que o seguem. Na verdade, o Mestre advertiu Seus discípulos de que deveriam orar: *E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal* (Mt 6.13a).

Um ser decaído

O diabo também é um ser decaído, como Jesus ensinou em João 8.44: *ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.* Jesus também disse: *Eu via Satanás, como raio, cair do céu* (Lc 10.18).

Essa questão também é com frequência rejeitada por homens e mulheres, mesmo quando acreditam no diabo. Em vez de crerem que Satanás é uma forma depravada do que fora outrora, eles preferem imaginá-lo como um herói, mais ou menos como o campeão dos homens decaídos.

John Milton[4], ainda que não tenha glorificado Satanás, não obstante contribuiu para corroborar essa ideia.

Embora seja verdade que nas páginas iniciais de seu grande épico, *O paraíso perdido*, Milton de fato descreve a queda de Satanás do céu e mais tarde prevê seu julgamento final, também é verdade que grande parte do seu primeiro livro desse épico descreve os esforços heroicos de Lúcifer para erguer-se das profundezas do inferno e fazer algo a partir de seu suposto novo reino.

Milton faz isso de forma tão brilhante que é impossível não se solidarizar com Satanás. Extraímos, porém, uma impressão bem diferente das Escrituras.

Para começar, Satanás nunca esteve no inferno e não o controla. A Bíblia nos mostra que Deus criou o inferno, preparando-o, em parte, para o diabo e seus anjos, que um dia serão enviados definitivamente para lá.

A Bíblia também caracteriza Satanás como tendo sido outrora *cheio de sabedoria e perfeito em formosura*. Afirma que ele antes estava *no Éden, jardim de Deus*, que era *perfeito* em todos os seus caminhos desde o dia em que fora criado, até que a *iniquidade* foi encontrada nele (Ez 28.12-15).

Em Isaías 14.13,14 ficamos sabendo que a queda de Satanás foi por causa de seu orgulho, expresso por meio de um desejo arrogante de ficar no lugar de Deus. Satanás declarou:

> *Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.*

Deus responde que, como resultado de seu pecado, o diabo na verdade será levado ao inferno, ao mais profundo do abismo (Is 14.15). Isso não é o retrato de um ser heroico, mas de um ser decaído. É um ser que deve ser repelido.

Satanás trouxe a destruição à humanidade. Ele é assassino e autor do assassinato, como Jesus disse a Seus ouvintes. O primeiro crime seguinte à Queda de Adão e Eva foi um assassinato; como resultado da Queda, Caim assassinou seu irmão. Também lemos que Satanás entrou em Judas para que entregasse Cristo nas mãos de Seus inimigos, a fim de ser crucificado (Jo 13.2). A história de Satanás é escrita com sangue.

Também é escrita com engano, porque o diabo é um mentiroso, como Cristo disse. Satanás mentiu para Eva quando se esforçou para convencê-la a comer o fruto da árvore proibida: *Certamente não morrereis* (Gn 3.4). Todavia, Eva de fato morreu.

Em 1 Reis lemos que um espírito mentiroso, supostamente um demônio, possuiu os profetas de Acabe para que ele travasse uma batalha contra os Sírios e fosse derrotado em Ramote-Gileade (1 Rs 22.21-23).

Em Atos ficamos sabendo que Satanás encheu o coração de Ananias para fazê-lo mentir sobre o preço de sua propriedade; como consequência, Ananias morreu (At 5.3). Satanás mente hoje.

Por isso, temos de considerá-lo perigoso, enganador e malicioso, entretanto, acima de tudo, um pecador e um fracassado. Ele pecou quando deixou de permanecer em seu grandioso chamado.

UM SER LIMITADO

Por fim, Satanás é um ser limitado, pois não é onisciente, onipotente e onipresente, como Deus é. Se Lúcifer é um assassino desde o princípio, ele é moralmente limitado. Se vai enfrentar o julgamento, é limitado em poder. Embora devamos estar conscientes da existência do diabo e advertidos contra ele, não devemos criar o hábito de pensar no tentador como um ser poderoso em maldade como Deus o é em bondade.

Satanás não é onisciente. Deus é quem sabe de todas as coisas. Acima de tudo, o diabo não sabe do futuro. Sem dúvida, ele pode palpitar a respeito, pois conhece a natureza humana e as tendências da história.

As chamadas revelações de médiuns e adivinhos — quando não são fraudes descaradas — enquadram-se nessa categoria. Contudo, essas pessoas não têm o verdadeiro conhecimento do que está por vir. Assim, as previsões são vagas e em geral não têm fundamento.

Em certo momento, Deus declarou isso em forma de desafio a todos os falsos deuses:

> *Apresentai a vossa demanda, diz o SENHOR; trazei as vossas firmes razões, diz o Rei de Jacó. Tragam e anunciem-nos as coisas que hão de acontecer* [...] *Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses; fazei bem ou fazei mal, para que nos assombremos e, juntamente, o vejamos. Eis que sois menos do que nada, e a vossa obra é menos do que nada; abominação é quem vos escolhe.*
>
> Isaías 41.21-24

Satanás também não é onipotente. Logo, ele não pode fazer tudo o que quer, e, no caso dos cristãos, só pode fazer o que Deus permitir. O exemplo mais conhecido é o de Jó, que vivia em abundância até que Deus permitiu que o diabo tirasse todos os bens dele. Mesmo assim, o Senhor tinha um propósito válido. Ele sabia que Jó permaneceria fiel independente das circunstâncias.

Lúcifer não é onipresente, o que significa que ele não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, tentando a todos. Deus é onipresente. Ele pode ajudar todos que clamam por Ele ao mesmo tempo. Todavia, o diabo tem de tentar uma pessoa de cada vez ou trabalhar por intermédio de um ou mais daqueles anjos, agora demônios, que caíram com ele.

A consequência interessante desse fato é que é muito provável que Satanás nunca tenha tentado você ou qualquer um que você conheça. Mesmo na Bíblia encontramos poucos que foram tentados diretamente por ele. Tivemos Eva, é claro. Cristo foi tentado. Pedro foi tentado. O diabo encheu o coração de Ananias para fazer com que ele mentisse sobre o preço da propriedade. No entanto, isso é tudo.

Em uma ocasião Paulo pode ter tido seus planos impedidos por Satanás (1 Ts 2.18); entretanto, em outra foi apenas um *mensageiro* de Satanás que o esbofeteou (2 Co 12.7).

De forma semelhante, demônios menores opuseram-se a um anjo que trazia uma revelação a Daniel (Dn 10.13,20).

E, embora um grande exército de demônios tenha cercado Eliseu em Dotã, vencido em número pelo exército de Deus, não é dito que o próprio diabo estava entre eles (2 Rs 6.16,17).

Embora cristãos nunca devam ignorar ou subestimar Satanás e seus estratagemas, eles não devem superestimá-lo. Acima de tudo, nunca devem concentrar-se nele ao ponto de desviar os olhos de Deus. O Senhor é nossa força. Ele limita Satanás. Deus nunca permitirá que cristãos sejam tentados além do que conseguem suportar, e sempre nos dará uma maneira de escapar (1 Co 10.13). Quanto ao diabo, seu fim é o lago de fogo[5] (Mt 25.41).

Notas

1 Na Idade Média, em algumas nações como a Inglaterra e a França, existia um tipo de teatro religioso que tinha como modalidades os mistérios, os milagres e as moralidades. Os mistérios (também chamados de dramas litúrgicos) representavam as festividades religiosas descritas nas Escrituras, como o Natal, a Paixão e a Ressurreição. Os milagres eram representações que retratavam a vida dos servos de Deus, e nelas, por vezes, apareciam as pessoas a quem os santos ajudavam. As moralidades eram representações que se desenvolveram mais tarde do que os mistérios e os milagres. Eram repletas de ensinamentos cristãos, mas tinham um caráter mais intelectual e, em vez de utilizar as personagens da Bíblia, serviam-se de figuras que personificavam defeitos, virtudes, acontecimentos e ações. (Fonte: http://members.fortunecity.com/rui_nuno_carvalho/religios.html)

2 Fausto é o protagonista de uma popular lenda alemã de um pacto com o demônio, baseada no médico, mágico e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust (1480–1540). (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fausto)

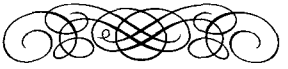
3 *Damn Yankees* é um musical da Broadway que reconta a lenda de Fausto, ambientada nos anos 50 em Washington D.C.

4 John Milton é um escritor inglês, um dos principais representantes do classicismo de seu país e autor do célebre livro O *paraíso perdido*, um dos mais importantes poemas épicos da literatura universal. Foi político, dramaturgo e estudioso de religião. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Milton)

5 O material sobre Satanás é emprestado em parte do capítulo 52, *That other Family* [Aquela outra família], João 8.41-50, de meu livro *The Gospel of John* [O Evangelho de João], vol. 2

CAPÍTULO 18

A PROVIDÊNCIA DE DEUS



Provavelmente, não há um ponto em que a doutrina cristã entre mais em conflito com as perspectivas contemporâneas do mundo do que a questão da providência de Deus.

Providência significa que Deus não abandonou o mundo que criou, mas trabalha nele a fim de administrar todas as coisas de acordo com o "imutável conselho da Sua própria vontade" (*Confissão de Fé de Westminster*[1], V, i).

Em contrapartida, o mundo, em geral, não crê que Deus intervém em assuntos humanos hoje em dia, embora às vezes o reconheça como Criador. Muitos pensam que milagres não acontecem, que orações não são respondidas e que a maioria das coisas ocorre como um resultado de leis impessoais e imutáveis.

O mundo argumenta que o mal existe em abundância. Muitos questionam: "Como o mal pode ser compatível com um Deus que governa ativamente o mundo?".

No passado, desastres naturais como incêndios, terremotos e enchentes eram chamados de "atos de Deus". Devemos culpá-lo por eles? Não seria melhor imaginar que Ele simplesmente deixou o mundo trilhar seu próprio caminho?

Tanta especulação pode ser respondida em dois níveis. Primeiro, mesmo sob uma perspectiva secular, tal pensamento não é tão óbvio quanto parece. Segundo, esse não é o ensinamento bíblico.

O DOMÍNIO DE DEUS SOBRE A NATUREZA

A ideia da ausência de Deus certamente não é óbvia com relação à natureza, a primeira das três maiores áreas da criação divina discutidas anteriormente. A grande questão sobre a natureza, levantada por filósofos gregos da Antiguidade e por cientistas contemporâneos, é por que há um padrão nas atividades dela, mesmo estando em constante mudança. Nada permanece igual: os rios fluem, as árvores crescem, as flores secam e o mar se agita. Todavia, de certa forma, todas as coisas continuam seguindo um padrão. A experiência de uma geração com a natureza é semelhante à experiência das gerações anteriores.

A ciência costuma explicar essa uniformidade da natureza por meio da lei da probabilidade. Porém, essa explicação não é completa. Por exemplo, pela mesma lei da probabilidade, é possível que em algum momento todas as moléculas de um gás ou sólido (ou a maior parte delas) movam-se na mesma direção, em vez de moverem-se em direções aleatórias. Se esse fosse o caso, então a substância deixaria de ser como a conhecemos, e as leis da ciência em relação a ela seriam inoperantes.

De onde vem a uniformidade, senão de Deus? Entendemos, pela Bíblia, que ela vem dele quando lemos que Cristo está *sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder* (Hb 1.3), e que *todas as coisas subsistem por ele* (Cl 1.17).

O ponto é que a providência de Deus está por detrás do mundo metódico que conhecemos. Esse era o pensamento básico na mente dos autores do *Catecismo de Heidelberg*[2] quando definiram *providência*:

> É o poder de Deus, onipotente e presente em todo lugar (At 17.25,27,28; Jr 23.23,24; Is 29.15,16; Ez 8.12), pelo qual, como por Sua própria mão, sustenta e governa o céu, a terra e todas as criaturas de tal maneira (Hb 1.3) que tudo o que a natureza produz, a chuva e o sol (Jr 5.24; At 14.17), a fertilidade e a esterilidade, a comida e a bebida, a saúde e a enfermidade (Jo 9.3), a riqueza e a pobreza (Pv 22.2), não acontece sem motivo, por acaso ou azar, mas segundo o conselho e a vontade do Pai celeste (Mt 10.29; Pv 16.33). (*Catecismo de Heidelberg*, questão 27)[3]

Remova a providência de Deus da natureza, e não somente toda a sensação de segurança irá embora, mas também o mundo se acabará; mudanças sem sentido logo substituirão sua ordem.

A mesma coisa é verdadeira em relação à sociedade. Mais uma vez há grande diversidade e mudança. Porém, na vida do homem, também há padrões e limites além dos quais, por exemplo, o mal parece não ter permissão para ir. Pink, ao longo de seu livro *A soberania de Deus*, argumenta:

> Para efeito de discussão, diremos que todo homem chega a esse mundo agraciado com uma vontade livre, e que é impossível forçá-lo ou coagi-lo sem destruir sua liberdade. Digamos que todo homem possui um conhecimento sobre certo e errado, podendo escolher entre eles, e é livre para tomar suas decisões e seguir seu próprio caminho. Então, entendemos que o homem é soberano, pois faz o que lhe convém e é o arquiteto de seu futuro. Mas, nesse caso, não podemos assegurar que todo homem rejeitará o bem e escolherá o mal. Não temos nenhuma garantia de que toda a raça humana cometerá um suicídio moral. Permitamos que toda a restrição divina seja removida, e que o homem seja deixado absolutamente livre no mundo, então todas as distinções éticas irão desaparecer de imediato, a barbárie prevalecerá no universo, e o pandemônio reinará supremo. (PINK, 1984, p. 42-43)

Porém, não é isso o que acontece, pois Deus não deixa Suas criaturas em total autonomia. Elas são livres, contudo dentro de certos limites. Além disso, Deus, em Sua perfeita liberdade, também intervém diretamente, como lhe convém, a fim de ordenar os desejos e ações dos homens.

O livro de Provérbios contém muitos versos sobre esse tema. Em Provérbios 16.1, lemos que, embora um indivíduo faça planos em seu coração, é o Senhor quem determina a resposta de sua boca: *Do homem são as preparações do coração, mas do SENHOR, a resposta da boca.*

O mesmo princípio é aplicado às emoções em Provérbios 21.1, em que as inclinações do rei são utilizadas como exemplo: *Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do SENHOR; a tudo quanto quer o inclina.*

As ações do homem também estão dentro da esfera da providência de Deus: *O coração do homem considera o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos* (Pv 16.9). Deus também trabalha nos resultados dessas ações, pois Sua vontade sempre prevalece: *Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá* (Pv 19.21). Tudo isso é resumido em Provérbios 21.30: *Não há sabedoria, nem inteligência, nem conselho contra o SENHOR.*

Da mesma forma, Deus exerce Seu domínio sobre o mundo espiritual. Os anjos estão sujeitos ao Seu comando expresso e regozijam-se em obedecer a Ele. Os demônios, embora em rebelião contra o Senhor, ainda estão

sujeitos aos Seus decretos e à Sua mão soberana. Satanás não pôde tocar em Jó antes de ter a permissão de Deus, e, quando a recebeu, certos limites foram estabelecidos: *Pois bem. Faça o que quiser com tudo o que Jó tem, mas não faça nenhum mal a ele mesmo* (Jó 1.12 NTLH). *E disse o SENHOR a Satanás: Eis que ele está na tua mão; poupa, porém, a sua vida* (Jó 2.6).

O domínio de Deus sobre as pessoas

O ponto de maior interesse para nós não está no domínio de Deus sobre a natureza ou sobre os anjos, mas na providência dele acerca dos homens, particularmente quando decidimos desobedecer ao Senhor.

É claro que não há nenhum problema com a providência de Deus quanto aos assuntos humanos, quando lhe obedecemos. Deus simplesmente declara o que Ele quer que seja feito, e assim se faz — com boa vontade.

Mas o que dizer daqueles momentos em que desobedecemos? E em relação ao grande número de pessoas não regeneradas que, ao que parece, nunca obedecem a Deus de bom grado? Por acaso Deus diz: "Bem, eu o amo, apesar de sua desobediência, e com certeza não vou insistir com nada desagradável. Então vamos apenas esquecer minha vontade."? Deus não age dessa forma. Se agisse, Ele não seria soberano. Por outro lado, Ele também não diz: "Você vai fazer isso! Eu vou esmagá-lo até você fazer!". O que de fato acontece, quando decidimos que não queremos fazer o que Ele deseja?

A resposta básica é que Deus estabeleceu leis para limitar a desobediência e o pecado, assim como estabeleceu leis para ordenar o mundo físico. Quando as pessoas pecam, geralmente acham que estão seguindo seus próprios termos. Porém, Deus diz: "Quando vocês desobedecerem, tudo será de acordo com as minhas leis, e não de acordo com as suas".

No primeiro capítulo de Romanos, Paulo escreveu que o homem natural não reconhece Deus como o Deus verdadeiro, não o adora como Criador, nem lhe é grato. Essa pessoa, portanto, é lançada a um caminho que a conduz para longe de Deus, passando a sofrer graves consequências, incluindo a degradação de seu próprio ser.

> *Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis.*
>
> Romanos 1.22,23

Nos versículos seguintes, lemos que Deus abandonou os homens em sua rebelião. Porém, quando Paulo escreveu que Deus os abandonou, isso não significa que Ele os deixou ao léu, como se tivesse simplesmente removido Sua mão deles, permitindo que fossem levados pelas circunstâncias. Em cada caso, Deus os entregou a uma situação específica: no primeiro caso, *à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si* (v. 24); no segundo, *às paixões infames* (v. 26); e no terceiro, *a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém* (v. 28).

Em outras palavras, Deus permite que os ímpios façam as coisas do seu jeito, mas, em Sua sabedoria, determinou que, quando o fizessem, sofressem as consequências de seus atos de acordo com as regras estabelecidas por Ele.

Se a raiva e a tensão não forem controladas, o corpo sofrerá com úlceras e pressão alta. A devassidão abre caminho para as doenças venéreas e para uma vida destruída. O orgulho é autodestrutivo. As consequências físicas das atitudes do homem são equivalentes às espirituais.

O princípio é verdadeiro para os ímpios, mas também para os cristãos. A história de

Jonas, no Antigo Testamento, ensina-nos que um crente pode desobedecer a Deus com tanta determinação que é preciso uma intervenção direta de Deus na sua história. Mas, quando o crente desobedece, ele sofre as consequências que Deus previamente estabeleceu para coibir a desobediência.

Jonas havia sido comissionado para levar uma mensagem de julgamento a Nínive. A missão dada a Jonas foi semelhante à Grande Comissão dada a todos os cristãos, pois a ele foi dito: *Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim* (Jn 1.2). Porém, Jonas não queria seguir a ordem de Deus, assim como muitos cristãos nos dias de hoje. Ele pegou um navio em Jope, na costa da Palestina, e seguiu em direção a Társis, que ficava provavelmente na costa da Espanha.

Jonas foi bem-sucedido? Nem um pouco. Sabemos o que aconteceu com ele. Deus tomou medidas drásticas, a fim de mudá-lo de rumo: deixou-o dentro da barriga de um grande peixe por três dias. Jonas, então, decidiu obedecer a Deus e ser um missionário.

O CURSO DA HISTÓRIA

Até agora, nosso estudo revelou exclusivamente atitudes cristãs em relação à providência. Primeiro, a doutrina cristã é pessoal e moral, em vez de abstrata e amoral. Isso a faz totalmente diferente da ideia pagã de destino. Segundo, a providência é uma operação específica. No caso de Jonas, ela envolveu um homem em particular, um navio, um peixe e a revelação da vontade divina para a cidade de Nínive.

Há mais uma coisa que deve ser dita a respeito da providência de Deus. Ela é proposital, isto é, é direcionada para um fim. Existe uma relação com a história real. Os eventos se movem numa direção específica, não são estáticos ou sem significado.

Na história de Jonas, o curso dos acontecimentos o levou ao seu eventual, e relutante, trabalho missionário e à conversão do povo de Nínive. Em uma conjuntura maior, a história caminha para a glorificação de Deus em todos os Seus atributos, principalmente na pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo. Essa ideia é extraída da definição de providência encontrada na *Confissão de Fé de Westminster*, que diz:

> Pela Sua muito sábia providência, segundo a Sua infalível presciência e o livre e imutável conselho da Sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória da Sua sabedoria, do Seu poder, da Sua justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as Suas criaturas, todas as ações e todas as coisas, desde a maior até a menor. (*Confissão de Fé de Westminster*, V, i)

O curso da história que conduz à glorificação de Deus é para o nosso bem também, pois *sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto* (Rm 8.28).

Qual o significado de *bem* nessa passagem? Obviamente, há muitas coisas a serem desfrutadas agora, e esse versículo as inclui. Mas, em seu sentido pleno, *bem* significa alcançar o propósito para o qual fomos criados, *porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho* (Rm 8.29).

O propósito de Deus é que sejamos como Jesus Cristo; assim, iremos glorificá-lo e desfrutar de Sua presença para sempre. A providência de Deus certamente fará todas essas coisas.

Discorrer sobre o *bem* exige que o mal seja objeto de nosso estudo também. Em Romanos 8.28, lemos que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus, e imediatamente nos perguntamos se o mal está incluído.

O mal está sob a direção de Deus? Até poderíamos interpretar que todas as coisas, segundo a justiça, cooperam para o bem dos que amam a Deus, mas esse entendimento, à luz das Escrituras, seria uma injustificável diluição do texto. Portanto, Deus usa todas as coisas, incluindo o mal, para cumprir Seu bom propósito no mundo.

Há duas situações a serem consideradas em que Deus usa o mal para promover o bem. A primeira, quando o mal é praticado pelos outros; e a segunda, quando o mal é praticado por nós mesmos ao pecarmos.

A Bíblia revela, por meio de muitos exemplos, que o mal praticado pelos outros coopera para o bem dos cristãos.

O filho de Noemi, um israelita, casou com uma moabita chamada Rute. Os judeus não deveriam casar-se com os gentios, pois isso era contrário à vontade revelada de Deus. Esse casamento, então, era considerado pecado. Contudo, foi por meio dessa união que Rute se tornou nora de Noemi e conheceu o Deus verdadeiro, escolhendo servir a Ele: *O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus* (Rt 1.16). Depois que o marido de Rute morreu, ela se casou com Boaz, e entrou para a linhagem do Messias, o Senhor Jesus Cristo (veja Mt 1.5).

Davi foi alguém que sofreu muito por causa dos pecados dos outros, incluindo até mesmo os pecados de seus filhos. Mas, à medida que era transformado por meio dessas experiências, Davi entendia que a mão de Deus estava no controle, revertendo em bênçãos todo o seu sofrimento, e pôde expressar isso em maravilhosos salmos, que têm sido bênção para milhões de pessoas.

Oséias sofreu com a infidelidade de sua esposa, Gomer. Mas Deus usou sua experiência para produzir um dos livros mais bonitos, tocantes e instrutivos do Antigo Testamento.

O pecado de toda a humanidade foi lançado sobre Jesus. Os líderes de Sua época o odiavam por causa de Sua santidade e desejavam eliminá-lo. Satanás trabalhou por meio desse ódio para atacar Deus, encorajando o povo a tratar Jesus sem misericórdia. Porém, Deus transformou tudo isso em bem, permitindo a crucificação de Cristo para a nossa salvação.

Em nada disso Deus foi responsável pelo mal ou conivente com o pecado, embora os pecados do homem e de Satanás estivessem envolvidos.

O próprio Jesus disse em referência a Judas: *Em verdade o Filho do Homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído!* (Mt 26.24).

Anteriormente, Ele havia declarado: *Porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!* (Mt 18.7).

Portanto, sem participar do pecado, Deus operou por meio dele, a fim de promover, em concordância com Seus propósitos eternos, o bem.

A segunda situação em que Deus usa o mal para realizar Seus propósitos é quando esse mal é praticado por nós mesmos toda vez que pecamos. Essa questão é difícil de entender, pois o pecado gera infelicidade no homem, deixando-o cego para os atos de Deus. Porém, de qualquer forma, o bem está envolvido.

Por exemplo, os irmãos de José tinham ciúme dele porque era o favorito do pai. Eles conspiraram e venderam-no para uma caravana de comerciantes midianitas, que o levou para o Egito. Lá, José trabalhou como escravo e logo foi jogado na prisão por causa das acusações injustas de uma mulher rejeitada. Mais tarde, chegou ao poder, tornando-se o agente pelo qual grãos foram armazenados durante sete anos de prosperidade para os subsequentes sete anos de miséria e fome generalizada.

Durante esse período de fome no Egito e em todo o mundo, os irmãos de José foram ajudados por José, aquele que haviam rejeitado! E esse resultado estava sob o controle de Deus, como José mais tarde lhes explicou:

E disse José a seus irmãos: Peço-vos, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse ele: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque, para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face. Porque já houve dois anos de fome no meio da terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem sega. Pelo que Deus me enviou diante da vossa face, para conservar vossa sucessão na terra e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito.

Gênesis 45.4-8

Após a morte do pai deles, os irmãos pensaram que José então se vingaria. Mas novamente ele acalmou seu medo dizendo: *Não temais; porque, porventura, estou eu em lugar de Deus? Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar em vida a um povo grande* (Gn 50.19,20).

Um grande mal havia habitado o coração dos irmãos. Porém, Deus usou a maldade deles não apenas para salvar outros, mas até mesmo para salvar a própria vida deles e a de suas esposas e seus filhos.

RESPONSABILIDADE HUMANA

Sempre haverá alguém que ouve essas verdades e imediatamente apregoa que ensinam que os cristãos podem pecar impunemente. Essa mesma acusação foi feita contra Paulo (Rm 3.8). Porém, nada é ensinado nesse sentido.

O pecado continua sendo pecado, e ainda traz consequências. O mal não mudou, mas Deus é maior do que o mal. Esse é o ponto! Deus está determinado a cumprir o Seu propósito, apesar do mal.

A providência de Deus não nos isenta de responsabilidade. Deus trabalha por meio de instrumentos (integridade, trabalho árduo, obediência e fidelidade dos cristãos, por exemplo). A providência dele não nos isenta de fazermos escolhas sábias ou de sermos prudentes. Por outro lado, ela nos livra da ansiedade ao fazermos a vontade do Pai: *Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé?* (Mt 6.30).

Em vez de ser um motivo para a autoindulgência, concessão, rebelião ou qualquer outro pecado, a doutrina da providência, na verdade, é um porto seguro e um estímulo à fidelidade a Deus.

Calvino nos deixou um sábio conselho sobre esse tema:

> A gratidão de alma pelo próspero resultado das coisas, seja a paciência na adversidade, seja, inclusive, a inabalável segurança em relação ao porvir, segue essencialmente esse conhecimento. Logo, qualquer coisa que acontecer de modo favorável e segundo o desejo do seu coração o servo de Deus atribuirá totalmente a Deus, quer sinta Sua beneficência por meio do ministério dos homens, quer seja ajudado por criaturas inanimadas, pois pensará assim: "Por certo que o Senhor inclinou o espírito destes para comigo, ligando-os a mim, a fim de serem instrumentos de Sua benignidade". (CALVINO, 1960, p. 219-220)

Sob essa perspectiva, o cristão deixará de preocupar-se com as circunstâncias e crescerá no amor e no conhecimento de Jesus Cristo, nosso Senhor, e do Pai, nosso Criador.

Notas

1 É uma confissão de fé reformada, de orientação calvinista, adotada por muitas igrejas presbiterianas e reformadas ao redor do mundo. Esta Confissão de Fé foi produzida pela Assembleia de Westminster e aprovada pelo Parlamento Inglês em 1643. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Confiss%C3%A3o_de_F%C3%A9_de_Westminster)

2 O chamado *Catecismo de Heidelberg* é um documento protestante que se apresenta na forma de uma série de perguntas e respostas, utilizadas nas igrejas reformadas.
(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Catecismo_de_Heidelberg)

3 Fonte: http://www.ebenezer.org.br/Download/Onezio/CatecismoHeidelberg.pdf